

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

LAILA PRISCILA GRAF

**ENTRE A COZINHA E O ABATEDOURO:
OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA MULHERES ATUANTES NA
INDÚSTRIA AVÍCOLA**

FLORIANÓPOLIS

2009

LAILA PRISCILA GRAF

**ENTRE A COZINHA E O ABATEDOURO:
OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA MULHERES ATUANTES NA
INDÚSTRIA AVÍCOLA**

**Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em
Psicologia, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas.**

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Chalfin
Coutinho**

FLORIANÓPOLIS

2009

LAILA PRISCILA GRAF

**ENTRE A COZINHA E O ABATEDOURO: OS SENTIDOS DO TRABALHO
PARA MULHERES ATUANTES NA INDÚSTRIA AVÍCOLA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Chalfin Coutinho (Orientadora)
Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC

Prof.^a Dr^a Suzana da Rosa Tolfo
Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC

Prof. Dr. Ricardo Luiz Coltro Antunes
Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP

Prof. Dra. Edite Krawulski (Suplente)
Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC

Florianópolis, 16 de abril de 2009.

Dedico aos meus pais, Sálvio e Maria Salete Graf, com muito amor, por tudo o que fizeram e ainda realizam por mim, por serem certamente os pilares de sustentação da minha vida.

E ao meu amor, Daniel Augusto Longo, por sua efetiva presença nesta caminhada, paciência e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Chalfin Coutinho, por me receber como sua orientanda; pelo apoio, paciência e seus ensinamentos em todo o percurso desta investigação. Sem sua dedicação, a concretização desta dissertação certamente não seria possível.

Aos proprietários do estabelecimento onde foi efetuada a pesquisa de campo, por disponibilizarem os recursos para a efetuação da pesquisa, por acreditarem no conhecimento e não terem receios de seus resultados.

Às trabalhadoras participantes da pesquisa, por confiarem em mim, no meu trabalho e compartilharem comigo as suas histórias de vida.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Prof. Dr^a. Dulce Helena Penna Soares, Prof. Dr. Kleber Prado Filho, Prof. Dr^a. Edite Krawulski, Prof. Dr^a Andrea Vieira Zanella, por seus ensinamentos sobre a ciência, métodos e teorias da psicologia.

Aos professores do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Prof. Dr. Luciano Félix Florit, Prof. Dr^a Vera Iten Teixeira e Prof. Ms. Iara Maria Chaves, por acreditarem em mim e me apoiarem nos caminhos da pesquisa.

A Elizabeth Vargas, minha querida amiga, que me recebeu sempre como filha na sua casa, pois, minhas noites na ilha se tornaram muito mais divertidas e aconchegantes.

Aos/as amigos/as feitos no percurso do mestrado, companheiros de vida e de trabalho, Irene Fabrícia Ehrlich, por nossas conversas psicológicas e, Maria Fernanda Diogo, pelas enriquecedoras interlocuções entre trabalho e gênero, bem como os/as pesquisadores/as do Núcleo de Estudos do trabalho e Constituição do Sujeito.

Às pessoas que me auxiliaram na construção desse manuscrito, a Silvia Pereira pelo auxílio em parte da transcrição das entrevistas, Rafael Ivan Corrêa pelo croqui da planta industrial do abatedouro, pelas leituras textuais de Liliane Jarschel e Karen Marie Warren Graf.

Aos meus queridos amigos, pela sua participação no cotidiano da minha vida, em especial, a Michelle Cristelli, por acompanhar meus passos no percurso desta dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos.

Aos/as professores/as e dirigentes da Universidade Federal de Santa Catarina, por entre muitos fatores, oportunizarem minha participação na *XVI Jornada de Jovens Investigadores*, ocorrida na *Universidad de La República*, em outubro de 2008, Montevideo, Uruguay.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	8
LISTA DE TABELAS.....	9
RESUMO.....	10
ABSTRACT	11
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	12
1 ILUMINANDO UM PROBLEMA	13
2 TRABALHO DE MULHERES E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS.....	20
2.1 <i>Trabalho e as mulheres.....</i>	20
2.2 <i>Gênero e divisão sexual do trabalho.....</i>	26
2.2.1 <i>Emergência dos estudos de gênero</i>	26
2.2.2 <i>Estudos sobre trabalho e gênero: evolução dos movimentos investigativos.....</i>	28
2.3 <i>Trabalho das mulheres no meio rural.....</i>	31
2.4 <i>Produção de sentidos no cotidiano de trabalho.....</i>	34
3 ITINERÁRIO	40
3.1 <i>Preâmbulo do itinerário.....</i>	40
3.2 <i>Participantes da pesquisa</i>	42
3.3 <i>Procedimentos de coleta de informações.....</i>	43
3.4 <i>Procedimentos para análise de informações</i>	45
4 PRODUÇÃO AVÍCOLA, TRABALHADORES/AS E O PROCESSO DE TRABALHO NA INDÚSTRIA.....	49
4.1 <i>Avicultura industrial</i>	49
4.2 <i>Indústria de abate investigada</i>	53
4.3 <i>Processo de trabalho.....</i>	58
4.4 <i>Trabalhadores/as</i>	61
5 TRAJETÓRIAS DAS TRABALHADORAS	71
5.1 <i>Histórias de muito trabalho e poucos empregos.....</i>	71
5.2 <i>Modos de inserção profissional no abatedouro</i>	78
5.3 <i>O cotidiano de trabalho no abatedouro</i>	81
5.4 <i>Projetos profissionais.....</i>	90
6 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO.....	95
6.1 <i>O trabalho na indústria de abate avícola</i>	95
6.2 <i>O trabalho doméstico não-remunerado</i>	103
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
8 REFERÊNCIAS	114
9 APÊNDICES.....	124
<i>Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</i>	125
<i>Apêndice B – Roteiro de Entrevista para as Trabalhadoras</i>	126
<i>Apêndice C – Roteiro de Entrevista para o Encarregado.....</i>	128
<i>Apêndice D – Roteiro de Entrevista para o Proprietário</i>	129
10 ANEXO.....	130

Anexo A - Termo de Aprovação de Projeto no Comitê de Ética..... 131

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Croqui da planta industrial do abatedouro	56
Figura 2 - Distribuição dos trabalhadores/as por ocupações	62
Figura 3 – Distribuição dos trabalhadores/as por ano de admissão.	63
Figura 4 – Distribuição dos trabalhadores por sexo e grupos de idade.	64
Figura 5 – Distribuição dos trabalhadores/as por sexo e escolaridade.	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Análise das informações.....	47
Tabela 2 - Caracterização das Entrevistadas.....	66
Tabela 3 - Trabalhos anteriores das entrevistadas	72
Tabela 4 - Informações sobre as ocupações cotidianas	82
Tabela 5 - Informações sobre os projetos	90
Tabela 6 - Informações sobre as ocupações das entrevistadas no abatedouro.....	99
Tabela 7- informações sobre a divisão do trabalho no espaço doméstico	104

GRAF, Laila Priscila. **Entre a cozinha e o abatedouro: os sentidos do trabalho para mulheres atuantes na indústria avícola**. Florianópolis, 2009. 131f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof. Dr^a. Maria Chalfin Coutinho.

Defesa: 16/04/2009

RESUMO

Esta pesquisa investigou os sentidos atribuídos ao trabalho por mulheres que atuam em um abatedouro avícola, localizado no interior de Santa Catarina. O trabalho foi compreendido a partir de uma dupla dimensão; de um lado, o trabalho concreto, que seria o modo do ser humano transformar os objetos, se realizando na atividade e, de outro lado, o trabalho inserido nas relações capitalistas. Para a análise do trabalho realizado pelas mulheres, essa compreensão foi complementada com a perspectiva de gênero e da divisão sexual do trabalho. A análise dos processos de produção de sentidos no cotidiano de trabalho foi fundamentada no construcionismo social, uma abordagem que compreende os sentidos como discursos construídos social e historicamente. Esta pesquisa consistiu em um estudo de caso, cujo principal instrumento empregado para a coleta das informações foi a entrevista, efetuada com oito trabalhadoras. As análises foram elaboradas a partir dos discursos das trabalhadoras, o material coletado foi organizado em categorias temáticas e relacionado com as teorias. Os resultados mostraram dois enfoques: o primeiro foi relativo às trajetórias das trabalhadoras, observando os motivos de ingresso das trabalhadoras no abatedouro, a configuração das relações cotidianas no trabalho e as perspectivas profissionais futuras. O segundo enfoque foi referente à divisão sexual do trabalho, na qual foi observada a presença da divisão tanto no âmbito produtivo, como no doméstico. Na produção, as trabalhadoras se ocupavam com tarefas repetitivas e distribuídas em poucos cargos. No espaço doméstico, as mulheres participavam da renda familiar, mas permaneciam com a responsabilidade exclusiva dos trabalhos domésticos não-remunerados. Estes dois enfoques de análises estavam constantemente imbricados, pois as trajetórias das trabalhadoras foram continuamente marcadas pela divisão sexual do trabalho. Este estudo ressalta a importância de haver continuidade nas investigações que relacionem trabalho e gênero neste setor produtivo.

Palavras-chave: trabalho; gênero; divisão sexual do trabalho; produção avícola; trajetórias.

GRAF, Laila Priscila. **Between the slaughterhouse and the kitchen: the meanings of work for women in the poultry industry**. Florianópolis, 2009. 131 p. Dissertation (Master in Psychology). Psychology Postgraduate Program, Santa Catarina Federal University.

ABSTRACT

This research investigated the meanings attributed to work by women who work in a poultry slaughterhouse, located in the periphery of Santa Catarina. The work was comprised from a dual dimension; on one hand, the concrete work, which is the way humans transform objects, performing activities and, on the other hand, the work included in capitalist relations. For the analysis of work done by women, this understanding was supplemented with the perspective of gender and sexual division of labor. The analysis of the production of meaning in the daily work was based on social constructionism, an approach that understands the meanings and socially and historically constructed discourses. This research consisted of a case study, whose main instrument used for the collection of information was the interview, conducted with eight employees. The tests were prepared from the discourses of the workers, the material collected was organized in thematic categories and related theories. The results showed two approaches: the first was on the professional paths of the workers, noting the reasons for their entry into the slaughterhouse, the configuration of relationships in the daily work, and future career prospects. The second focus was on the gender-based division of labor, which was observed in the presence of division both within manufacturing, as well as in the home. In production, the workers are occupied with repetitive tasks and distributed in a few positions. In the domestic area, women are involved in family income, but remained with the sole responsibility of non-remunerated domestic work. These two approaches of analysis were constantly interlinked, because the paths of the workers were continuously marked by a gender-based division of labor. This study emphasizes the importance of having continuity in investigations related to work and gender.

Keywords: work, gender, sexual division of labor; poultry production; trajectories.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
GIPADMA	Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente
FAPESC	Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina
CIEE	Centro de Integração Empresa Escola
NETCOS	Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito
FURB	Universidade Regional de Blumenau
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online do Brasil</i>
LILACS	Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
GERS (ex GEDISST)	Gênero e relações sociais, grupo de pesquisa anteriormente nomeado de GEDISST Grupo de Estudos sobre Divisão Social e Sexual do Trabalho.
MOW	<i>Meaning of Work International Research Team</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
CEPA	Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
UBA	União Brasileira de Avicultura
CNAE	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
DEPLA	Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
AVITA	Avícola Itaiópolis
RIISPOA	Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária dos Produtos de Origem Animal (Brasil)
CIDASC	Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina
SIE	Serviço de Inspeção Estadual
FATMA	Fundação do Meio Ambiente do Estado de Santa Catarina
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CONTAC	<i>Confederación Nacional de los Trabajadores de la Alimentación</i>
REL-UITA	Secretaria Regional Latinoamericana da União Internacional dos Trabalhadores da Alimentação, Agricultura, Hotéis, Restaurantes, Fumo e Afins.

1 ILUMINANDO UM PROBLEMA

Desde 2004, a pesquisadora participa do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Desenvolvimento e Meio Ambiente (GIPADMA)¹. Neste período, trabalhou durante dois anos em um projeto, com o objetivo de analisar as implicações éticas, entre humanos e não-humanos, das atividades desenvolvidas em abatedouros situados em municípios do médio Vale do Itajaí (Florit, Teixeira, Chaves & Graf, 2006)². Também acompanhou, nesse grupo, o andamento de seis pesquisas de Iniciação Científica e da formulação de duas propostas de pesquisa à Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC) sobre o contexto e a funcionalidade de abatedouros.

Entre os estudos acima mencionados, a investigadora efetuou uma pesquisa sobre a vida profissional de duas mulheres trabalhadoras de um pequeno abatedouro de animais (Graf & Silva, 2006), com a articulação dos temas *trabalho* e *gênero*, os quais estavam presentes em outras atividades de sua formação e profissão: no atendimento às mulheres no Serviço Judiciário (Graf & Frassão, 2003); no estudo de gênero em relações institucionais (Graf & Brognoli, 2003); na proposta da licenciatura com o tema da sexualidade (Graf, Vaz & Wilde, 2003); nos cursos de iniciação profissional no Centro de Integração Empresa - Escola (CIEE), como na especialização em Gestão e Educação do Trabalhador.

Com o objetivo de continuar pesquisando as relações de trabalho e constituição de sujeitos em abatedouros, a autora encontrou suporte e instrumentos teórico-metodológicos nos estudos do Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS)³. O acolhimento na área de Práticas Sociais e Constituição do Sujeito, do programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, no curso de Mestrado, proporcionaram à autora os meios para aprofundar os conhecimentos sobre trabalhadoras deste setor produtivo.

¹ Grupo vinculado institucionalmente à Universidade Regional de Blumenau (FURB), Santa Catarina, coordenado pelo Prof. Dr. Luciano Félix Florit.

² A pesquisa intitulava-se “Interesses de humanos e de não humanos nos abatedouros do Médio Vale do Itajaí. Uma análise das implicações éticas e psico-sócio-culturais do tratamento aos animais para o desenvolvimento regional”.

³ Grupo vinculado institucionalmente à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), coordenado pela Prof^a. Dr^a Maria Chalfin Coutinho.

O tema do trabalho é o alicerce dessa pesquisa, a partir da centralidade do mesmo na constituição dos seres humanos. O conceito de trabalho em uso corresponde a uma dupla face de entendimento; de um lado, seria a dimensão concreta, que juntamente com outros processos e fatores sociais possibilitaria a emancipação, a criatividade e a sociabilidade humana e, de outro lado, seria a dimensão abstrata, vinculada ao capitalismo com a produção atrelada ao mercado do capital, ocasionando perdas de sentidos de realização pessoal para os trabalhadores (Antunes, 2005). Esta concepção sobre trabalho se insere na perspectiva marxiana e será exposta na fundamentação teórica⁴.

Aqui é importante destacar a necessidade de considerar ambas as dimensões do trabalho, para compreender a atividade realizada por mulheres e suas relações com o mercado, relacionando as atividades destinadas às mulheres na esfera doméstica e as atividades assalariadas. Nesse sentido, as análises de gênero subsidiaram os entendimentos sobre homens e mulheres nos espaços de trabalho, observando que as relações de poder estão presentes entre e intra os gêneros masculinos e femininos, envolvendo os seres em todos os territórios sociais. Com isso, Bruschini (1994a, p. 22) informa que as análises sobre o trabalho feminino devem estar “atenta[s] à articulação entre produção e reprodução, assim como às relações sociais entre os gêneros”. Concepção articulada com as formulações de Scott (1999) sobre gênero, a partir do conhecimento dos discursos que fundamentam o ser homem e ser mulher em um determinado contexto cultural e histórico, bem como com a divisão sexual do trabalho⁵, que analisa as “relações de opressão e exploração entre duas categorias de sexo socialmente construídas” (Hirata, 2001, p. 281).

Esta pesquisa foi elaborada com um recorte de gênero, ao eleger como seus sujeitos as trabalhadoras de um abatedouro, considerando também o fato de estas mulheres residirem no meio rural ou em locais periurbanos. É necessário destacar que o meio rural não é entendido aqui como resultado de uma oposição entre urbano e rural, mas sim, como um segmento social em continuidade com o espaço urbano (Wanderley, 2000). Entre as particularidades deste, encontra-se a relação familiar articulada com as relações de trabalho, não havendo separação entre negócio e família (Stolf, 2007). O

⁴ Nos escritos deste texto foram usados os termos trabalho, atividade e labor com o mesmo significado.

⁵ “Trabalhar com a divisão sexual do trabalho é também uma escolha que permite levar em conta o caráter multidimensional do trabalho[...]”(Hirata, 2001, p. 277).

caso do trabalho da mulher rural é diferente daquele da urbana, pois mesmo havendo para as duas os trabalhos domésticos, a mulher rural ainda é responsável por outras atividades da residência/propriedade, como a agricultura de subsistência. As questões sobre o trabalho e o trabalho feminino são essenciais para compreensão dos espaços sociais e históricos de trabalhadoras do meio rural. Também é relevante para este estudo compreender os processos de significação no trabalho, que serão analisadas por meio da categoria produção de sentidos.

Existem muitas abordagens teóricas que estudam as produções de sentidos a partir da psicologia, mas foi eleito aqui o construcionismo social. Esta abordagem permitiu o estudo das produções de sentidos no cotidiano e explicá-las como uma construção dialógica entre os sujeitos (Spink & Frezza, 2004). Os sentidos são entendidos como uma construção social “um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas [...] constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta” (Spink & Medrado, 2004, p. 41).

O construcionismo social compreende as práticas sociais, partindo dos usos da linguagem, por isso os sentidos são “fenômenos sociolingüísticos”, pois nesse entendimento “as práticas discursivas atravessam o cotidiano” (Spink & Medrado, 2004, p. 42). Por meio dos discursos é possível investigar as redes de significações sobre o que é ser mulher e ser homem, em um momento histórico e demarcado socialmente. O caso estudado possibilitou compreender os espaços destinados ao trabalho das mulheres, no abatedouro e no âmbito doméstico, tal como os sentidos apropriados e produzidos pelas pessoas fundadas nestes lugares.

Para a realização da dissertação foi necessário buscar conhecimentos sobre abatedouros de animais, de forma a subsidiar a compreensão desta atividade produtiva. O abate de animais é uma prática habitual há muito tempo, inicialmente feita de modo artesanal por agricultores ou colonos. No Brasil, somente a partir dos anos 1970, o abate de aves tornou-se um procedimento industrial (Paulilo, 1987a), existindo, desde então, significativas modificações no processo de efetuar o abate: na organização da mão-de-obra, no acréscimo da quantidade de animais abatidos, na ampliação do uso de tecnologias, na quantidade de trabalhadores e nas legislações pertinentes ao sistema de

vigilância sanitária para o controle de qualidade dos produtos de origem animal (Florit et al, 2006; Alencar, 2006).

No panorama internacional, de acordo com a Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina (2005-2006), em 2008 o Brasil foi o terceiro maior produtor de carne de frango, seguindo os USA e a China. O país ocupa atualmente o quarto lugar em consumo e segue como o maior exportador de carne de aves do mundo. No panorama nacional, o crescimento da produção de frangos é realizado em ritmo acelerado, o total de abate de frango cresceu 2,6% em 2003, 8,8% em 2004 e 9,5% em 2005.

Considerando a movimentação econômica, o estado de Santa Catarina está em segundo lugar em importância no abate de aves, estando o Paraná em primeiro lugar e o Rio Grande do Sul na terceira posição⁶. Nesse estado, cabe destacar que é na região oeste onde há maior produtividade agroindustrial (Boni, 2005), com empresas avícolas de grande porte, como exemplo, a Sadia, com duas unidades industriais. No entanto, existem grandes, médias e pequenas produtoras avícolas por todo o estado e a microrregião de Blumenau⁷ é a segunda colocada em termos de produtividade, com um cenário que compreende uma maioria de abatedouros avícolas de médio e pequeno porte e com funcionamento pautado no trabalho familiar (Florit et al, 2006).

Um aspecto constatado na microrregião de Blumenau foi que nos pequenos abatedouros, tanto de aves como bovinos e suínos, existia maior envolvimento de familiares no processo produtivo, enquanto que nas empresas médias, mesmo se autoidentificando como familiares, há maior distância entre os familiares e a cadeia produtiva (Florit et al, 2006; Grava & Florit, 2008). Desta forma, a família está inter-relacionada com o trabalho nos pequenos abatedouros, pela produção diversificada proveniente da agricultura e pelo trabalho coletivo.

Considerando a complexidade dos arranjos e características do trabalho nesses diferentes contextos e organizações de pequeno e médio porte, com base nos trabalhos realizados em conjunto com o grupo do GIPADMA, foi escolhido pela autora um

⁶ Mais informações sobre o contexto produtivo avícola poderá ser observado no item 4.1 Avicultura industrial (p. 49).

⁷ Embora na pesquisa de Florit et al. (2006) o termo regional usado fosse Médio Vale do Itajaí, na presente pesquisa usa-se microrregião de Blumenau, nomenclatura também aproveitada pelo IBGE (2004), que integra dois municípios a mais dos apontados pela região do Médio Vale, são eles: Apiúna, Acurra, Benedito Novo, Blumenau, Botuverá, Brusque, Doutor Pedrinho, Gaspar, Guabiruba, Indaial, Luiz Alves, Pomerode, Rio dos Cedros, Rodeio, Timbó.

pequeno abatedouro, com inspeção sanitária estadual, com uma considerável presença de trabalhadoras na produção⁸. Dentre as trabalhadoras desta organização foram escolhidas as participantes deste estudo. Deste modo, foi investigado o trabalho feito pelas mulheres em um estabelecimento de abate avícola⁹, tomando como referência a seguinte questão: **quais os sentidos atribuídos ao trabalho por mulheres que atuam em um abatedouro avícola?**

Com o objetivo de conhecer a produção científica sobre o trabalho de mulheres em abatedouros de aves, foi pesquisado pela autora o tema nas bases de dados da *Scientific Electronic Library Online do Brasil* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e no Google Acadêmico¹⁰. Para a investigação, foram usados em cada consulta três descritores relacionados: o primeiro termo: /abatedouro/ou /refrigerador/ ou /agroindústria/; o segundo termo: /trabalhador/ ou /trabalhadora/ e o terceiro termo: /aves/ ou /avicultura/¹¹.

No SciELO Brasil não foi encontrado nenhum artigo discutindo estas relações. No LILACS com os mesmos descritores foi identificado um artigo que analisa as formas de prevenção de tendinite e tenossinovite nos trabalhadores em um abatedouro de aves (Ruiz, 1999). No GOOGLE Acadêmico foram achados cinco trabalhos: uma dissertação sobre o absenteísmo, realizada num abatedouro de aves (Matos, 2003); uma dissertação sobre o trabalho feminino e a gravidez numa indústria de abate de aves (Fiewski, 2002); um artigo sobre a saúde ocupacional de trabalhadores de abatedouros em relação à atenção primária de saúde (Nogueira, 1984); uma dissertação sobre o perfil epidemiológico de trabalhadoras em uma agroindústria do sul do Brasil (Mesquita,

⁸ Este processo de seleção do estabelecimento poderá ser visto no item 3.1 (p. 40).

⁹ Na avicultura de corte, os pequenos estabelecimentos abatem em torno de 300 a 20.000 aves/dia e se caracterizam pelo uso de tecnologia predominantemente manual. Os abatedouros de médio porte possuem uma produção em torno de 20.000 a 100.000 aves/dia e usam a tecnologia semiautomatizada. Os abatedouros de grande porte, também chamados de frigoríficos, abatem acima de 100.000 aves/dia com tecnologia automatizada (Mouchrek, s.n.) e Dickel et al. (2005). O abatedouro pesquisado foi considerado pequeno em relação ao setor avícola apontado por Mouchrek (2005), por abater entre 16.000 a 20.000 aves ao dia, mas também se considera que o estabelecimento está no limite de ser considerado mediano, mesmo porque gera emprego para cerca de cem pessoas.

¹⁰ A pesquisa foi feita nas bases de dados SciELO Brasil, LILACS e no Google Acadêmico na Língua Portuguesa, nos dias 4 de junho e 15 de outubro de 2007.

¹¹ É importante ressaltar a diversidade de nomenclaturas usadas para nomear os estabelecimentos de abate, de forma que houve dificuldades na busca de trabalhos, pois os nomes encontrados foram vários, como abatedouro, agroindústria, matadouro, frigorífico, granja, sistemas agroalimentares, avicultura industrial; embora existam diferenciações nos usos dos termos, é necessário haver atenção quando se estuda os estabelecimentos não por tamanho e sim por atividade produtiva.

2005); a dissertação sobre o trabalho das mulheres em agroindústrias familiares (Boni, 2005) e um artigo sobre o empoderamento como prevenção de problemas de saúde em trabalhadores de abatedouros (Tavolaro et al., 2007).

Depois dessa pesquisa nas bases de dados, foi efetuada outra investigação somente com o termo /abatedouro/. Foi encontrado no SciELO 36 artigos, no LILACS 45 artigos e no Google Acadêmico 1.020 páginas, com 10 artigos cada uma no idioma português. No intuito de compreender os assuntos desses estudos, foram selecionado os termos e os descritores /abatedouro/ e /aves/, somente na base SciELO. Foram encontrados nove artigos, com as seguintes temáticas: jejum antes do abate, morfologia do ovário das aves, resíduos, avaliação do stress do animal no transporte, antibióticos, desempenho da carcaça¹².

Em síntese, as pesquisas nas bases de dados mostraram maior incidência de produções teóricas focalizadas nos aspectos produtivos do abatedouro e, em menor intensidade, trabalhos voltados à relação saúde/doença do trabalhador de abatedouros. Por sua vez, não foram encontrados artigos ou teses com o enfoque nos sentidos produzidos pelas trabalhadoras em abatedouros, ampliando a relevância científica de efetuação deste estudo, examinando as relações de gênero imbricadas em um setor propiciador de graves enfermidades, acidentes e alto índice de absenteísmo. A relevância social, além disso, se caracteriza por descrever criticamente uma realidade pouco observada pelos veículos de comunicação e nas discussões sociais da atualidade, promovendo reflexões importantes associadas ao trabalho feito pelas mulheres, notadamente, na produção de carne. Diante destes aspectos, foram assinalados abaixo os objetivos deste trabalho:

- Objetivo Geral

Identificar os sentidos atribuídos ao trabalho por mulheres que atuam em um abatedouro avícola

- Objetivos Específicos

¹² (Mendes, 2001; Parizzi et al., 2007; Morais, Paula Junior, 2004; Moraes et al. 1997; Ponsano, Lavaca, Pinto, 2003; Moreira, Moraes, 2002; Silva et al 2007; Stringhin, 2003).

Identificar as trajetórias de trabalho das mulheres atuantes na linha produtiva de um abatedouro avícola.

Compreender como as mulheres investigadas vivenciam suas atividades profissionais em um abatedouro.

Caracterizar o processo de trabalho das trabalhadoras na organização e no âmbito doméstico.

Estes objetivos foram norteadores no percurso da investigação cujo empreendimento resultou neste manuscrito. De modo a apresentar esse documento, são esclarecidos, em continuidade, aspectos referentes às relações de trabalho, ao trabalho feito por mulheres, à questão teórica da divisão sexual do trabalho e às leituras sobre o trabalho da mulher no âmbito rural e suas implicações. Em seguida, é descrita a concepção de sentidos do trabalho com base no construcionismo social. No terceiro capítulo, foi abordado o itinerário da pesquisa, assinalando todos os procedimentos adotados durante o seu percurso. O quarto, quinto e sexto capítulos são referentes às análises; foi elaborada a articulação entre os materiais identificados na pesquisa com as perspectivas teóricas assinaladas e, depois, apresentam-se no sétimo capítulo as considerações finais do trabalho.

2 TRABALHO DE MULHERES E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

2.1 Trabalho e as mulheres

O trabalho é uma dimensão central na vida humana, embora essa centralidade tenha sido questionada a partir da década de 1970. Gorz (1982), declarando o fim do proletariado, Offe (1989), de outro lado, questionando a centralidade da categoria do trabalho ou mesmo uma retração desta quanto a sua relação de ser estruturante da vida humana na contemporaneidade. Com o advento dessas questões, Antunes (2005) argumenta contra estas ponderações alegando o fim do trabalho ser insustentável, pelo fato dele não ser somente vinculado ao capital, no formato assalariado, mas, também, pelo trabalho dotar sentido à vida humana.

Ancorado no referencial materialista histórico e dialético, o trabalho é entendido aqui com uma dupla face. De um lado, a dimensão concreta, quando um sujeito, a partir da coleta do barro e da água, consegue transformar esses elementos naturais em uma escultura, por exemplo; está consolidando um trabalho dotado de planejamento, força e acompanhamento de seu resultado, constituindo um entre outros fatores que fundamenta uma possibilidade de emancipação humana. É neste momento em que o sujeito realiza uma atividade, um processo de composição, que ele se torna hábil, aprende a utilizar os instrumentos para essa criação. De outro lado, o trabalho está preso ao capitalismo, o qual situa o sujeito inserido em processos de trabalho com vistas à valorização do capital ao invés da construção e criação humana, caracterizando a dimensão abstrata do trabalho.

Com Marx (1867/1998, p. 211), é possível compreender o trabalho concreto como “um processo de que participa o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza”. Nesse aspecto, o trabalho compreende o engajamento do sujeito em planejar, confeccionar, selecionar instrumentos para a execução e na ação de transformar seus materiais.

Os objetos são construídos para suprirem as condições necessárias à vida humana, por exemplo, com o processo de trabalho, os seres humanos têm a possibilidade de

transformar tecidos em vestimenta; frutas e legumes em alimentos; cuidados pessoais e higiene em saúde humana; a carne animal em alimento humano. O trabalho, em seu desenvolvimento, acarreta a transformação pessoal e promove a sociabilidade das pessoas. Portanto, ao mesmo tempo em que um ser constrói um objeto, são constituídas as suas condições humanas: de vida, pensamento, linguagem e espaços de interação humana.

No capitalismo, o processo do trabalho apresenta outras características quanto à sua forma; o produto permanece com seu valor, mas o tempo e o trabalho materializados nessa produção são subtraídos. O trabalhador não realiza mais a atividade por um sentido, mas pela contrapartida financeira aceita como pagamento (Marx, 1867/1998). O trabalho torna-se um meio para atingir um valor econômico, perdendo o sentido de criação e transformador humano¹³. Antunes (2005), apoiado em Marx, explica essa dimensão abstrata como um processo que se torna o principal modo de subsistência dos humanos, por meio da remuneração, bem como a força de trabalho é vista como uma mercadoria especial, cujo objetivo é a criação de outras mercadorias e dar valor ao capital.

O trabalhador, nessa dimensão, pouco se reconhece como construtor de um objeto e a atividade deixa de ser uma fonte de satisfação, porque visa ao mundo das mercadorias e da valorização do capital (Antunes, 2005). Como exemplo dessa dimensão abstrata, é possível apontar as mulheres em suas funções de cortar e embalar as carnes, mesmo com agilidade e interesse em relação à atividade específica, podem desconhecer outras partes do processo de abate que compõem da criação do animal à venda das carnes.

Os trabalhadores de abatedouros desenvolvem um trabalho operário, situados no âmbito de um sistema capitalista e de um sistema produtivo particular, o da indústria produtiva da carne. A história da produção animal nas propriedades rurais, os incentivos à produção, os médicos veterinários, as instituições de inspeção sanitária e os consumidores produzem discursos que são inter-relacionados com o entendimento dos trabalhadores sobre a sua atividade. O trabalho em abatedouros, portanto, não está

¹³ “O processo de trabalho se converte em meio de subsistência e a força de trabalho se torna, como tudo, uma mercadoria especial, cuja finalidade vem a ser a criação de novas mercadorias objetivando a valorização do capital” (Antunes, 2005, p. 69).

descolado dos discursos sociais, permanecendo em aberto a maneira de compreender essa atividade pelo profissional.

Ao longo do sistema capitalista, houve transformações no modo de organizar o trabalho. Em um primeiro momento, o trabalho sob o capitalismo era baseado nos sistemas do *taylorismo* e do *fordismo*. O *taylorismo* se caracterizou com o emprego do sistema de Frederick Taylor no trabalho, consistindo na aplicação dos conhecimentos científicos para o acréscimo da produção, os princípios eram baseados na valorização na hierarquia, na disciplina e no elevado controle do tempo e das atividades, fundamentalmente em colocar o homem certo no lugar certo. O *Fordismo*, por conseguinte, seria o modo de funcionamento do trabalho introduzido por Henry Ford, com os pressupostos de elevação do salário, linha de montagem, novas formas de controle de ritmo do trabalho e incentivos monetários dados aos trabalhadores (Heloani, 2003).

Os dois modelos, apresentados acima de modo muito sintético, dominaram o sistema produtivo e os processos de trabalho por quase todo o século XX, estando presentes no período da grande indústria. Um período pautado na produção intensa de mercadorias, com característica de produtos mais homogêneos e uma organização vertical das atividades (Antunes, 2002).

No âmbito desse binômio *taylorismo/fordismo*, a produção de mercadorias era realizada dentro do galpão industrial, ou seja, todos os aspectos necessários à industrialização de mercadorias eram feitos no espaço interno da fábrica, com apenas materiais acessórios produzidos de maneira secundária, feitos esporadicamente por outras empresas (Antunes, 2002). Como exemplo desta dinâmica, era possível observar a produção têxtil no contexto da microrregião de Blumenau, na década de 1980, os grandes galpões com produções ininterruptas de variados materiais necessários à fabricação, todos os objetos eram feitos em um mesmo parque industrial.

Nesse contexto descrito acima, a organização do trabalho era estruturada especialmente de forma parcelar e fragmentada, como indicou Antunes (2002), de modo que havia uma decomposição das tarefas, na qual o trabalhador exercia atividades repetitivas e o coletivo construía um produto no final. Também havia a separação do trabalho intelectual-braçal, um controle intenso sobre o tempo e os movimentos, como mencionou Heloani (2003). Segundo o autor, os trabalhadores tornavam-se apêndices

das máquinas e do processo de fabricação do objeto, bem como executavam funções que lhes eram predestinadas, em uma perspectiva de separação do trabalho, algumas pessoas comandavam e muitas outras executavam.

A partir dos anos 1970, os padrões *tayloristas* e *fordistas* deixaram de ser hegemônicos, devido à crise estrutural atravessada pelo capitalismo. “O taylorismo e o fordismo passam a conviver ou mesmo a ser substituídos por outros modelos considerados mais ‘enxutos’ e ‘flexíveis’, melhor adequados às novas exigências capitalistas de um mercado cada vez mais globalizado” (Navarro & Padilha, 2007, p. 17). Os modelos de produção e organização do trabalho começaram a se modificar para acompanhar as mudanças globais e o desenvolvimento de tecnologias, aspectos que alteraram profundamente o anteriormente consolidado cenário empresarial.

As empresas, a partir dos anos 1980, necessitaram cada vez mais de agilidade em seus processos produtivos para atenderem à flexibilidade de um mercado, com variações nos produtos, aumento na qualidade e melhoria nos serviços. Assim, as organizações necessitaram de alternativas de modelos mais flexíveis, ao contrário dos anteriores *taylorismo/fordismo* já considerados rígidos (Navarro & Padilha, 2007). Os métodos japoneses foram identificados como os mais inovadores, tendo o modelo do *toyotismo* como seu principal representante; com o objetivo de “produzir a baixos custos pequenas séries de produtos variados” (p. 18). Inicia-se um modelo de fábrica mínima, dispensando todo o excesso em suas concepções, como os trabalhadores, estoque, materiais, pois um dos princípios fundamentais é a fabricação de produtos somente após a comercialização, é a presença do *just in time*.

O contexto contemporâneo do trabalho, século XXI, é fundamentado nas antigas práticas objetivas de exploração do trabalho, com o aprofundamento da exploração subjetiva (Navarro & Padilha, 2007). Não apenas o trabalhador necessitou de exercer suas funções em uma empresa, mas como vestir a camisa ou até mesmo tatuar as siglas da organização no peito, recorrentes falas dos gerentes atuais. O trabalhador necessita se esforçar para merecer estar na empresa, que pode descartá-lo a qualquer momento sem qualquer compromisso social.

O contexto atual proporcionado por essa *forma flexibilizada de acumulação capitalista* (Antunes, 2005), provocada pelas re-engenharias feitas nas empresas: empresa enxuta, com enormes conseqüências para o mundo do trabalho, entre elas, cabe

mencionar o trabalho informal e atípico. Campos (2005) em estudo sobre a informalidade observou que este setor não é uma reserva de trabalhadores ao mercado formal, pois muitas pessoas recorrem a ele por observarem as dificuldades existentes no setor formal, baixos salários, horários de trabalho rígidos, pouca possibilidade de criação. Mas estes aspectos não eximem a precariedade da informalidade; como aspectos principais, a incerteza de obtenção de renda mensal, de conseguir a aposentadoria, garantias de sustento em situação de doença, entre outras. O outro aspecto é o trabalho atípico, também correspondendo ao trabalho sem regulamentação social, que atingiu as sociedades como um todo a partir dos anos 1970. Mesmo com esta intensificação, Lima (2007) assinalou que esse tipo de trabalho sempre esteve presente nas sociedades, embora no período da plena industrialização tenha decrescido nos países centrais, existiu constantemente nos periféricos.

A configuração atual do mundo do trabalho apresenta a característica de incluir parcelas da sociedade em condições precárias, em atividades de períodos parciais, desregulamentadas, intensivas, de pouco nível técnico e de insuficiente remuneração. De forma que as mulheres foram muito atingidas com esse novo modelo de acumulação capitalista, sendo absorvidas pelo capital a partir do trabalho parcial, precário e desregulamentado, pois, mesmo compondo mais de 40% da força de trabalho ainda permanece a desigualdade salarial, com piores condições e direitos proporcionados mais ao trabalho masculino do que ao feminino (Antunes, 2005).

Para Carrasco (2005), o mercado de trabalho não pode ser considerado como sexualmente neutro, uma vez que as relações de gênero¹⁴ estão na base da organização do trabalho e da produção. Os empregos criados preferencialmente para mulheres tendem a se converter em guetos femininos e precários. As oportunidades para as mulheres são mais limitadas que as para os homens, assinalou Bruschini (1994a), bem como já mencionado, são elas que recebem os menores salários. A manutenção destas desigualdades não ocorre apenas por imposição dos homens, mas sim, decorre da ação de homens e mulheres e não é somente o empregador que justifica os baixos salários em termos de sexo, mas “[...] a própria mulher que, insegura num mundo em que ela conta como uma variável a ser manipulada segundo as conveniências da situação [...] joga em

¹⁴ As relações de gênero serão discutidas no item 2.2 a seguir.

desvantagem de ser mulher, situa seus alvos em planos pouco ambiciosos” (Saffiotti, 1976, p. 57).

De acordo com Abramo (2004, p. 225), na atualidade apesar de as mulheres terem níveis de escolaridade maiores em relação aos homens, ainda permanece o mecanismo de re-atualização de uma segregação ocupacional, confinando-as a uma grande parte de trabalhos desvalorizados socialmente. Coutinho, Diogo e Monteiro (2007) corroboram essa compreensão com uma análise sobre o desemprego feminino. Segundo os autores, o aumento da precariedade das relações de trabalho a partir dos anos 1980, ocasionou a permanência das mulheres em atividades de menor remuneração, instáveis e com maior tendência de impactos na saúde física e mental. Inclusive registram que as taxas do desemprego feminino são maiores que as masculinas: em seus achados as mulheres jovens estavam na maior faixa de desemprego, junto com as mulheres de camadas populares, com pouca escolaridade e de etnias negras e pardas.

Coutinho, Diogo e Monteiro (2007) também analisaram os setores e segmentos produtivos de acordo com recorte de gênero na grande Florianópolis, mostrando haver uma segmentação dos mercados de trabalho. Os homens predominando nas atividades de produção, setor agropecuário, florestal, pescados, atividades de proteção e segurança; e as mulheres com maior presença nos setores de educação, serviços de serventia, conservação e limpeza, auxiliar administrativo e em empresas de confecção. As mulheres ingressavam no mercado de trabalho em atividades que são semelhantes às exercidas no âmbito familiar (a educação de crianças, limpeza, cuidado com idosos e administração doméstica), mas continuamente afastadas de cargos gerenciais e financeiros.

Do mesmo modo, os estudos de Invernizzi (2002), feitos na Grande Região Metropolitana de Curitiba (PR), mostraram que 44% dos vínculos ocupacionais femininos não possuíam registros. Fato também perceptível nas falas das trabalhadoras, quando relataram executar atividades como “fazer comida”, “diarista”, “cuidados de criança”, “empregada” e na “roça” e nenhum tipo de regulamentação trabalhista. Muitas das ocupações acessadas pelas mulheres não possuem registros formais, como carteira de trabalho assinada. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008a), em decorrência de uma análise dos registros de trabalho em janeiro de 2008, apontou quanto à inserção ocupacional no setor privado, que a faixa de trabalhadoras que

contavam com carteira assinada era de 37,8%, enquanto que a faixa de homens correspondia ao percentual de 48,6%.

Salientando a existência de modos de compreender o trabalho feminino com diferenças regionais, há o estudo comparativo entre França, Brasil e Japão feito por Hirata (2002). Em análises profundas sobre o emprego de mão-de-obra masculina e mão-de-obra feminina, que em um primeiro momento foram situadas como culturais, posteriormente foi constatado que essas diferenças também partiam de distintas construções políticas, institucionais e sócio-econômicas entre os países. No caso da gestão da mão-de-obra feminina analisada entre o Brasil e o Japão, Hirata (2002) observou que os empresários japoneses explicavam as relações desiguais entre homens e mulheres decorrentes da cultura de seu país e da organização e, que, tanto na filial brasileira como na empresa japonesa, o trabalho feminino era marcado pelas menores remunerações em relação aos homens, as mulheres eram locadas em atividades que exigiam baixa qualificação, pouca responsabilidade e oportunidades de promoção. No entanto, na filial brasileira não havia a forte discriminação do trabalho das mulheres casadas notada no Japão, pois no Brasil as diferenças entre o *status* de mulheres casadas e solteiras eram menos expressivas das encontradas no outro país.

Deste modo, Hirata (2002) salienta a necessidade de investigações não serem centrada apenas no trabalho assalariado, mas nos desligamentos, informalidades, subcontratações, trabalhos ocasionais e a contínua designação às mulheres referentes à responsabilidade do trabalho doméstico. As investigações necessitam versar sobre o trabalho feminino, mas de modo algum exclusivamente sobre as mulheres, mas sim, sobre um mundo que é constituído de pessoas e de suas relações. Desta forma, será apresentada em continuidade a concepção de relações de gênero, modos de constituição social de homens e mulheres, bem como as construções de maneiras investigativas para compreender estas relações no contexto do trabalho.

2.2 Gênero e divisão sexual do trabalho

2.2.1 Emergência dos estudos de gênero

Como foi investigado o universo feminino em um abatedouro, é relevante problematizar as discussões sobre gênero, para assim, compreender a dimensão feminina no trabalho. O conceito de gênero emergiu para teorizar a diferença social, política e econômica das mulheres em relação aos homens, superando perspectivas fundamentadas em distinções biológicas, que sugeriam uma manutenção de *um destino* determinado pelo sexo, principalmente por essas antigas abordagens vincularem ao orgânico do corpo, as diferenças históricas e sociais da constituição de homens e mulheres (Louro, 2003).

De acordo com Louro (2003), o gênero rompeu com os conceitos de diferenças biológicas entre homens e mulheres, possibilitando o entendimento das múltiplas compreensões de ser mulher e de ser homem na vida em sociedade. A autora observou como as noções de identidades de gênero são constituídas por meio das relações sociais e históricas e não a partir da evolução do organismo. Laqueur (1994) mostra a noção de sexo também como produto de uma construção e noção social de corpo, consolidada em um determinado momento histórico. Por isso, a análise de gênero e/ou sexo necessita ser compreendida a partir de um contexto, uma história para mostrar as cristalizações discursivas sobre essas diferenças.

Scott (1998, p. 115), em análise sobre o discurso da diferença entre os sexos, aponta que o conceito de gênero não envolve somente idéias, mas todos os objetos tecidos entre a vida social e as relações sociais (instituições, estruturas, práticas cotidianas, rituais e outros). “A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar. Ela é antes uma estrutura social movente, que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos”.

Scott (1999) considera não ser suficiente a análise das diferenças entre gêneros e/ou sexo, mas necessária uma análise dos locais de trabalho direcionados para pessoas do sexo masculino e para as do sexo feminino. A autora esclarece a necessidade de “uma análise das categorias fixas de gênero como afirmações normativas que organizam a compreensão cultural da diferença sexual. [...] um exame minucioso dos termos *mulheres* e *homens*, tal como se usam, para defini-los em contextos particulares” (p. 220).

O entendimento acima possibilita conhecer as trabalhadoras de abatedouros, a partir dos postos/lugares destinados ao trabalho das mulheres, em um contexto

específico no qual estão articuladas. Para Scott (1999), a diferença entre os sexos é um jogo político, mas, também, um jogo cultural e social, no qual o importante é indagar sobre a construção de idéias e conceitos que destacam a diferença sexual. Por isso, é relevante, em uma investigação sobre o trabalho, o olhar sobre as questões de gênero para investigar os jogos que subsidiam os locais de trabalho, derrubando a tendência de aceitar as diferenças ditas sexuais e de gênero como *naturais*, principalmente por ser possível encontrar vastamente na literatura as marcas da existência de locais de trabalho destinados notadamente às mulheres, os chamados guetos femininos como assinalou Abramo (2004).

2.2.2 Estudos sobre trabalho e gênero: evolução dos movimentos investigativos

Os rumos dos estudos sobre o trabalho feminino são explicados por Bruschini (1994a). Segundo a autora, é possível compreender, em um primeiro momento, uma preocupação das investigadoras com o trabalho produtivo. Os estudos feministas pioneiros eram focados na inclusão da força feminina de trabalho no mercado laboral, embora estes estudos tenham sido importantes por inaugurarem uma compreensão teórica caracterizando os espaços de atuação das mulheres, não abrangiam os trabalhos feitos em outros os espaços, como nas famílias e na sociedade.

Pouco a pouco, a partir da década de 1980, os trabalhos teóricos começaram a incorporar o aspecto produtivo com o reprodutivo, ampliando o escopo dos estudos, visando uma compreensão conjunta do trabalho assalariado com as vivências familiares. “Para a mulher, a vivência do trabalho implica sempre a combinação dessas duas esferas, seja pelo entrosamento seja pela superposição” (Bruschini, 1994a, p. 21).

Essas reflexões sobre a articulação entre trabalho e gênero foram ampliadas com o advento da noção de divisão sexual do trabalho, por observar nos âmbitos produtivos e reprodutivos a presença de uma divisão sexual de trabalhos feitos por mulheres e os feitos por homens. As teóricas focaram suas pesquisas em diferentes espaços laborais, mas a partir desse conceito de divisão do trabalho.

Os estudos sobre a relação entre trabalho e subjetividade, com a perspectiva da divisão sexual, mostraram os estereótipos sobre os gêneros, identidades sexuais e os entendimentos coletivos sobre a virilidade e a feminilidade como mecanismos utilizados

para gestão da mão-de-obra no mundo industrial (Hirata, 2002). São destinados às mulheres os trabalhos que exigem delicadeza e agilidade, e aos homens atividades que possam explorar a força física, aspectos de uma concepção social de masculinidade. Uma perspectiva que não considera as especificidades de cada pessoa e discrimina as características pessoais fora desses modelos masculinos ou femininos.

Bruschini (1994a) sinalizou a importância dos estudos sobre a divisão sexual do trabalho por oportunizarem análises voltadas ao funcionamento do mercado de trabalho capitalista, observando que a vida dos sujeitos era assentada em um processo de produção e de trabalho, a partir de relações pré-existentes entre os gêneros, de tal modo que as hierarquias se perpetuavam tanto nas famílias, como nas empresas. Hirata (2002, p. 277) esclarece que estudar a problemática da divisão sexual do trabalho é compreendê-lo em um “caráter multidimensional”, pois abrange tanto o trabalho doméstico, como a atividade assalariada, nas dimensões objetivas e subjetivas. Fato importante para esta dissertação, na qual as dimensões subjetivas e objetivas foram integradas às análises do trabalho feito por mulheres.

Os pesquisadores do grupo GERS (Gênero e relações sociais), ex-GEDISST (Grupo de estudos sobre divisão social e sexual do trabalho)¹⁵, compreendem a *divisão sexual do trabalho* como as relações distintamente construídas entre homens e mulheres no mercado de trabalho e nas relações laborais, a partir da *divisão social do trabalho*. Uma divisão que conduz a uma forte relação de opressão/dominação e produz hierarquias de poder entre os sexos. Nesse sentido, “a divisão sexual do trabalho é sempre indissociável das relações sociais entre homens e mulheres, que são relações desiguais, hierárquicas, assimétricas e antagônicas. [Como também] são relações de exploração e de opressão entre duas categorias de sexo socialmente construídas” (Hirata, 2003, p. 281).

Em suas pesquisas sobre a divisão sexual do trabalho, Hirata (2002) destacou os novos rumos das análises relativas a esta temática. Os estudos recentes efetuam a articulação do profissional com o doméstico, bem como estão atentos ao quadro atual de profundas mudanças na realidade do trabalho, que se caracteriza por crises econômicas e desemprego. A autora sinalizou, inclusive, o surgimento de investigações relacionando trabalho e poder.

¹⁵ Grupo vinculado à Universidade de Paris VIII/França.

Quanto ao aspecto da investigação do trabalho das mulheres no âmbito produtivo e reprodutivo, é necessário salientar que existe uma divisão sexual do trabalho em ambos os espaços. As mulheres exercem ocupações no mercado laboral, que são identificadas como atividades femininas e no âmbito doméstico necessitam exercer atividades que são consideradas como de suas exclusivas responsabilidades. Por isso, a análise da divisão sexual do trabalho precisa compreender o trabalho feito pelas mulheres nos dois espaços, tal como mencionado por Nicholson (1987), quando apontou que as duas esferas são caracterizadas pelo processo de construção social do masculino e do feminino.

No Brasil ainda há muita dificuldade em dar visibilidade social ao trabalho doméstico não-remunerado. Bruschini (2006) descreve a luta feminista para conseguir que fossem quantificadas as horas do trabalho doméstico feito pelas mulheres pelos institutos de pesquisa nacionais. Desta forma, em 1992, foi incluída a questão (Realizou afazeres domésticos na semana de referência?) e em 2001, a questão (Quantas horas dedica normalmente por semana aos afazeres domésticos?). A autora salientou assim, a necessidade de declarar os afazeres domésticos, não mais em termos de inatividade econômica, mas como uma categoria de trabalho não remunerado, de forma que os estudos sobre a divisão sexual do trabalho foram decisivos para mostrar “as conseqüências das obrigações domésticas na vida das mulheres, limitando seu desenvolvimento profissional. Com carreiras descontínuas, salários mais baixos e empregos de menor qualidade” (Bruschini, 2006, p. 338).

O conceito da divisão sexual do trabalho, de acordo com Hirata e Kergoat (2007, p. 599), possui dois princípios fundamentais: o de *separação*, homens e mulheres tendo trabalhos distintos; e o *princípio hierárquico*, os homens tendo trabalhos mais valiosos do que as mulheres. Para as autoras, esses princípios “rebaixa[m] o gênero ao sexo biológico, reduz[em] as práticas sociais a ‘papéis sociais’ sexuados que remetem ao destino natural da espécie”. Esses dois princípios operam no sentido de respaldar práticas sociais discriminatórias tanto no âmbito do trabalho externo, como no âmbito doméstico. São formas de considerar homens e mulheres como se tivessem uma natureza distinta definida pelo sexo e não fossem seres singulares, construídos social e historicamente.

Em resumo, o conceito da divisão sexual do trabalho possibilita compreender as questões atuais relacionadas aos temas do trabalho, baseadas em uma compreensão de sujeito construído por meio do histórico, social, político, econômico e psicológico, que ainda compreende mulheres e homens por meio de um entendimento biológico, produtivo exclusivamente para as organizações e aterrorizante para a vida humana.

2.3 Trabalho das mulheres no meio rural

A descrição do contexto do trabalho e vida no meio rural das mulheres é importante para destacar as características desse território social, especialmente pela investigação envolver um abatedouro contextualizado no meio rural. A vida no meio rural compreende diversos aspectos e a teoria nem sempre percebe toda essa diversidade, enfocando mais alguns problemas do que outros. Paulilo (2004, p. 230) lembra como os estudos fundamentados em teorias evolucionistas conceberam o campo e a cidade de forma dicotômica e com certa progressividade, o que levou a uma visão distorcida do rural como um estágio anterior ao da formação da cidade e não, necessariamente, imbricados e inter-relacionados.

Carneiro (1998) aponta a necessidade de haver cuidado com a utilização do termo rural, pois dependendo do uso pode acarretar um entendimento de um mundo agrícola tradicional, abordando apenas o trabalho do camponês e desconsiderando outras vivências e atividades; tais como, o ecoturismo, o retorno de aposentados ao rural, funcionários públicos, chácaras, entre outros. Segundo a autora, as noções de ‘rural’, ‘ruralidade’ e ‘urbano’ apresentam, em sua gênese, uma relação dicotômica, opondo realidades construídas historicamente, a partir de contínuos e integrados processos de transformação.

Para Carneiro (1998, s.p.), a ruralidade é definida como uma representação de uma realidade em sua multiplicidade; desta forma, é “expressa de diferentes maneiras como representação social [...] que orienta práticas sociais distintas em universos culturais heterogêneos, num processo de integração plural com a economia e a sociedade urbano-industrial”. A autora sugere o termo *localidade* para pesquisas que estudam espaços rurais e suas relações cotidianas, pois essa noção “denota apenas a referência espacial como qualificadora de um universo de relações sociais

específicos”¹⁶, permitindo conhecer os vínculos entre trabalho, família, igreja, vizinhos, ecossistemas, atividades ecológicas, ecoturismo e os sentimentos da população referente ao território.

A vida das mulheres no campo está diretamente relacionada com as atividades e com o contexto do meio rural. Quando uma trabalhadora, em sua propriedade, produz um queijo, bem como legumes, este produto pode ser usado para consumo da família ou comercializado para outras pessoas (Paulilo, 2004). Bruschini (1994b) corrobora com este entendimento, associado à idéia de não haver separação nítida entre as atividades domésticas e econômicas no âmbito rural e, por isso, as mulheres de localidades com essa característica muitas vezes foram classificadas pelo instituto nacional de pesquisa populacional como inativas. A falta de acesso à regulamentação do trabalho traz como consequência para estas mulheres a não disponibilização de benefícios sociais como o seguro-desemprego, licença-maternidade ou aposentadoria.

Para Bruschini (1994b), a presença de filhos para as trabalhadoras rurais não é um fator limitante ao trabalho, embora as taxas de atividade empregatícia de mulheres no meio rural sejam inferiores comparadas com as taxas de trabalhadoras urbanas. Se a presença de filhos não é limitante para as mulheres rurais trabalharem, a questão da terra é preponderante. Deere e Leon (2002) observam o desequilíbrio entre a igualdade formal entre homens e mulheres perante a lei (herança e divórcio) e a efetiva conquista desse direito para as mulheres nos países da América Latina. As autoras evidenciam uma lacuna entre os direitos da propriedade da mulher e sua posse real, pois “[...] a obtenção de igualdade formal de direitos de propriedade não se tornou nada próxima da igualdade real de distribuição de bens (propriedade) entre homens e mulheres” (p. 28-29). De forma que as mulheres têm menores chances de possuir terras do que os homens, o que é um problema no âmbito rural, pela terra ser a principal forma de trabalho e subsistência. As mulheres podem conseguir mais a terra por via do casamento, pois como herança, são geralmente os homens que possuem preferências.

Herdar a terra é fundamentalmente relevante em termos de barganha das mulheres rurais. Deere e Leon (2002) afirmam que quando uma pessoa morre sem

¹⁶ “[...] a noção de localidade não define, de forma alguma, a natureza rural ou urbana do grupo ou das práticas e relações sociais que ele desenvolve. Além disso, o sentido de localidade não estará presente em todo e qualquer espaço, ele será tão mais forte quanto mais consolidada for a identidade do grupo, ou seja, quanto mais forte for o sentimento de pertencimento a uma dada localidade” (Carneiro, 1998, s.p).

testamento, a herança deve ser dividida em partes iguais com todos os filhos, independentemente do sexo. No entanto, em muitas regiões, a mulher não recebe equitativamente a sua parte, pois, para a divisão da herança, os homens avaliam o trabalho da mulher (irmã) na agricultura. Uma avaliação tendenciosa, a partir de um entendimento de não reconhecer a contribuição do trabalho doméstico; com isso, espera-se socialmente que a mulher renuncie a sua parte ou venda-a a um irmão. Para as mulheres não receberem herança há ainda outras regras, como a de residência, por exemplo, caso a mulher não viva com seu marido nas terras do seu pai não possui direito à divisão da herança. Mas, se porventura, a mulher conseguir herdar, mesmo assim não possuirá o controle efetivo, a terra passa a integrar as posses do marido e ser por ele administrada.

A herança é extremamente relevante para as mulheres do campo, pois assim, elas podem evitar empregos precários e possuir alguma segurança financeira “[...]talvez investir em bens produtivos adicionais [...] [ou] a possibilidade de vender um bem é outra forma importante de segurança” (Deere, Leon, 2002, p. 40). As autoras enfatizam a preocupação em relação à posse de bens: “[...] mesmo por parte de uma mulher pobre, expande o leque de atividades geradoras de renda em que ela pode se envolver, o que aumenta suas opções de estratégias disponíveis”. Uma das opções econômicas da mulher rural, segundo as tradições, encontra-se na decisão de casar-se ou não, visto que essa decisão pode ser influenciada pelas propriedades e posses dos pretendentes.

Stropasolas (2004) observa que, quando moças e rapazes do meio rural não percebem mudanças nas relações sociais das quais fazem parte, eles deixam suas residências em busca de oportunidades na cidade. O autor sinaliza que as moças e mulheres são as mais prejudicadas em termos de carga de trabalho, fazendo que muitas não queiram permanecer no campo e, muitas vezes, nem contrair matrimônio com um trabalhador rural, pois sabem da quantidade de trabalho que as espera. Tanto para moças como para rapazes existe no âmbito rural “a falta de oportunidades para o exercício de atividades produtivas e/ou profissionais, [...] que propiciem independência econômica, gerencial e tutelar da família e, sobretudo, do pai” (p. 165). As famílias rurais permanecem calcadas no modelo patriarcal, no qual as mulheres são mais atingidas por necessitarem trabalhar ininterruptamente em atividades produtivas e domésticas, com a inexistência de tempo livre.

2.4 Produção de sentidos no cotidiano de trabalho

Depois da explanação das concepções de trabalho, trabalho feminino, gênero, divisão sexual do trabalho e mulheres rurais, é apresentado o tema produção de sentidos no cotidiano laboral. Salienta-se agora o modo como os sujeitos constroem sentidos. Cabe considerar que todas estas temáticas são integradas na vida cotidiana, os capítulos foram distinguidos apenas para exposição dos conceitos e suas articulações teóricas.

Tolfo, Coutinho, Almeida, Baasch & Cugnier (2005) apresentam uma discussão com base na literatura nacional e internacional as quais tratam da questão dos sentidos e significados do trabalho na psicologia, compreendendo a ocorrência de confusões conceituais entre os termos, como se fossem o mesmo fenômeno. Segundo os autores, seria interessante que os estudos referentes ao trabalho se posicionassem sobre qual terminologia estariam utilizando, pois, para eles, os sentidos do trabalho seria um termo relativo ao entendimento das pessoas sobre a atividade laboral a partir de suas singularidades, enquanto os significados estariam mais relacionados à dimensão social ou os discursos produzidos socialmente em referência a essa temática. Apesar de enfatizarem a diferenciação, os autores assinalam a indissociabilidade entre sentidos e significados.

Com base no estudo de Tolfo et al. (2005), é possível destacar a opção feita nesta dissertação de investigar os sentidos do trabalho, a partir do construcionismo social. Aqui pretende-se compreender como as trabalhadoras significam suas atividades do/no trabalho, o que também corresponde aos processos de significação coletiva. O construcionismo é apenas uma das abordagens psicológicas que subsidiam o entendimento sobre produção de sentidos, existem outras perspectivas, tais como na Psicologia Histórico-Cultural, Cognitivista, Humanista (Tolfo et al, 2005).

O construcionismo social é uma maneira de compreender os fenômenos psicológicos nos estudos da Psicologia Social. Em um breve histórico da abordagem, Spink e Frezza (2004) apontam o desenvolvimento obtido no Brasil, a partir do movimento de psicólogos sociais brasileiros em procurar referenciais teóricos e metodológicos alternativos ao paradigma da Psicologia Social norte-americana, instaurado no Brasil até meados da década de 1950. Este paradigma americano, segundo

as autoras, foi dominante por muito tempo na realidade brasileira e fundamentado em práticas experimentais e de laboratórios, porém em meados do século XX, deixou de ser condizente com as demandas encontradas por psicólogos brasileiros.

Para Spink e Frezza (2004), o construcionismo social no Brasil é resultado do intercurso de três campos do conhecimento: Filosofia, Sociologia do Conhecimento e Ciências Políticas e, por meio de seus respectivos movimentos, a reação ao representacionismo, a desconstrução da retórica da verdade e a problematização das relações de poder com grupos marginalizados. A proposta da abordagem foi efetuar uma articulação entre os conhecimentos psicológicos, como de subjetividade, de grupos, conhecimentos de práticas clínicas, com os conhecimentos do campo social, de relações sociais abordadas pela sociologia, antropologia, ciências políticas. Tendo como autores originais da abordagem, também denominada de interacionismo simbólico, Berger e Luckmann (1985).

A maneira de compreender o campo psicológico/social pelo construcionismo social é por meio do processo de construção linguístico-conceitual, não reduzindo os fenômenos sociais à linguagem, mas compreendendo os objetos a partir de suas construções históricas e a linguagem como forma de nomeação dos mesmos (Spink & Frezza, 2004, p. 33). As falas das pessoas sobre suas vivências, nas formas delas compreenderem as questões que envolvem as suas vidas e os seus lugares sociais são os discursos possíveis para o conhecimento dos sentidos. Estes resultam na apropriação singular de conceitos derivados de construções sociais e históricas mediadoras das interações humanas. Deste modo, as narrativas das pessoas são os discursos, elaborados por meio de múltiplos fatores sociais, econômicos, políticos nos quais as pessoas são envolvidas ao longo de suas vidas.

A noção de realidade é um dos fundamentos dos sentidos no construcionismo social, principalmente por haver uma dupla noção deste. De um lado, seria a realidade concreta, em si mesma, ou melhor, o realismo ontológico que seria uma realidade para todos os seres humanos, com suas instituições sociais, independente da vontade de alguém sobre elas. De outro lado, seriam os meios e contextos possíveis que envolvem a constituição de cada ser humano, uma realidade acessada pelos sujeitos (Spink & Frezza, 2004). Assim, são duas maneiras de pensar a realidade que se complementam, a

realidade concreta, os seres vivos não podem transpassar a materialidade e, a outra, seria os modos de acessar essa realidade não são iguais para todos os seres.

A segunda face da realidade, os modos pelos quais as pessoas conseguem acessar a realidade, é diretamente relacionado com a linguagem. A linguagem é entendida como enunciados de como as coisas são concretamente, elaboradas nas interações entre as pessoas e, por isso, pode ser considerada uma prática social. A linguagem no cotidiano formula as práticas discursivas de um coletivo de pessoas, podendo ser observada em “ações, seleções, escolhas, linguagens, contextos, enfim, uma variedade de produções sociais das quais são expressão. [E] constituem, dessa forma, um caminho privilegiado para entender a produção de sentidos no cotidiano” (Spink & Frezza, 2004, p. 38).

A produção de sentidos decorre de construções sociais de um coletivo, elaboradas “na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas” (Spink & Medrado, 2004, p. 41). Esse conceito de sentidos é também fundamentado em três dimensões relacionadas: a linguagem já referida, a história e o conceito de pessoa como relação social.

Sobre a dimensão da linguagem, Spink e Medrado (2004) compreendem-na de acordo com a linguagem em uso, baseada nas inter-relações das práticas sociais e por meio das regularidades linguísticas, como os termos próprios de uma determinada instituição ou sinais linguísticos. Na linguagem, cabe observar os discursos contraditórios ou diferentes versões de um mesmo fenômeno social. As autoras ressaltam que a produção de discursos efetuada por um coletivo pode ser apenas entendida (traduzida) por um integrante, um estrangeiro necessita averiguar seus sentidos.

É nos discursos de um determinado grupo ou coletivo que se busca compreender os sentidos, pois “é pela ruptura com o habitual que se torna possível dar visibilidade aos sentidos” (Spink & Medrado, 2004, p. 45). Assim, é nas práticas discursivas entre pessoas ou um grupo de pessoas, que se formulam estas rupturas, ressignificações, ou melhor, o *locus* privilegiado de produção de sentidos. A pessoa não atribui sentidos aos objetos e à vida se não houver conversas com outras pessoas, de seu grupo familiar primeiramente, para expor os significados de determinados objetos ou situações. É

nessas conversas que ocorrem as narrativas das vivências cotidianas e, assim, os sentidos são construídos.

A segunda dimensão é a história, atenta à localização temporal do sujeito em sua vida, uma vez que, ao mesmo tempo em que uma pessoa produz seus sentidos, também re-significa sentidos novos e antigos. Para entender esse aspecto temporal, Spink e Medrado (2004) destacam três tempos históricos: “o *tempo longo*, que marca os conteúdos culturais, definidos ao longo da história da civilização; o *tempo vivido*, das linguagens sociais aprendidas pelos processos de socialização, e o *tempo curto*, marcado pelos processos dialógicos” (p. 51). Esses três tempos estão entrelaçados com o tempo atual, igual o tempo curto, o momento de produção de sentidos que abarca as inter-relações entre os três tempos. No tempo curto se investiga os sentidos, por permitir o conhecimento das interlocuções entre as pessoas, num processo dialógico entre os sujeitos e os objetos que lhes cercam.

A terceira dimensão é o conceito de pessoa como relação social, no intuito de destacar o sujeito não como um indivíduo em oposição à sociedade, mas um sujeito constituído nas relações sociais. Spink e Medrado (2004) apontam que o termo *pessoa* busca romper com a divisão entre indivíduo-sociedade e sujeito-objeto, envolvendo uma compreensão dialógica nesses dois entendimentos. Esse enfoque no termo *pessoa* fundamenta a produção de sentidos, pelo fato de não ser possível falar em termos de indivíduos produtores de sentidos, mas de pessoas, a partir de seus relacionamentos e produções discursivas oportunizando as “construções identitárias” de cada pessoa (p. 56). As construções identitárias dizem respeito às particularidades de cada pessoa, tecidas em construções sociais e coletivas. Para as autoras, a particularidade de cada ser humano decorre de sua história, como produtora de sentidos, dos processos de socialização e na construção de narrativas coerentes com a vida de cada ser.

O construcionismo social entende os sentidos como construções elaboradas por pessoas e pelo coletivo em um espaço e momento histórico. Por isso, é importante investigar “os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam e/ou compreendem o mundo em que vivem, incluindo elas próprias” com o objetivo de entender “os sistemas de significação que dão sentido ao mundo” (Spink & Medrado, 2004, p. 60). Diante disso, é necessário investigar as pessoas a partir de suas histórias e nas suas

produções discursivas, como também, assim é possível compreender as relações das pessoas com o trabalho, investigando os sentidos produzidos nesta dimensão.

Adentrando a análise sobre os sentidos do trabalho, Tolfo e Piccinini (2007) assinalaram que os sentidos no âmbito laboral necessitam ser examinados na dimensão subjetiva sobre o significado deste para as pessoas; a importância ou centralidade do trabalho na vida de cada um; os valores singulares e os motivos pelos quais as pessoas exercem determinada ocupação. De forma que esses elementos entram em diálogo com as dimensões culturais e sociais dos lugares em que as pessoas estão localizadas. Esse movimento fomenta que sentidos do trabalho não são determinados pelas condições *a priori*, mas um elemento em constante mudança, tornando possível de serem ressignificados.

Se o homem reconhecer o trabalho somente como algo obrigatório e necessário à sobrevivência e aquisições deixa de perceber esse mesmo trabalho como a categoria integradora, pela qual pode criar e reconhecer-se enquanto indivíduo e ser social. O homem, alienado, torna-se apenas um produtor e consumidor de capital, deixando de buscar sua identidade nas atividades que executa. Deixa, então, de atribuir significados e sentidos positivos ao seu fazer (Tolfo & Piccinini, 2007, p. 45).

Desta forma, as autoras ressaltam que os sujeitos podem fazer a diferença quanto aos seus cotidianos de trabalho. Em uma importante análise sobre os trabalhadores que atuavam em condições precárias de saúde e de organização do trabalho em uma indústria têxtil de amianto, D'Acri (2003, p. 15) investigou o “significado do trabalho para aqueles que trabalham” (p. 15), questionou se havia a possibilidade de “vida cheia de sentido” em uma situação de trabalho abstrato, alienado. Constatou que:

[...] mesmo em condições tão opressivas de trabalho, as pessoas encontram pequenos espaços para situar o sentido para o seu trabalho [...]. Entretanto, verificou-se, pela fala dos trabalhadores, que mesmo sob más condições de trabalho, que não excluem sofrimento, esforço e dor, existe a alegria da realização, da criação de um fazer humano e do sentimento de participação no mundo. No entanto, deve-se ressaltar que este é um espaço, apenas uma brecha, encontrada na organização opressiva do trabalho, que demonstra a relevância do trabalho como esfera de criação, relação com os outros, reconhecimento e transcendência (D'Acri, 2003, p. 20).

Diante dessas considerações, de haver sentidos mesmo em um espaço laboral com características perversas, cabe destacar os trabalhos de Stolf (2007), sobre os

sentidos atribuídos ao trabalho e a tecnologia, por agricultores atuantes no cultivo do arroz e de Corona (2006), sobre os bancários, pelo fato de ambos articularem sentidos do trabalho com a perspectiva do construcionismo social. Destaca-se que as pesquisas no âmbito da psicologia possibilitaram identificar as inter-relações entre as pessoas e o trabalho em seus contextos sociais, não naturalizando os modos de ser, mais sim, contextualizando-os sempre a partir de uma leitura crítica da integração do social com o pessoal.

A leitura dos sentidos do trabalho pelo construcionismo social desenvolvida nesta dissertação não discrimina trabalhos “com sentidos” ou “sem sentidos”, como há em Morin et al. (2007)¹⁷, mas na consideração de haver sempre sentidos para quem o executa, positivos, negativos ou neutros, que foram construídos nas tramas do cotidiano. O cotidiano aqui é concebido a partir da leitura de Sato (2007), ocorrendo nas práticas operadas pelas pessoas em suas vivências, nas relações sociais e nas próprias inter-relações da organização com os emaranhados do território onde se localizam. Embora a análise de Sato (2007) se refira a uma organização de trabalho em uma feira-livre, diferente de um estabelecimento industrial, é possível considerar a idéia de *chão do cotidiano* para mencionar que o estabelecimento de abate não é fechado em si mesmo e, de certo modo, também possui a característica fluída narrada pela autora. Deste modo, os sentidos do trabalho pelo construcionismo articulam-se a essa idéia de cotidiano, pois são embrenhados em um contexto de fluidez cambiante.

¹⁷ Morin et al. (2007) discutem essa não unanimidade nos referenciais teóricos sobre os sentidos do trabalho, as autoras neste artigo usaram um aporte teórico que assinala trabalhos “com sentidos” e “sem sentidos”, um referencial não compartilhado nesta dissertação.

3 ITINERÁRIO

3.1 Preâmbulo do itinerário

Segundo o Dicionário Houaiss (2001), a palavra *itinerário*, de origem latina *itinerariŭs*, possui o significado de ser relativo às estradas, aos caminhos, indicativo da distância de um lugar a outro e uma descrição de viagem, como exemplo, uma expedição militar, missão de exploração ou peregrinação. A busca por esta palavra responde a necessidade de explicar o percurso desta pesquisa, admitindo um deslocamento causado pela ida a outro ambiente. A palavra latina *itinerariŭs* significa ainda *viagem e estrada*, ao passo que, itinerante, *itinerans*, é aquele que transita por um espaço e por ele se desloca.

Neste capítulo, foi descrito o percurso da pesquisa. Tanto os caminhos teóricos, como os passos dados durante a coleta das informações e análises dos resultados. Assim, é apresentado este itinerário, falando sobre as estradas tomadas, ruas e ruelas escolhidas, as idas e vindas ao campo e à teoria ao longo dessa produção.

Uma das escolhas se refere ao uso da perspectiva teórica e metodológica do construcionismo social e, assim, o foco torna-se a explicação dos processos por meio dos relatos das pessoas, as explicações sobre suas vidas e sobre elas mesmas. Seria a descrição da vida a partir das relações cotidianas. Nessa perspectiva, não existe predileção entre os métodos quantitativos ou qualitativos, pois ambos produzem conhecimentos sobre o mundo e podem ser articulados no incremento da averiguação (Spink & Menegon, 2004). O construcionismo, como anteriormente apontado, estuda os objetos por meio da história e como os fatos da vida são nomeados pelas pessoas ao longo de suas histórias. Não somente compreende que há uma história em cada ação humana, como procura entender os modos como as pessoas nomeiam os fatos que ocorrem em seus cotidianos.

Pela proposta do construcionismo social (Spink & Medrado, 2004; Spink & Frezza, 2004), aqui se deu prioridade em coletar as informações no contato direto com as pessoas investigadas (Chizzotti, 1998) e compreender as características dos participantes como idade, naturalidade, nível de escolaridade, opiniões, atitudes, crenças e os sentidos atribuídos ao trabalho (Gil, 1991). Assim, por focar nas trabalhadoras

atuantes em uma organização, esse estudo também pode ser assinalado como um estudo de caso. Para Gil (1991), o caso seria uma análise de um ou de poucos objetos, que permitiria o seu detalhamento, possibilitando um conjunto de informações que o descrevam em sua totalidade. O estudo de caso atua como uma estratégia de pesquisa, não se resumindo a uma fase exploratória do projeto ou a outro período, mas sim, é uma forma de se estabelecer a disposição global da investigação.

O estudo de caso descritivo foi a estratégia metodológica empregada nesta pesquisa, por quatro motivos: a) por descrever os fenômenos encontrados; b) por propiciar a análise de uma situação contemporânea; c) pelo uso da observação direta para o estudo dos acontecimentos; e d) pelo formato priorizar o uso de entrevistas (Yin, 2005). Um aspecto que distingue este tipo de investigação de outras estratégias metodológicas é por ele lidar com uma ampla variedade de instrumentos, como documentos, artefatos, entrevistas e observação (Yin, 2005). Dentre os tipos de estudo, optou-se pelo caso único, que segundo o autor pode ser usado quando se trata de um evento representativo ou típico, estudando-se o grupo de trabalhadoras entrevistadas e não cada pessoa individualmente. Como assina-la Godoy (2006), o estudo de caso pode ser um sujeito, um programa, uma instituição ou também “um grupo de pessoas que compartilham o mesmo ambiente e a mesma experiência” (p. 119). Em outras palavras, seria um olhar junto a um grupo de trabalhadoras, que vivem seus cotidianos laborais em um estabelecimento de abate avícola.

A pesquisa a partir do construcionismo social e do estudo de caso se aliam por ambas centrarem o foco no estudo das relações cotidianas, tal como Yin (2005) destacou sobre o estudo de caso único, em que “o objetivo é capturar as circunstâncias e condições de uma situação lugar-comum ou do dia-a-dia” (Yin, 2005, p. 63).

Os motivos referentes a escolha de um abatedouro para a efetuação da pesquisa já foram apresentados na introdução do trabalho, na qual foi comentado a observação de uma grande presença de mulheres em um abatedouro avícola, em um setor produtivo pouco estimado pelas pessoas em geral (Florit et al., 2006). Este abatedouro foi selecionado para esta pesquisa por: primeiramente, em suas pesquisas de campo, Florit et al. (2006) relataram as dificuldades em receber autorização em estabelecimentos de abate, tanto avícolas, como de bovinos e suínos, para serem pesquisados, tornando-se possível somente com a autorização de um médico veterinário e com o intermédio deste

para com os proprietários dos abatedouros. Esse processo foi demorado e poderia inviabilizar outras pesquisas com menor disponibilidade de tempo, assim essa dissertação aproveitou as informações já desenvolvidas por Florit et al (2006) e Grava e Florit (2008), como o mapeamento dos estabelecimentos de abate e os materiais coletados referentes aos estabelecimentos e os tipos de animais abatidos. A partir de consultas a estes documentos, foi identificado um abatedouro avícola que possuía um número significativo de mulheres no ambiente produtivo, bem como era acessível à efetuação de investigações.

Este abatedouro avícola se mostrou um espaço privilegiado para a pesquisa de campo, pois durante os contatos iniciais houve a boa acolhida da pesquisadora. De acordo com Coutinho (2000), a boa acolhida e a abertura da direção da empresa para a realização de pesquisa se constituem em fatores relevantes para o desenvolvimento do projeto, nem sempre presentes no desenvolvimento de pesquisas empíricas em organizações.

A pesquisa de campo ocorreu em um período aproximadamente de cinco meses, entre fevereiro e julho de 2008. Com uma primeira visita para os contatos iniciais, referentes aos esclarecimentos e assinatura dos documentos associados aos procedimentos éticos da pesquisa, ocorrida em novembro de 2007. Dentro do período de investigação, as visitas ocorriam semanalmente para efetuação de observações e entrevistas.

3.2 Participantes da pesquisa

Os sujeitos dessa pesquisa foram oito trabalhadoras do abatedouro avícola, que aceitaram participar da pesquisa. O processo de seleção das participantes ocorreu depois de conversar com o encarregado sobre a pesquisa, em que foi solicitado entrevistar as trabalhadoras durante o período laboral. Foi informado ao encarregado que as entrevistas durariam cerca de uma hora e meia, sendo preferidas as trabalhadoras que pudessem se ausentar no trabalho neste período estimado. Assim, durante o período de campo, foram feitos contatos com o supervisor. Em alguns momentos ele recomendava e, em outros, era acatado a sugestão da pesquisadora. Após esse procedimento, a pesquisadora conversava com as trabalhadoras, em uma sala no prédio da

administração, silenciosa e reservada, onde apresentava os procedimentos éticos e efetuava o convite para participação na pesquisa.

Como mencionado, participaram da entrevista um total de oito trabalhadoras, das quais sete atuavam diretamente na linha de produção e uma nos serviços de limpeza do refeitório dos trabalhadores. A entrevista desta trabalhadora foi integrada na análise, pois a mesma tinha um histórico de trabalho na linha produtiva avícola, sendo reconduzida a outro cargo por motivos de doença.

As participantes que tiveram seus relatos integrados nos resultados desta dissertação aceitaram participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que será mencionado no item de coleta de informações. Uma das trabalhadoras, quando da solicitação de participar da investigação, ficou em dúvida e aceitou participar somente mediante a explicação do TCLE e do roteiro de entrevista. Outra trabalhadora, quando solicitada se gostaria de participar da pesquisa, optou por não efetuar a entrevista, mencionou não haver entendido o propósito da investigação, mesmo após todas as explicações efetuadas. Esta trabalhadora foi respeitada em seu direito de não participação e foi possível convidar outra pessoa e, ao encarregado, foi ressaltado o aviso quanto à autonomia das participantes nesta decisão.

3.3 Procedimentos de coleta de informações

Previamente à entrada no campo de pesquisa para o processo de levantamento de informações, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina e aprovado (ver anexo A), atendendo os procedimentos éticos estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde, em especial a Resolução 196/1996.

Os procedimentos éticos dessa pesquisa foram contemplados em todas as etapas da investigação, sendo inicialmente solicitada a autorização do proprietário do abatedouro, com a assinatura da declaração de ciência e os demais documentos para a submissão do projeto no Comitê de Ética. A cada sujeito participante foi apresentado o TCLE (ver apêndice A), salientando a confidencialidade das informações, o uso das informações apenas para fins científicos, o sigilo de suas identidades e da instituição e solicitando autorização sobre o uso do gravador. Com o termo, as participantes também

foram lembradas que a participação era voluntária, sendo admissível a recusa a qualquer tempo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa, como relatado anteriormente.

A entrevista foi empregada como instrumento principal. Foi importante o uso da entrevista para coleta de informações por este possibilitar um registro que permitiu ao pesquisador apreender os sentidos atribuídos ao trabalho pelas entrevistadas, por meio dos relatos sobre suas vidas e da produção de respostas referentes às relações de trabalho. Para a entrevista com as participantes, foi elaborado um roteiro (ver apêndice B), subdividido em itens: 1) Identificação; 2) Cotidiano de Trabalho no Abatedouro 3) Trajetória de Trabalho; 4) Cotidiano de Trabalho na Vida Doméstica; 5) Fechamento da Entrevista. Para Zago (2003), é necessário compreender a entrevista não apenas como uma técnica, mas como parte do processo de construir o objeto de estudo. A entrevista necessita ser como uma discussão entre duas pessoas, a proximidade entre o pesquisador e o informante deve possibilitar uma fala livre sobre a vida, pois “a riqueza das respostas está diretamente ligada ao interesse que os temas e o desenvolvimento da entrevista representa para a pessoa” (p. 304).

Nas entrevistas, o roteiro não era seguido rigidamente, pois as entrevistadas muitas vezes não se detinham nos temas das questões solicitadas, assim a pesquisadora procurava retornar quando possível ao foco do estudo ao longo da entrevista. As entrevistadas relacionavam continuamente aspectos da vida doméstica com a vida profissional, tal como esclareceu Dubar (1998), ser este um aspecto indissociável na vida das mulheres.

As informações secundárias foram produzidas a partir das observações, Zago (2003) esclarece que a observação é vinculada ao instrumento de entrevista, especialmente quando o investigador tem a possibilidade de ir ao encontro dos participantes em seus locais de circulação, a autora menciona a escola e, neste caso, seria a empresa, pois possibilitou conhecer as condições sociais e econômicas das participantes. As observações foram realizadas na empresa, nos locais de produção. Foi acompanhado todo o processo produtivo, desde o início, do abate até o final, o carregamento de cargas nos caminhões, todas as observações feitas foram registradas em um diário de campo.

Para complementar o material principal, foi conversado com pessoas chaves do processo produtivo e coletados documentos referentes ao estabelecimento. Foram feitas

breves entrevistas com o presidente do sindicato dos trabalhadores da Indústria Alimentícia, com sede em Blumenau, efetuado no dia 11 de maio de 2007, no próprio sindicato; com o encarregado da empresa, com o proprietário do estabelecimento e com o fiscal sanitário do estabelecimento. Estas breves entrevistas se aproximam da modalidade de depoimentos, por estes serem relatos ou entrevistas efetuadas de maneira rápida sobre temáticas relacionadas com os objetivos da pesquisa, contudo são conversas sem roteiros, gravações ou espaços apropriados (Coutinho, 2000). Nas conversas com o proprietário e o encarregado, por serem pessoas importantes na organização e administração da empresa, foram elaborados roteiros (Ver roteiros nos apêndices C e D). Quanto aos documentos, foi contatada a responsável pelos recursos humanos da organização, que repassou a pesquisadora um relatório com informações sobre todos os trabalhadores da empresa, como idade, sexo, escolaridade, data de admissão, entre outros.

3.4 Procedimentos para análise de informações

Desde a coleta das informações foram realizadas as transcrições das entrevistas, mas o material elaborado no decorrer das visitas a campo, como o diário de campo, os registros e outros materiais, foram todos organizados em um momento posterior. No procedimento de análise foram priorizadas as informações geradas a partir das entrevistas feitas com as trabalhadoras, participantes da pesquisa, em seguida esse material foi complementando com as observações, depoimentos e informações presentes nos documentos. Yin (2005) registrou a necessidade de haver no momento da análise, o desenho de uma estratégia analítica geral, no qual se estabelecem as prioridades do material a ser analisado e distinguir os motivos para estas escolhas. A ênfase nesta pesquisa foram as entrevistas das trabalhadoras, os caminhos profissionais das trabalhadoras e não o processo industrial da organização, assim compreende-se que as outras informações como dados secundários objetivam complementar aquelas coletadas com às trabalhadoras.

As entrevistas com as trabalhadoras foram o primeiro material trabalhado. No próprio processo de transcrever as entrevistas já foram sendo feitas leituras sobre as informações contidas ali, mas mesmo assim o material foi lido muitas vezes e feito

destaques para os temas recorrentes presentes no texto. Esse processo de ida e retorno ao material, de leituras do texto e destaque para temas recorrentes, foram feitos até constituir-se um esquema temático das informações. A análise foi presente em toda a pesquisa, com leituras das entrevistas e reflexões sobre a literatura, como apontado por Spink e Lima (2004), embora como informou Yin (2005), foi no momento de análise onde se intensificou a sistematização e compreensão das informações obtidas ao longo da pesquisa.

As análises foram feitas a partir das falas das entrevistadas, entendendo-as como discursos de um momento singular e por pessoas singulares como salientado por Spink e Menegon (2004). Foi possível organizar os discursos produzidos pelas trabalhadoras a partir de temáticas recorrentes e articulá-las com as proposições teóricas, refletindo sobre a pergunta da pesquisa e seus objetivos, tal como novas questões que surgiram deste material. É possível observar esta organização do material de análise na tabela 1.

Nesta tabela 1 constam três colunas, nomeadas de 1º tempo, 2º tempo e 3º tempo. O *primeiro tempo* se refere aos temas iniciais emergidos das entrevistas transcritas, foi onde ocorreu a identificação das temáticas mencionadas pelas participantes e feita organização destas. O *segundo tempo* foi uma articulação do material identificado com as leituras da teoria, as temáticas associadas às dimensões de passado, presente e futuro, como o trabalho das mulheres no âmbito produtivo e no doméstico. O *terceiro tempo* foi a consolidação dos eixos de análise, as dimensões de tempo associadas às trajetórias das trabalhadoras e relacionados com a divisão sexual do trabalho.

Tabela 1- Análise das informações.

1º Tempo: Temáticas identificadas e organizadas	2º Tempo: Síntese das temáticas	3º Tempo: Articulação das temáticas com a literatura
<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhos anteriores - Família no local de trabalho -Relação entre trabalhador e família proprietária da empresa - Residência e deslocamento ao trabalho - Vida, saúde e relações familiares - Relação atual com o trabalho - Relações entre trabalho e emprego - Relação com o encarregado - O ensino e aprendizagem do trabalho no abatedouro - Futuro no trabalho - Oportunidades de trabalho - Relação entre os trabalhadores na empresa 	<ul style="list-style-type: none"> • Passado <ul style="list-style-type: none"> - Trabalhos anteriores - Família no local de trabalho - Relação entre os trabalhadores na empresa • Presente <ul style="list-style-type: none"> - Residência e deslocamento ao trabalho - Vida, saúde e relações familiares - Relação atual com o trabalho - Relações entre trabalho e emprego - Relação com o encarregado - Relação entre trabalhador e família proprietária da empresa - O ensino e aprendizagem do trabalho no abatedouro • Futuro <ul style="list-style-type: none"> - Futuro no trabalho - Oportunidades de trabalho 	<p style="text-align: center;">Trajetórias das Trabalhadoras</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho no abatedouro antigamente - O trabalho das mulheres no abatedouro - Trabalho das mulheres em casa 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho na indústria <ul style="list-style-type: none"> - O processo de industrialização do abatedouro - Trabalho das mulheres no abatedouro • Trabalho nas suas residências <ul style="list-style-type: none"> - Trabalho das mulheres em suas casas 	<p style="text-align: center;">Divisão Sexual do Trabalho</p>

O procedimento de análise do material foi um processo singular fundamentado no construcionismo social. Mesmo identificando ao final deste processo duas grandes categorias, de um lado, as trajetórias das trabalhadoras e, de outro lado, a dimensão da divisão sexual, são necessárias considerá-las divididas somente em termos de facilitação

da análise e exposição dos resultados, pois são aspectos de uma mesma realidade. Ressalta-se que as duas categorias estão inter-relacionadas em todos os momentos da discussão das informações, somente havendo esta diferenciação para melhor construção do trabalho. Depois de feito a organização do material principal, a estas foram integradas as informações complementares, tanto a partir da exposição de fragmentos de entrevistas ou depoimentos, como na forma de figuras, tabelas e comentários.

Em continuidade se apresenta as análises das informações coletadas, no item 4, onde desenvolveu-se as informações sobre a indústria da carne avícola, o contexto econômico nacional, do estado de Santa Catarina e aspectos gerais dos trabalhadores da produção avícola. No mesmo capítulo também foi descrito aspectos da indústria investigada, como a localidade, um breve histórico do estabelecimento, os modos de organização, a quantidade de trabalhadores, o perfil dos trabalhadores em geral e das participantes desta pesquisa, como também o processo de trabalho na organização. No capítulo 5, foi descrito aspectos das trajetórias das entrevistadas, aspectos temporais referentes a sua história pregressa, seus cotidianos e projeções futuras. No capítulo 6, foi destacado a divisão sexual do trabalho, tanto nos aspectos da organização, como no âmbito familiar, bem como, no capítulo 7 foi descrito as considerações finais.

4 PRODUÇÃO AVÍCOLA, TRABALHADORES/AS E O PROCESSO DE TRABALHO NA INDÚSTRIA

4.1 Avicultura industrial

Avicultura industrial de corte é um setor produtivo da carne avícola para a comercialização e o consumo humano. No mercado internacional, o Brasil é o terceiro maior produtor mundial de carne de frango, apenas precedido pelos Estados Unidos e pela China, uma posição galgada especialmente pela entrada do país no mercado externo. O Brasil se destaca quanto à categoria de exportador, ocupando o primeiro lugar em relação aos países citados, exportando para a Rússia, Japão, União Européia, Arábia Saudita, África do Sul, Emirados Árabes e Hong Kong (Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola [CEPA], 2008).

Nos últimos anos houve uma intensa expansão do setor produtivo avícola, fundamentado nas novas tecnologias: genética, insumos, nutrição, manejo, sanidade do animal e equipamentos; como também na mudança dos padrões alimentares brasileiro, aumentando o consumo da carne de frango. De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE, 2006), nos anos noventa, especialmente a partir da segunda metade dessa década, existiu um incremento deste setor produtivo apresentando o maior crescimento em relação a outros processos produtos no país. Miele e Giroto (2005) ressaltam que esse acréscimo na produção brasileira foi extremamente recente, pois aumentou de uma participação no mercado mundial de 7% em 1990 à 13% em 2004. Os autores atribuem essa consolidação especialmente a conquista do mercado externo, visto que o Brasil conseguiu um produto que se tornou competitivo nos mercados e também foi derivada de dificuldades de outros mercados, como crises a partir de enfermidades animais em variadas regiões e países do mundo, que não atingiram a comercialização da carne avícola brasileira, sendo que esta passou a ocupar o primeiro lugar nas exportações mundiais em 2004.

Informações sobre o consumo de carne avícola também demonstram esta expansão. Giroto e Avila (2003) mostram essa evolução no Brasil nos últimos 30 anos. Em 1970 o brasileiro consumia 2,4 kg de frango por ano, em 1990 o consumo era de 14,2 kg, chegando a 31,9 kg de carne de frango por habitante em 2002. Alencar (2005)

atribui esta expansão acelerada aos avanços genéticos e às mudanças no processo de abate, a autora relata que em 1925, o frango era abatido com cerca de 110 dias, passando a 49 dias em 1999.

O crescimento da produção avícola se destaca no mercado nacional, em 2007 houve um crescimento de 10,2%, significando um aumento de 951 mil toneladas de carne. Dentre os estados com maior produção de frango de corte estão o Paraná, em seguida, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul com a terceira posição dos maiores produtores brasileiros de carne de aves. Na atualidade, Miele e Giroto (2005) apontam que a importância do sul é significativa para o mercado brasileiro, pois os três estados são responsáveis por 64% dos abates de frango do país, são estados com muita tradição nessa produção, derivados de um pioneirismo no setor, por uma tradição de criadores de aves, como também pelas características do sul ser marcado por uma estrutura de pequenas propriedades familiares, o que subsidia a instalação de agroindústrias e uma relação de integrados¹⁸. Os estados do sul possuem tradição no mercado, mas mudanças estão ocorrendo devido à expansão da avicultura no Centro Oeste do país, que hoje ocupa 22% da produção brasileira. Do montante total da produção avícola brasileira são cerca de 70% destinados ao consumo da população interna e 30,7% destinados à exportação (CEPA, 2008).

A exportação é fundamental para o estado de Santa Catarina, visto que, dentre os estados brasileiros é o maior exportador de carne de frango. Segundo o CEPA (2008), um fator relevante para a supremacia da exportação catarinense é a comercialização de um produto com valor agregado, exportando para mais de uma centena de países. Acrescenta-se a essas informações a existência dos três portos no estado que podem ofertar o escoamento da produção, com mais expressividade, há o Porto de Itajaí, com principal produto de exportação ser pedaços comestíveis de aves¹⁹ e, em seguida, os portos de São Francisco do Sul e de Imbituba.

A produção da carne avícola é relevante para Santa Catarina Sorj, Pompermayer, Coradini (2008) descrevem que em 1976 havia no Estado nove empresas processadoras

¹⁸ Definição de sistema de integração: “Tecnicamente, esse sistema é definido como uma forma de articulação vertical entre empresas agroindustriais e pequenos produtores agrícolas, em que o processo de produção é organizado industrialmente, ou mais próximo possível desse modelo, com aplicação maciça de tecnologia e capital. São produtores integrados aqueles que, recebendo insumos e orientação técnica de uma empresa agroindustrial, produzem matéria-prima exclusivamente para ela” (Paulilo, 1987a, p. 1).

¹⁹ Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior [DEPLA], (2008).

de carne, das quais contavam com 953 integrados, cada grande indústria processadora contava com cento e seis estabelecimentos de criação de aves integrados. Esses contratos de granjas integradas assinalavam uma força de trabalho eminentemente familiar, com eventuais contratos assalariados. Os autores também assinalam que no contexto catarinense de 1970, existiam poucos contratos formais estabelecidos entre as empresas transformadoras e os criadores de aves.

Para o comércio da carne, o ano de 2006 foi marcante para os produtores devido ao problema da gripe aviária, quando os mesmos chegaram a receber o menor preço pelo frango vivo da última década (CEPA, 2008). Esse problema não somente acarretou conseqüências aos preços dos produtos, mas também houve uma penalização dos trabalhadores pela ocorrência de muitas demissões no decorrer deste ano. Visto que a crise foi passageira, com os preços dos produtos sendo retomados em 2007, os responsáveis por sindicatos e associações da produção avícola concluíram que os trabalhadores foram penalizados precipitadamente (DIEESE, 2006).

Quanto à organização da produção, a União Brasileira de Avicultura (UBA, 2008) aponta que os três estados do sul do Brasil são fundamentados no *sistema de integração*²⁰, responsável por 95% das produções avícolas. Com o sistema de integração, a empresa possui o controle de todos os eixos da cadeia produtiva, desde a criação das aves, insumos, abates, processamento e distribuição. Isso sinaliza que uma ínfima quantidade de estabelecimentos (5%) não é vinculada a uma grande indústria processadora de alimentos, em outras palavras, é um setor onde existe a predominância de grandes corporações.

Os estabelecimentos de abate podem ser considerados como uma produção agrícola, no caso de serem de pequeno porte, ou como estabelecimentos industriais, quando de grande porte. Isto corresponde que a mesma atividade de abate de animais pode estar atrelada a uma produção do setor primário ou secundário, pode ser uma atividade agrícola ou industrial (Classificação Nacional de Atividades Econômicas [CNAE], s/d). Os pequenos estabelecimentos de abate são também produtores rurais, mas as empresas médias e grandes de abate fazem parte da indústria de transformação, correspondendo a realidades distintas referentes às receitas, as relações de trabalho e a organização da produção.

²⁰ O mesmo sistema de integração descrito na nota de rodapé número 18 (p. 50).

Outra distinção entre estabelecimentos de abate também pode ser arranjada em termos de fiscalização, os pequenos abatedouros são atrelados à inspeção municipal, os médios a fiscalização estadual e os grandes a fiscalização federal. Todos os produtores de carne necessitam estar vinculado a um tipo de fiscalização sanitária, caso contrário são considerados abatedouros clandestinos²¹. A fiscalização é exercida por um veterinário da Vigilância Sanitária que controla os procedimentos dentro dos estabelecimentos, como no recebimento dos animais, manipulação, transformação, preparo da carne, conservação, acondicionamento, embalagem, depósito, rotulagem, trânsito, entre outros. O estabelecimento avícola investigado nesta dissertação é vinculado ao sistema de fiscalização estadual, isto proporciona a comercialização da carne em todo o território catarinense, mas não possibilita o comércio no âmbito nacional e a exportação.

Na realidade avícola brasileira, há destaque aos empreendimentos de grande porte, pela grande quantidade de produção que efetuam, sendo também chamados frigoríficos. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008b), a concentração do abate sob a inspeção federal, que são os estabelecimentos de grande porte, representa 96,2% do volume total da produção brasileira de carne de frango. Essa informação mostra o predomínio na indústria avícola de empresas de grande porte em relação às médias e pequenas empresas. Sob a inspeção estadual, o volume total de produtividade corresponde apenas a 3,7%. Do mesmo modo como ocorrem com as pequenas empresas, os pequenos abatedouros possuem somente 0,1% do volume total de animais abatidos no país.

Desta forma, os grandes empreendimentos se destacam quanto aos seus processos produtivos, força de trabalho e sua produção por movimentarem significativamente a economia brasileira e dos estados. O estado de Santa Catarina se destaca por ter empresas avícolas como Macedo, Avícola Itaiópolis (AVITA), Sadia, Perdigão, entre outras, que movimentam significativamente a economia estadual e a geração de emprego e renda. “O segmento é também muito importante [...] já que mantém 210 mil empregados [no país] com carteira assinada, considerando a criação e abate de aves,

²¹ No Brasil, o abate de aves necessita ocorrer de acordo com o estabelecido no RIISPOA, que é o Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária dos Produtos de Origem Animal, bem como no Regulamento Técnico da Inspeção Tecnológica e Higiênico-Sanitária de Carne de Aves, Brasil (1997) e Brasil (s.d.).

distribuídos nos vários estados produtores, com salário médio de R\$ 600,00” (DIEESE, 2006, p. 2). Somente o setor de abate de aves emprega 130 mil trabalhadores, sendo significativo para as mulheres, que correspondem a quase 40% deste contingente com cerca de 51 mil empregadas (DIEESE, 2006).

Quanto aos trabalhadores/as, Alencar (2005) assinala a atividade em um abatedouro como diferente de outras atividades produtivas, pois o objeto não é um ser inanimado, mas sim um animal: “... o trabalho de produção animal tem um diferencial, uma característica especial a ser considerada: o objeto do trabalho. Descreve-se aqui como um objeto de trabalho um ser vivo, animal que percebe e responde aos comportamentos humanos” (p. 26).

O desgaste deste trabalho também foi observado por Oliveira (2008), “25% dos trabalhadores que estão dentro das fábricas, estão lá fora doentes, formando um exército de mutilados profissionalmente chegando em cerca de 200 mil trabalhadores no país. [...] Dizem que o mundo está melhor, mas não para os trabalhadores do setor avícola” (s.p.). Devido a gravidade da situação há uma mobilização social que busca melhorias na qualidade de vida dos trabalhadores deste setor, aspecto que será assinalado adiante nesta dissertação.

4.2 Indústria de abate investigada

A seleção do abatedouro avícola ocorreu a partir da consulta em um banco de dados no GIPADMA, bem como pela observação feita pela autora da expressiva presença de trabalhadoras na produção em uma indústria avícola de inspeção estadual feita quando investigava abatedouros na microrregião de Blumenau (Florit et al., 2006), (ver os motivos dessa seleção no capítulo do Itinerário 3.1).

De acordo com as informações contidas no banco de dados da pesquisa acima mencionada, em março de 2005, o abatedouro selecionado contava com sessenta e sete trabalhadores totais. Deste número, havia trinta e duas pessoas na produção. A produtividade girava em torno de sete mil aves abatidas por dia. Os animais abatidos vinham de criações do próprio município e de outros da região compondo o sistema integrado. O destino das carnes era a comercialização *in natura* (crua) para clientes e venda *in natura* para estabelecimentos comerciais, não havia a transformação da carne

em outros subprodutos, como lingüiças ou defumados. Dos trinta e dois trabalhadores da produção, nove eram do sexo masculino e vinte e três do sexo feminino²². Essa presença considerável de mulheres foi o que instigou os pesquisadores a aprofundar os motivos delas estarem exercendo essa ocupação.

Na primeira visita à empresa para estabelecer o contato inicial para o desenvolvimento desta dissertação, em novembro de 2007, foi instigante observar as mudanças ocasionadas na estrutura da empresa em comparação a 2005. A empresa já possuía outros contornos quanto ao seu parque fabril, com câmaras frias maiores do que as usadas anteriormente, bem como seus gestores mostravam a preocupação com a segurança por terem sofrido um assalto, mudando a dinâmica anterior onde não havia portão para delimitar a estrada e o estabelecimento.

O abatedouro pesquisado é localizado na divisa entre dois pequenos municípios da microrregião de Blumenau, no estado de Santa Catarina. Trata-se de uma região peri-urbana, conceito desenvolvido por Wanderley (2000), correspondendo a um espaço não somente rural, mas que se encontra em continuidade com a parte urbana da cidade. Para se dirigir ao estabelecimento, existem duas estradas, ambas são de terra, em boas condições, mas muito sinuosas, com uma distância média de quatro quilômetros até a rodovia principal.

Na extensão destas estradas de terra, circundam empreendimentos típicos da região, como pequenos produtores de cerâmica, uma pousada rural, uma escola de ensino básico (pré-escola), uma creche recém-aberta (abril, 2008), um posto de saúde, igreja, casas típicas de estilo enxaimel²³, um mercado, pequenas propriedades de cultivo de milho, arroz irrigado, trigo e palmito. Nessas proximidades também há empresas com atividades econômicas relevantes, como uma metalúrgica de grande porte e indústrias de confecções de porte médio. Existe nesse contexto, um ribeirão que corta o terreno onde se situa o abatedouro e segue cortando a rodovia.

Trata-se de uma empresa familiar, na qual os filhos do fundador do abatedouro eram sócios, sendo que alguns deles atuam na empresa, outros não, e um dos irmãos é o gerente geral do empreendimento.

²² Informações coletadas por questionário, aplicado por Laila Priscila Graf e Luciano Félix Florit, em 29 de março de 2005.

²³ Enxaimel é uma arquitetura levada por colonizadores alemães no século XIX à região de Blumenau, um estilo de construção de residências a base de peças de madeira e, seguidamente, feito o preenchimento com materiais de vedação (Blumenau on line, 2006).

No período de idas a campo, o estabelecimento foi continuamente modificado, a cada dia era possível verificar novas construções e adequações do estabelecimento. A estrutura física era composta por uma sede administrativa, um prédio de dois andares, com salas de escritórios e refeitório²⁴. A parte gerencial era no andar superior e ali atuavam cerca de sete pessoas que organizavam as funções administrativas, no setor de recursos humanos. No refeitório, havia uma cozinheira, que preparava as refeições para as pessoas da administração, os sócios proprietários. Esse era um espaço distinto dos trabalhadores da produção.

Em relação a organização espacial do estabelecimento, também existia um galpão industrial, no qual estava o abatedouro e mais de oito garagens de caminhões. Também havia um refeitório separado, destinado ao/as trabalhadores/as. Este era equipado com mesas, bancos, fogão, banheiros feminino e masculino, armários com chaves para os funcionários guardarem seus pertences e bebedouros. Esse espaço era central nas conversas e interações entre os trabalhadores/as, pois nos intervalos do trabalho, sentavam-se e conversavam sobre suas coisas e o que acontecia na organização. Eles/as ficavam a vontade, pois não havia a presença do encarregado e nem dos proprietários.

Na entrada do estabelecimento havia uma guarita com um vigilante de uma empresa de segurança privada que identificava os transeuntes e efetuava o contato com a administração. Bem como, havia uma residência disposta na entrada do abatedouro, onde residia a antiga proprietária do estabelecimento, mãe do atual proprietário, que foi reformada há cerca de cinco anos depois do falecimento do marido.

O estabelecimento antigamente era uma granja que produzia aves vivas para a comercialização local; o pai do atual proprietário criava os frangos, assim havia uma série de galpões disposto em todo território da atual indústria. Há uma foto, no antigo escritório da granja, que mostra como era o terreno com mais de dez ranchos avícolas. Segundo o proprietário, as atividades de abate iniciaram em 1979, quando ele e sua mãe selecionavam algumas aves e efetuavam o abate em um tanque de inox perto da residência, naquela época o proprietário necessitou trancar a faculdade de administração para comercializar as carnes em um antigo veículo da família.

²⁴ Ver figura 1 (p. 56)

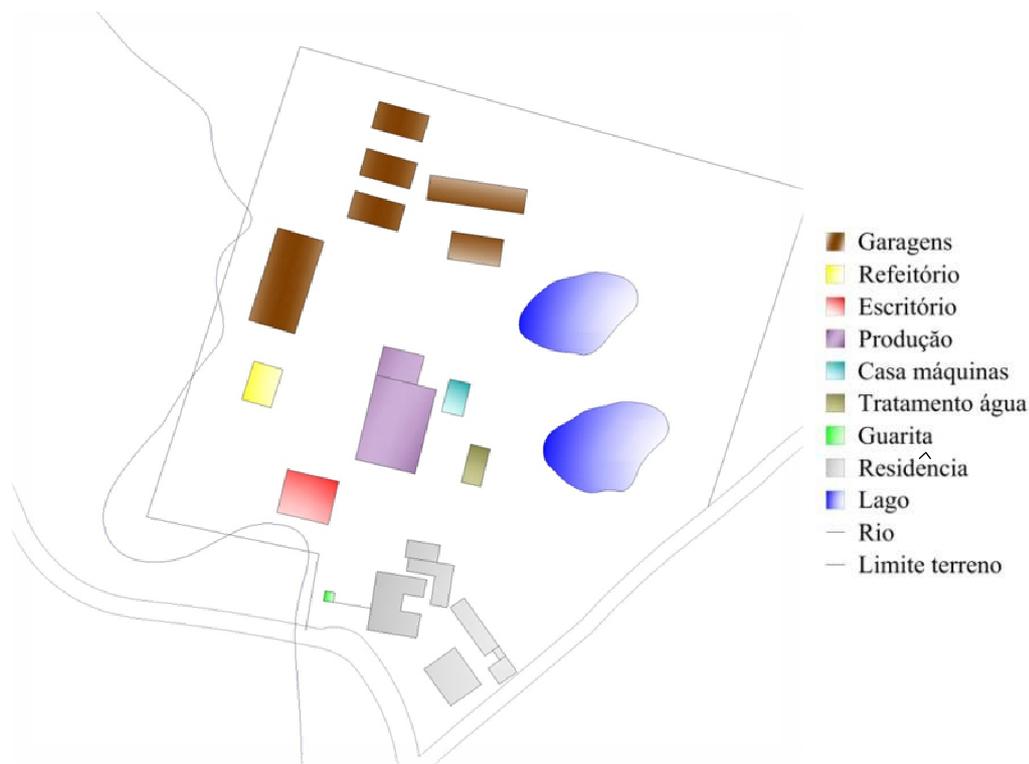


Figura 1- Croqui da planta industrial do abatedouro

Figura sem escala elaborada pelo Arquiteto Rafael Ivan Corrêa em maio de 2008.

No relato sobre o funcionamento do abatedouro antigamente, o proprietário informou que na época não se preocupava com as leis trabalhistas, pois chamavam pessoas da localidade para ajudarem na atividade; alguns continuavam e outros desistiam. Também não havia preocupação quanto a higiene e nem com a vigilância sanitária, realidade diferente da atual. Ele apontou que as coisas eram muito difíceis naquela época porque tudo dependia de grande esforço, diferente da atualidade que muitas coisas são providenciadas por ligação telefônica.

Quanto à residência localizada na divisa do estabelecimento, foi construída para a mãe do proprietário, substituindo a antiga residência. O proprietário relatou que não foi um bom investimento pela necessidade de expansão do abatedouro e por ela dificultar a passagem dos caminhões, visto que em anos anteriores não visualizaram uma ampliação do negócio.

O transporte das aves necessita ser feito com cuidado, por possuir uma carga viva à temperatura e o tempo demasiado em trânsito pode ocasionar a morte das aves. Visto que esses animais mortos em trânsito não fazem parte do contingente destinando ao

abate, há uma fiscalização nesse sentido por perda da qualidade da carne e a sanidade do alimento. Durante as observações, houve dias com muitas aves ‘descartadas’, que já estavam mortas e não foram empregadas na produção, devido a trânsitos enfrentados pelos caminhões e problemas mecânicos que não puderam ser solucionados. Para amenizar o problema do calor enfrentado pelas aves, o caminhão é disposto no estabelecimento em garagens arejadas, cobertas com ventiladores e jatos de água nos dias quentes.

A empresa tinha em torno de cinquenta aviários integrados, que são outros estabelecimentos incorporados a empresa, criadoras de aves para o abate. As aves eram transportadas dos integrados ao abatedouro diariamente, quando as aves possuíam quarenta e cinco dias de vida. Estes integrados estavam localizados em cidades próximas com um perímetro máximo de cem quilômetros de distância.

No período de coleta das informações, a empresa abatia diariamente mais de 16.000 aves; mas em período de festas comemorativas, como Natal e Ano Novo, o número se aproximava de 19.000 aves. Todas as aves eram produzidos especialmente para a comercialização. Os produtos feitos eram frango inteiro e os pedaços de cortes, como a asa, coxa e sobrecoxa, peito sem pele e frango a passarinho. Todos os produtos são embalados, com material plástico e armazenados nas câmaras frias. A descrição do processo produtivo será retomada quando for relatado o cotidiano do trabalho, no capítulo 5.

A empresa possuía vinculação de inspeção sanitária com a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (CIDASC), a qual inspeciona os produtos de origem animal dessa manufatura no estado de Santa Catarina, tal como referido, a empresa correspondia às exigências fiscais estaduais e possuía em seus produtos o selo de inspeção estadual. Para implementar esse tipo de inspeção a empresa necessita preencher uma série de requisitos e documentos para solicitação do Serviço de Inspeção Estadual (SIE), tal como laudos de inspeção prévia do terreno, do estabelecimento construído ou em construção, licença ambiental expedido pela Fundação do Meio Ambiente do Estado de Santa Catarina (FATMA), plantas do

estabelecimento, relação dos materiais, carteira de saúde dos trabalhadores e dos proprietários, vistorias finais²⁵.

Quanto ao número de trabalhadores, o abatedouro possuía, na época (julho, 2008), aproximadamente cem trabalhadores, cinquenta mulheres e cinquenta homens. Os trabalhadores/as exerciam as ocupações de motorista, auxiliar de motorista, operador de caldeira, operador de empilhadeira, auxiliar de expedição, serviços gerais, auxiliar administrativo, mecânico, pedreiro, auxiliar de evisceração e abatedor. Existia um fiscal da vigilância sanitária que conforme um depoimento era vinculado à vigilância sanitária do município acompanhando o processo produtivo. Em todas as idas a campo foi observada a presença desse fiscal junto ao estabelecimento.

Existia também um encarregado para a supervisão dos trabalhadores/as na produção, não sendo assalariado, mas com sua empresa de consultoria especializada em processamento e abate de aves contratada. Contudo, além deste encarregado, não havia mais nenhum supervisor dos trabalhadores ou da produção, sendo ele pessoalmente que exercia a supervisão direta de todos os trabalhadores e atividades desenvolvidas dentro do frigorífico.

Para os motoristas o trabalho começava a partir das quatro da manhã e para os demais trabalhadores às sete horas. O horário do expediente dos trabalhadores terminava às cinco horas, de acordo com os agendamentos da produtividade da carne, a carga horária diária dos trabalhadores/as poderia ser estendida ou diminuída. Havia dois intervalos de quinze minutos, um na manhã e outro à tarde e uma hora de almoço. O abatedouro fornecia a refeição do meio dia, eram fornecidas marmitas por uma empresa contratada. A empresa disponibiliza um ônibus para o transporte diário dos trabalhadores e na admissão oferecia-lhes roupas brancas, jalecos, boné com o logotipo da empresa, botas cano sete léguas brancas e protetores auriculares. As informações sobre os trabalhadores serão ampliadas no item 4.4 e sobre o processo de trabalho no item seguinte.

4.3 Processo de trabalho

²⁵ Ver a referência: Normas Básicas para Instalação do SIE (2007).

As funções e atividades dos trabalhadores são condicionadas ao lugar produtivo ao qual cada pessoa ocupa. Como a atividade produtiva funciona como uma linha de montagem²⁶, a equipe necessita de muita concentração e agilidade. No primeiro momento é a parte que quatro trabalhadores descarregam do caminhão as caixas de aves, retiram os animais das caixas e prendem as aves em ganchos para o início do processo produtivo. O ambiente possui restos de penas, resíduos e excrementos. Os funcionários não usam roupas brancas neste lugar, mas roupas escuras com luvas de borrachas e luvas plásticas. É um trabalho feito com agilidade e força, pois retiram os frangos das caixas e engatam os pés do animal nos ganchos. Não há nesse setor nenhuma mulher trabalhando, é a área externa do estabelecimento, considerada como a área suja.

Após as aves serem colocadas nos ganchos, elas são conduzidas pela corrente e são banhadas em água elétrica, ocasionando o atordoamento. O atordoamento visa desacordar o animal, preparando o processo seguinte, que consiste na degola. A degola é o processo do corte, neste caso manual, feito por um trabalhador homem com uma faca afiada seccionando o pescoço. Durante a coleta de informações foi possível observar somente dois trabalhadores homens executando esta atividade. Segundo um depoente, um trabalhador atuou nessa função por mais de dez anos e agora (maio, 2008) estava de licença saúde. A atividade exige muita destreza manual haja vista que o ritmo da nórea, da corrente, determina o tempo disponível para a atividade, havendo poucos segundos disponíveis para cada degola.

Depois da degola vem o processo da sangria, as aves circulam numa cabine para escorrer o sangue, que segue por encanamento até tonéis de armazenamento, pois este material como outros resíduos das aves são vendidos para uma empresa de fabricação de ração. O trabalho descrito até agora são as atividades externas e somente exercidas por homens. A etapa seguinte é a ‘escaldagem’ e ‘depenagem’, os dois processos são feitos com máquinas que o primeiro tem a função de amolecer as penas e o segundo de retirar a maior quantidade de penas deixando ainda alguns resíduos. Um trabalhador retira as penas restantes.

²⁶ Foi usado o termo de linha de montagem para assinalar a característica da produção nesse momento das relações de gênero, no entanto, é observado que a descrição do processo se assemelhe mais a uma linha de desmontagem animal, ver Florit et al. (2006).

Após este processo, cada frango é disposto de uma forma que a cabeça e os pés das aves ficam presos à nórea, corrente. Nesse espaço de trabalho o barulho é alto e os trabalhadores necessitam dos protetores abafadores de som. Após esses processos descritos, as aves entram na área limpa, ou seja, adentram o galpão para a continuidade do processo. As aves são conduzidas por nóreas, pelas correntes, ganchos em linha, em direção a um setor que é também chamado pelos trabalhadores de “área da corrente”. Esse é um espaço predominante de trabalho feito por mulheres, nessa linha há em torno de dez mulheres e cada uma realiza uma atividade, como o furo com a pistola a ar para abrir o abdome do frango, corte manual da lateral da cloaca da ave, a remoção das vísceras e o exame das mesmas, separação do coração, fígado e a limpeza e os cortes da moela. Três trabalhadoras entrevistadas atuam nessa linha, os processos são rápidos e as mulheres permanecem o tempo todo em pé. Nas atividades com facas, as mulheres usam luvas de aço para diminuir os riscos de acidentes.

No final dessa linha, há o corte dos pés das aves feito por um homem e, posteriormente, os pés são armazenados em um tanque de inox e separados para serem embalados como miúdos. Os frangos seguem em outro tanque inox com água e gelo para manter o resfriamento da carne. Existe um pequeno setor onde é feita a organização e embalagem dos miúdos, em que trabalham três mulheres, elas coletam as caixas com os miúdos já separados e os dispõem separadamente em recipientes de uma máquina de embalagem. Essa máquina embala os miúdos em pequenas sacolas a serem dispostas dentro dos frangos inteiros prontos.

Após o processo da corrente, é feito a separação das carcaças das aves para o encaminhamento a duas linhas de produção distintas, uma ao setor chamado pelos trabalhadores com *sala de corte*, onde há os cortes das peças de carnes e depois à embalagem dessas e o outro setor onde é feito a embalagem dos frangos inteiros sem cortes. A seleção das carcaças das aves foi uma atividade observada no trabalho de campo sendo feita tanto por homem quanto mulher. Essa seleção gerava duas linhas, uma das trabalhadoras que embalavam o frango inteiro colocando os miúdos e temperos na carne, um setor somente de trabalhadoras, em torno de dez mulheres. E do outro lado, havia a sala de corte, com cerca de cinco trabalhadores e duas mulheres e, posteriormente, na embalagem das peças de carne que era novamente exclusivo de trabalhadoras.

Foi possível observar ao longo da pesquisa de campo locais de predominância do trabalho feminino, no interior do espaço fabril do abatedouro e especificado nos setores onde havia a nória, setor da corrente, e nas áreas que havia esteiras, nas duas áreas de embalagem. O trabalho masculino foi observado presente na área externa, na parte onde eram feitos os cortes das aves, *na sala de corte*, na pesagem e contagem dos frangos congelados, como mecânico, como motorista da empilhadeira, no transporte dos pacotes aos caminhões.

4.4 Trabalhadores/as

Nesse item são destacadas as características de todos trabalhadores do estabelecimento, com dados sistematizados a partir de informações recebidas do setor de Recursos Humanos, a partir de um relatório gerado pelo sistema de contabilidade, em 04 de julho de 2008. A figura 2 refere-se à distribuição dos trabalhadores/as por ocupações.

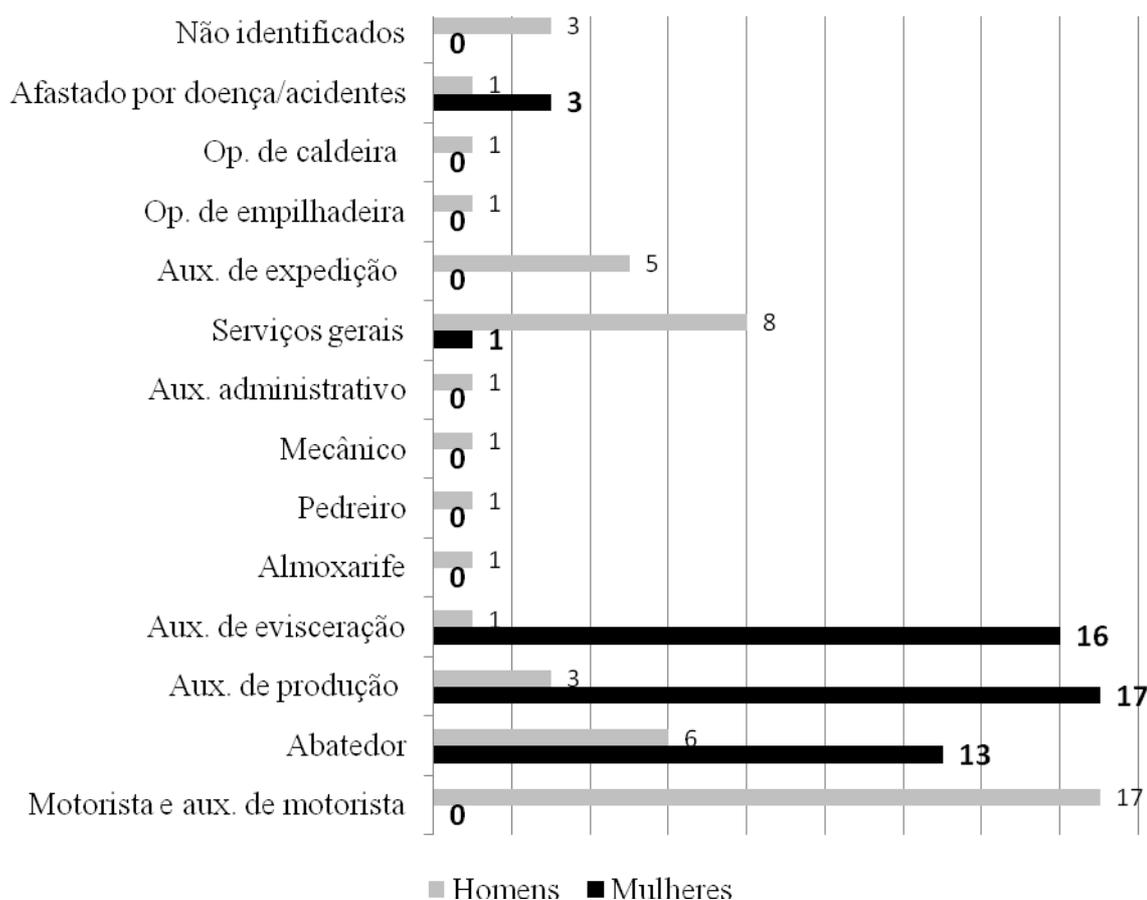


Figura 2 - Distribuição dos trabalhadores/as por ocupações

A figura 2 expõe a distribuição ocupacional entre homens e mulheres. É observada nesta ilustração que as mulheres estão presentes em três ocupações: auxiliar de evisceração, com dezesseis, auxiliar de produção, com dezessete, e como abatedor, com treze trabalhadoras. Os homens exercem variados tipos de atividades como: um operador de caldeira, um operador de empilhadeira, cinco auxiliares de expedição, oito em serviços gerais, um auxiliar administrativo, um mecânico, um pedreiro, um almoxarife, um auxiliar de evisceração, três auxiliares de produção, seis abatedores e dezessete motoristas e auxiliar de motoristas. É possível observar que os homens estão distribuídos ao longo das atividades e, as mulheres, em ocupações específicas.

Outro aspecto mostrado nesta figura é o afastamento por doenças e acidentes de trabalho, que no momento da coleta das informações havia nessa situação um homem e três mulheres. Ressalta-se que nesse quadro a não identificação das funções de três homens.

A figura 3 corresponde às informações sobre o ano de admissão dos trabalhadores/as da organização.

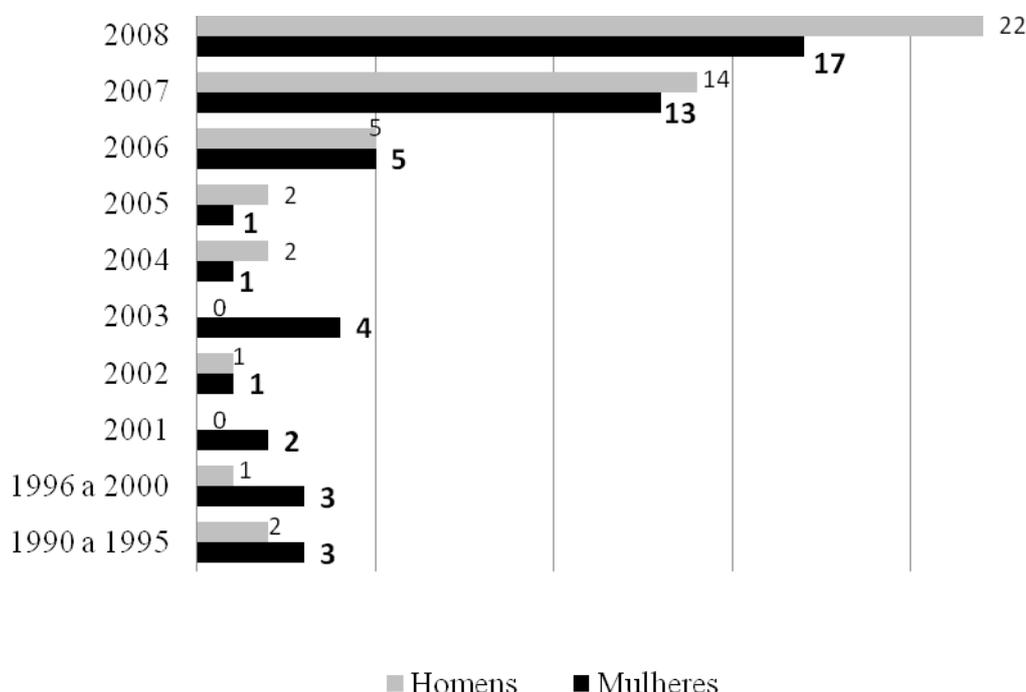


Figura 3 – Distribuição dos trabalhadores/as por ano de admissão.

O ano de 2008 necessita ser considerado somente de janeiro a julho (mês de interrupção da pesquisa de campo).

Pode ser analisado na figura 3 existir entre os anos de 1990 a 1995 a admissão de três mulheres e dois homens. De 1996 a 2000 foram três mulheres e um homem. Nos anos seguintes, 2001, duas mulheres e nenhum homem; 2002 uma mulher e um homem; em 2003, apenas quatro mulheres; 2004 uma mulher e dois homens; 2005 uma mulher e dois homens; 2006 cinco mulheres e cinco homens; 2007, treze mulheres e quatorze homens; 2008 dezessete mulheres e vinte e dois homens. Foi observado que permanecem poucos trabalhadores contratados da década de 1990 e até 2005, com um aumento significativo nas contratações a partir de 2006. Cabe destacar a elevação do número de trabalhadoras contratadas no ano de 2008, considerando as informações coletadas somente até o mês de julho desse ano. Estas informações evidenciam a acentuada contratação de trabalhadores novos nos últimos anos, o que poderia ser

relacionado a presença do encarregado, com experiência de grandes empresas avícolas, com a implantação de um sistema produtivo industrial na organização.

A figura 4 aponta a distribuição etária juntamente com o sexo dos trabalhadores.

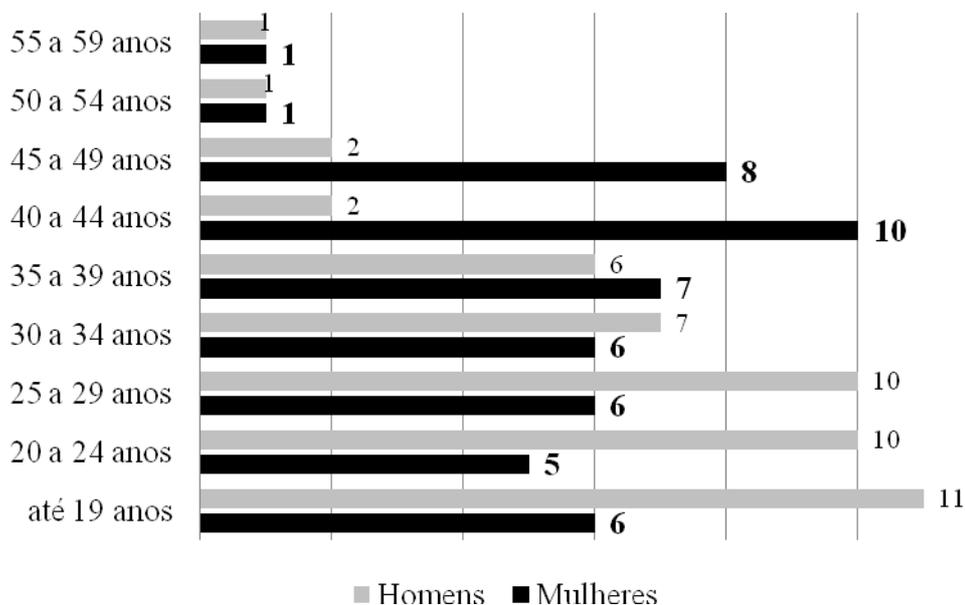


Figura 4 – Distribuição dos trabalhadores por sexo e grupos de idade.

Elaboração com informações concedidas pela organização e distribuição etária de acordo com os critérios do IBGE (2002), no Censo Demográfico.

A partir da figura 4, é possível ser destacado primeiramente uma grande quantidade de trabalhadores jovens, 48 pessoas com a idade até os 29 anos, considerando as mulheres e os homens. No entanto, destaca-se maior presença de homens nas faixas de idade menores, e as mulheres mais presentes nas faixas de idades em dimensão ascendente, seis trabalhadoras com até 19 anos e dez trabalhadoras na faixa etária de 40 a 44 anos. Outro aspecto a destacar é a pouca presença de trabalhadores homens e mulheres com mais de cinquenta anos, apenas quatro pessoas.

A figura 5 apresenta a divisão dos trabalhadores/as por sexo e escolaridade.

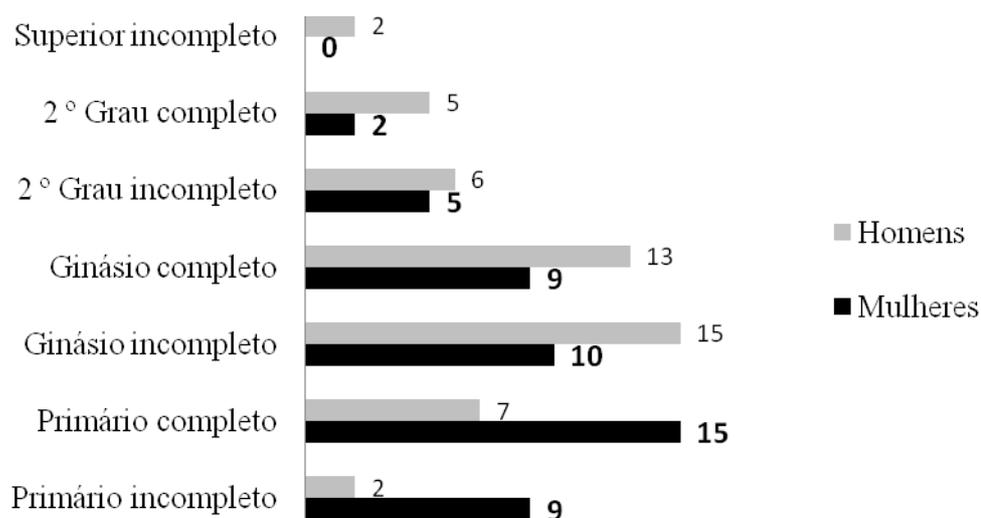


Figura 5 – Distribuição dos trabalhadores/as por sexo e escolaridade.

A figura permaneceu com as categorias escolares fornecidas pela empresa; o primário e ginásio referem-se ao ensino fundamental e o 2º Grau ao ensino médio.

Aqui, nesta figura 5, foi observado que 80% dos trabalhadores de ambos os sexos possuem o nível escolar de até ginásio completo (ensino fundamental). Somente sete pessoas concluíram o 2º Grau (ensino médio) e dois homens cursaram o ensino superior sem concluí-lo.

Quanto a distribuição das informações por sexo, percebe-se com a figura 5, as trabalhadoras apresentarem menor escolaridade que os homens, com vinte e quatro mulheres com estudo até o primário completo (a quarta-série do ensino fundamental) e nove homens na mesma faixa escolar. É possível perceber nesta figura, na medida em que a faixa educacional aumenta, o índice de mulheres torna-se decrescente, apenas duas mulheres da organização concluíram o 2º Grau (ensino médio). Para as mulheres, a maior expressividade é no primário completo (conclusão da quarta-série). Situação diferente dos homens, pois a maioria se concentra em uma faixa educacional mediana, com uma maior expressividade no ginásio incompleto (da quinta série a oitava série do ensino fundamental). Ney (2006) apresenta informações de que a baixa escolaridade é mais observada em espaços rurais, no qual as desigualdades ocorrem precocemente e a evasão escolar é iniciada já nos primeiros anos do ensino fundamental. Os trabalhadores apresentam esse menor nível de escolaridade apontado por Ney (2006), como também

as mulheres aqui estudaram menos tempo que os homens, diferente do apontado por tendências atuais quando mencionam serem as mulheres a acessarem os maiores níveis (Abramo, 2004; IBGE, 2008a).

Diante dessas informações, é apresentado a seguir mais detalhes sobre as participantes da pesquisa, pois foi possível com isso conhecê-las com mais proximidade. Como foi relatado o capítulo do itinerário, oito mulheres foram entrevistadas nessa pesquisa gerando informações apresentadas na tabela 1 e nos relatos apresentados em sequência.

Tabela 2 - Caracterização das Entrevistadas

Nome²⁷	Idade	Educação	Estado Civil	Filhos	Atividades atuais	Tempo na empresa
Valentina	42	Primário	Casada	3	Corte lateral nas aves	23 anos
Margarida	47	Ginásio Incompleto	Casada	4	Limpeza do refeitório dos trabalhadores	8 anos
Acácia	32	Ginásio Incompleto	União Estável	1	Embalagem das aves inteiras	2 anos
Letícia	19	Ginásio Completo	União Estável	1	Embalagem de peças de aves	5 meses
Camila	56	Primário	Casada	4	Embalagem das aves inteiras	5 anos
Yasmin	20	Ginásio Completo	Solteira	0	Embalagem das aves inteiras	3 meses
Hortência	49	Primário	Casada	3	Extração das vísceras	8 anos no total
Gardênia	44	Primário	Casada	1	Na limpeza da moela	1 ano

Fonte: elaboração própria, com base nas informações relatadas pelas entrevistadas.

²⁷ Todos os nomes relatados nesse trabalho são fictícios.

A tabela 2 fornece um quadro do perfil das entrevistadas, agora é seguida da descrição de suas histórias:

Valentina é casada, tem 42 anos, três filhos, destes, dois residem com ela e mais uma neta. Trabalha na empresa há vinte e três anos, com parte do período com carteira assinada e outro sem. Valentina trabalhou em muitos cargos dentro do estabelecimento e relembrou das transformações da empresa ocorridas ao longo dos anos. Relatou que anteriormente tudo era pequeno, os trabalhadores executavam todo o processo produtivo, tal como realizar os cortes das aves, retirarem penas, degolar, limpeza e o transporte das aves, diferente da atualidade em que cada trabalhador exerce somente uma função. No momento da coleta das informações da pesquisa ela atuava como auxiliar de evisceração, realizando o corte lateral da cloaca na *nórea*²⁸, uma corrente que transporta as aves para a retirada das vísceras. A entrevistada relembrou com muita saudade os tempos antigos, as festas de finais de anos ocorridas na empresa. Sua mãe e seu pai também eram trabalhadores dessa empresa e se aposentaram por ela. Seu marido também trabalha na empresa, como caminhoneiro, bem como sua filha, no setor da produção. É a responsável pelas atividades domésticas de sua residência, planeja permanecer no abatedouro até a aposentadoria e acumular dinheiro para construir a casa própria, pois reside em uma residência emprestada pela empresa.

Margarida é casada, tem 47 anos, quatro filhos e três netos, apenas um filho reside com ela. Trabalha na empresa há oito anos, contando todo o período de trabalho, pois houve algumas interrupções nesse percurso com saídas e retornos à empresa. Margarida trabalhou em outros estabelecimentos, como no ramo de alimentação. Na empresa, trabalhou como auxiliar de evisceração e abatedora e, atualmente, trabalha na limpeza do refeitório dos trabalhadores. Em sua trajetória, relatou a necessitar de sair do trabalho para cuidar dos filhos quando eram pequenos, cuidava das crianças e das atividades domésticas até cada filho ter dois anos. Sua filha também trabalha no abatedouro, na sala de corte, bem como seu marido, como caminhoneiro. A entrevistada é responsável pelos serviços domésticos, mas conta com a ajuda do marido. Ela apresenta sérios problemas de saúde e se emocionou quando solicitada a falar sobre o futuro.

²⁸A nórea é uma máquina que transporta as aves limpas, uma do lado da outra, para os/as trabalhadores/as retirarem as vísceras e efetuarem as demais limpezas na carcaça. No local onde foi feita esta pesquisa as trabalhadoras chamavam essa máquina de “corrente”.

Acácia mantém união estável, tem 32 anos, um filho que reside com ela. Está na empresa há dois anos. Desde que entrou no abatedouro exerce a mesma atividade, que é na embalagem dos frangos inteiros, mas, em alguns momentos, é deslocada para a limpeza da parte interna do estabelecimento. Ela trabalhou em outras empresas, relatou sua inserção profissional em uma fábrica de palmito e numa fábrica de sanduíches, cuidou de oito crianças em sua residência por um período e como diarista no trabalho doméstico remunerado. Durante a entrevista, salientou a necessidade de efetuar sua atividade com qualidade e afirmou não gostar quando as pessoas não se comprometem com aquilo que fazem. Também ressaltou a importância do treinamento para as pessoas aprenderem a executar suas atividades. Tem primos e sobrinhos trabalhando com ela no abatedouro. É a responsável pelos serviços domésticos de sua residência, mas recebe ajuda do marido. No futuro, objetiva conseguir outro emprego, em uma empresa que produza materiais secos e com contrato de meio expediente para a ampliação do tempo destinado às atividades domésticas.

Letícia mantém união estável, tem 19 anos, uma filha de um ano e três meses. Trabalha somente há cinco meses no abatedouro. Desde que iniciou na empresa, realiza a mesma atividade como auxiliar de produção, na parte da embalagem dos pedaços de frangos. Este trabalho consiste em uma esteira rolante no qual a trabalhadora necessita selecionar pedaços de frango como coxa e sobrecoxa e os coloca em pacotes e depois lacra. Entre as entrevistadas, é uma das mais novas e também é a única em que utiliza o transporte disponibilizado pela empresa para sua locomoção, em outras palavras, é a única que reside distante da empresa. Relata gostar do trabalho e ter boas relações com todos os seus colegas. Seus trabalhos anteriores consistiram em efetuar a revisão das vestimentas em uma pequena confecção, que entrou em falência, e no trabalho doméstico remunerado exercido em algumas residências vizinhas e de amigas. Letícia é quem realiza as atividades domésticas em sua residência, recebendo algumas contribuições inconstantes do marido. No futuro, objetiva continuar empregada, pois precisa do trabalho para as despesas da filha e para o pagamento do aluguel, mas gostaria de algo que fosse mais próximo de sua residência.

Camila é casada, tem 55 anos e 4 filhos, apenas o mais novo reside com ela. Ela trabalha na empresa há cinco anos, sempre na mesma função, embalando os frangos inteiros e destinados ao congelamento. Ela dispõe o pacote num aparelho parecido com

um funil no qual outra trabalhadora empurra o frango para embalá-los. Não teve outros empregos, sempre trabalhou nos serviços domésticos em sua residência e nos cuidados de suas crianças. Com os filhos crescidos, foi procurar emprego e, já conhecendo essa empresa de abate, foi o primeiro trabalho que se candidatou e conseguiu ser contratada. Relata que o trabalho doméstico exige muito da mulher e está satisfeita em exercer uma atividade remunerada. É responsável pelas atividades domésticas de sua residência, o marido é o caseiro da chácara onde eles residem, ele é responsável pelas atividades da propriedade enquanto ela pelas atividades domésticas. Não possui parentes que trabalhem na mesma organização, no futuro, a entrevistada objetiva permanecer na empresa até poder entrar com a documentação de sua aposentadoria.

Yasmin é solteira, tem 20 anos, não tem filhos e reside com sua mãe. Trabalha na empresa há três meses, na embalagem do frango inteiro, mas na colocação dos saquinhos de miúdos dentro do frango e também na colocação do tempero na parte superior do frango. Ela teve apenas outra experiência de trabalho remunerado que foi como cuidadora de uma criança pequena, ela necessitou residir na casa da pessoa que a contratou, no entanto, depois de um mês pediu para sair por ser difícil, relatou que chorava todos os dias quando estava nesse emprego, pedindo para retornar a sua residência. Como sua mãe também trabalha no abatedouro, conversou com uma das proprietárias para conseguir um emprego ali para a filha, assim Yasmin iniciou seu trabalho no abatedouro. A pessoa responsável pelos serviços doméstico da residência é sua mãe, mas ela contribui na execução das atividades. Quanto ao futuro, espera conseguir outro emprego no setor de embalagens em outra empresa, porque é a única atividade a qual possui experiência, já enviou currículos em outros momentos, mas não foi chamada.

Hortência é casada, tem 49 anos, 3 filhas, apenas uma reside com ela. Trabalha na empresa há vinte anos, exercendo várias atividades ao longo desse período, bem como não permaneceu contratada por todo esse período, pois necessitou sair em alguns momentos para cuidar de suas filhas. Atualmente trabalha na parte de retirada dos miúdos, com a mão direita executa a retirada dos miúdos das aves. Este trabalho é repetitivo e a deixou com as mãos inchadas e com as unhas encravadas. Antes de iniciar no abatedouro, ela trabalhou em uma fábrica de peças de assoalhos de madeira, como também em atividades domésticas remuneradas. Uma das suas filhas também trabalha

na empresa, como cozinheira do refeitório dos proprietários, o marido já é aposentado e trabalhava em outra organização. Hortência é a responsável pelos trabalhos domésticos de sua residência. Quanto ao futuro, objetiva se aposentar pela empresa.

Gardênia é casada, tem 44 anos, tem um filho, que reside fora de casa. Ela trabalha na empresa há um ano, num primeiro momento foi trabalhar na embalagem das aves e agora opera a máquina da moela. A entrevistada controla a máquina de processamento da moela e faz lavagem dessas carnes, para a colocação destas na máquina de embalar os miúdos. Gardênia teve outros trabalhos antes deste ligados a produção rural, trabalhou na agricultura e também na criação de aves para o processamento de uma empresa de grande porte. É ela que realiza as atividades domésticas em sua residência, o marido é caminhoneiro, assim ela passa longos períodos só em sua residência. Não possui nenhum parente também trabalhando na empresa. Quanto ao futuro pretende efetuar um curso de bordado em tela e, também, permanecer no trabalho no abatedouro pela dificuldade do deslocamento a outras empresas.

5 TRAJETÓRIAS DAS TRABALHADORAS

A perspectiva sobre os sentidos do trabalho adotada nesta pesquisa buscou um modo de compreender questões suscitadas a partir das falas das trabalhadoras entrevistadas. De acordo com a perspectiva do construcionismo social, os sentidos são constituídos por meio da linguagem e pelos tempos longo, vivido e curto. Cabe salientar que os sentidos englobam tanto o contexto da produção avícola, os aspectos assinalados no capítulo 4, como nas trajetórias das trabalhadoras feita neste capítulo e na divisão sexual do trabalho apresentada no capítulo seguinte, de modo que as trajetórias formam uma parte desses sentidos, mas não o todo. Assim, neste capítulo, são apresentadas as trajetórias no trabalho, fundamentadas no tempo vivido das entrevistadas, considerando as dimensões: passado, presente e futuro.

5.1 Histórias de muito trabalho e poucos empregos

A indicação de *muito trabalho e poucos empregos* é elaborada a partir de uma distinção conceitual apresentada por Antunes (2002; 2005), o trabalho enquanto produção e reprodução humana e o emprego atrelado à esfera das relações formais e salariais (Antunes, 2005), bem como o entendimento a partir das informações coletadas na pesquisa. As entrevistadas tiveram poucos empregos com a carteira assinada, exerceram geralmente atividades informais pela falta de oportunidades. Os lugares os quais as trabalhadoras entrevistadas foram impelidas a ocupar anteriores à entrada no abatedouro foram parciais, precários, desemprego, subcontratação, necessários ao metabolismo social do capital, tal como apontado por Antunes (2005).

Os trabalhos anteriores das entrevistadas são mostrados na tabela 3, a seguir. Nessa parte há maior enfoque nos trabalhos remunerados, com uma análise que possibilita compreender a relação das entrevistadas com o mercado de trabalho, pois os trabalhos domésticos não-remunerados serão desenvolvidos no capítulo seguinte. Dentre as ocupações pregressas mencionadas, os destaques foram o *trabalho doméstico remunerado* e a *atividade de auxiliar de produção*, ambos assinalados por três entrevistadas, depois, foram os trabalhos de cuidadora de crianças, cozinheira,

atendente, atividades agrícolas, camareira e o trabalho doméstico não-remunerado feito por uma entrevistada.

Tabela 3 - Trabalhos anteriores das entrevistadas

<i>Nome</i>	<i>Trabalhos remunerados anteriores à entrada no abatedouro</i>
Valentina	Algumas atividades agrícolas com remuneração, mas ingressou na empresa ainda muito jovem.
Margarida	Como cozinheira em uma empresa de produção de alimentos, na produção em uma indústria têxtil, em uma empresa de estofados para carros e outros.
Acácia	Na produção, em uma empresa de sanduíches, como atendente de uma choperia, cuidando de crianças e em serviços domésticos remunerados.
Letícia	Como revisora de uma empresa de confecção e em serviços domésticos remunerados.
Camila	Não exerceu atividades remuneradas, sempre trabalhou no serviço doméstico em sua residência.
Yasmin	Exerceu uma atividade como cuidadora de uma criança.
Hortência	Antes de iniciar suas atividades no abatedouro, trabalhou em uma fábrica de assoalhos de madeira
Gardênia	Em atividades agrícolas, cuidando de um aviário, como camareira em um motel e em serviços domésticos remunerados.

Spink e Medrado (2004) relembram que o ‘tempo vivido’ pode ser compreendido a partir dos processos de socialização das pessoas. No caso das trabalhadoras investigadas, os percursos anteriores estão em correspondência com a ocupação exercida no presente. Soares e Sestren (2007) ressaltam a importância de compreender a diversidade de ocupações dos sujeitos ao longo de suas vidas e Coutinho (no prelo, s.p) salienta que a compreensão do passado permite analisar quais as atividades foram empreendidas pelas pessoas ao longo de suas vidas. “O passado remete à inserção no mundo do trabalho, incluindo desde as possibilidades ou não de escolarização e formação profissional, até as diferentes experiências profissionais anteriores”. Ancorando-se nestas referências, buscou-se caracterizar o percurso profissional das entrevistadas.

Uma trabalhadora não exerceu atividades remuneradas além da atual exercida no abatedouro, outra, Valentina, iniciou no abatedouro precocemente e mencionou algumas atividades feitas anteriormente no âmbito rural, as quais possibilitaram ocasionais remunerações. As duas entrevistadas mais jovens, pela pouca idade inclusive, tiveram

breves inserções profissionais no âmbito da informalidade, Letícia atuou como revisora de vestimentas e no trabalho doméstico remunerado e Yasmin como cuidadora de crianças. Nos discursos de Margarida, Acácia, Hortência e Gardênia foi possível observar uma trajetória profissional com maior fragmentação, por terem um percurso mais extenso assinalado com maior variedade de cargos ocupados no mercado de trabalho, tanto em espaços formais, quanto informais, mesmo porque ocorreu de necessitarem romper com a inserção profissional para efetuar cuidados com filhos e serviços domésticos²⁹.

As entrevistadas trabalharam muito como se pode notar na história de trabalho não remunerado contada por Camila, a única entrevistada que não teve trabalho remunerado antes da entrada no abatedouro.

[Eu era] só dona de casa, dona de casa, eu tinha as crianças pequenas e o meu marido não aceitava eu colocar a criança na creche para eu trabalhar. Mas quando eles cresceram, mas falei péra aí, agora eu vou arranjar um serviço pra mim. Eu gosto de trabalha fora. Aí vim aqui um dia o [proprietário] não estava e vim no outro e ele disse “Oh [Camila] pode vir fazer a papelada e começar a trabalhar” eu fiquei feliz da vida (risos) e estou até hoje aqui e nunca faltei no serviço. Tiro prêmio todo final de ano. Ah, eu ganho 30 reais todo [final de] ano, é pouquinho mais ajuda no pagamento, para mim é muita coisa, para quem não ganhava nada em casa né? É um prêmio! (Camila).

É possível observar neste relato a presença da atividade doméstica na vida das mulheres, como uma atividade vinculada ao ser feminino, sem qualquer valorização e nem remuneração. À Camila foram destinados os serviços domésticos da residência e, isso, não permitiu outras atividades remuneradas. Sorj, Fontes e Machado (2007) reiteram que não obstante as amplas conquistas das mulheres no mercado de trabalho, com a ampliação da inserção feminina, os cuidados com a família ainda permanecem como uma atividade exclusivamente feminina. Camila permaneceu ao longo de seu percurso de trabalhadora em atividades domésticas não remuneradas e aponta satisfação em exercer outro tipo de atividade por lhe permitir receber remuneração. Cabe destacar que a própria entrevistada não reconheceu o trabalho produtivo realizado no ambiente doméstico.

²⁹ Esta relação entre produtivo e reprodutivo será explorada no item 6.2.

... ajudava meu marido na roça, nós tínhamos vaca de leite, porco, galinha, cordeiro... ah, isso dava serviço, mas eu não ganhava nada... Isso também dava serviço e eu não trabalhava fora. Cuidava das crianças, era sofrido ser dona de casa né? Pior é que ela tem que ter idade certa para se aposentar e até ali ela sofre né? Ela não vai se aposentar mais cedo, pois ela não contribuiu com nada... (Camila).

O trabalho doméstico feito nas residências ocupa as trabalhadoras durante muito tempo e com muitas atividades, como no caso de Camila, pois exercia atividades típicas do âmbito rural, que são o manejo dos animais, práticas agrícolas e produção de carnes, em outras palavras, seriam atividades produtivas. Paulilo (2004) salienta que no caso das mulheres rurais há dificuldades em separar as atividades produtivas das atividades reprodutivas feitas por mulheres, porque nesses trabalhos não é possível delimitar quando não é mais trabalho doméstico para tornar-se um trabalho de produtor rural. É uma linha divisória ofuscada, pois a mulher pode cultivar hortaliças para o tempero dos alimentos servidos a sua família, ou, com elas, formar um feixe para comercialização numa feira municipal, por exemplo. Na história pregressa de Valentina, também é manifestada essa não demarcação entre o trabalho produtivo e reprodutivo, realizado na propriedade agrícola. A dificuldade de demarcação não era referente a um produto, como o queijo mencionado por Paulilo (2004), mas sim, a sua residência era dentro de uma propriedade rural, onde necessitava trabalhar para os proprietários da terra.

Eu era obrigada a trabalhar fora, com dez anos, para comprar comida, aí nós ainda morávamos lá na granja ainda, na outra granja. Era uma outra granja, meu pai e minha mãe trabalhavam lá também. Aí eu ajudava para ganha uns trocadinho para ajuda meu pai e minha mãe. Isso eu não tinha a carteira pra assina né? Eu fiz a carteira aqui [no abatedouro atual] com dezoito anos, eu acho que tenho 23 anos de carteira [...] (Valentina).

Valentina foi integrada às vivências laborais na propriedade rural juntamente com seus pais, ainda criança. Segundo Stolf (2007), a agricultura é uma profissão que passa de pai para filho. A autora investigou trabalhadores rurais atuantes no cultivo de arroz irrigado e apontou que os participantes não souberam precisar o início de suas atividades, pois começaram precocemente acompanhando as atividades laborais exercidas por seus pais quando crianças. Tal consideração também pode ser atribuída a Valentina, porque também não precisou o momento no ‘mundo’ do trabalho e ocorreu prematuramente.

Uma marca que se tornou evidente nas trajetórias pregressas das trabalhadoras foi a relação com aspectos da ruralidade. Entre as entrevistadas, apenas Letícia não reside na área rural, todas as outras sete viviam próximo ao estabelecimento com freqüente contato com práticas rurais. Apesar das entrevistadas não se caracterizarem como agricultoras foi perceptível em seus relatos as influências das práticas rurais em suas vidas. Camila descreve as atividades de sua família, nesse trecho:

[E sua família trabalhava em quê?] *Ah, era na roça, meu tempo era na roça, nós morávamos na roça. No meu tempo era na roça, era tudo sofrido, coitados, você sabe como funcionava? Era de carro de boi, com os bois na canga... nossa era sofrido... [Mas como era?] Era uma canga, era dois bois assim. Daí tinha na carroça, tinha um pau assim no meio e tinha um boi de um lado e um boi de outro. E a minha avó puxava aqueles bois assim sabe e era para buscar trato. Ela ia pra roça e quando voltava para casa trazia trato. Eu parei muito na casa da minha avó coitada, eu ajudava, eu gostava muito dela. Era sofrido, coitados. Mas chegaram a trabalhar na fábrica? Não, em fábrica não. Só na roça. Nós tínhamos terreno, os meus irmãos ninguém trabalha na fábrica, só eu mesmo que inventei de trabalhar aqui (risos), mas eu adoro fazer o meu serviço... (Camila).*

Soares e Sestren (2007) destacam a conexão entre os projetos dos pais e os projetos dos filhos, assim, é possível enfatizar que uma história familiar de trabalho pautado em práticas agrícolas possibilitou um conhecimento à Camila, como as outras trabalhadoras, na inserção de uma indústria de abate. Tal como apontado por Grandi (2003), os agricultores, para viabilizarem a produção em tempos de crise, começaram um processo de industrialização de atividades tradicionais agrícolas. O próprio estabelecimento de abate pesquisado foi proveniente de um criadouro de aves, uma prática eminentemente rural, tornando-se uma atividade industrial. No relato de Gardênia, é possível compreender essa continuidade entre as atividades feitas no âmbito agrícola, como a sua inserção no abatedouro.

[Quando você começou a trabalhar?] *Eu comecei dia 12 de janeiro... mas eu trabalhava na roça ai eu me casei [...] Eu trabalhava na roça ... lá eu plantava soja, roçava, lavrava, fazia tudo da roça, era roça da minha família. [Era da sua família?] Era da minha família, criava galinha... criava porco. Então pra mim não foi difícil começar aqui, mas eu acho que é mais difícil pra quem nunca fez isso. Eu já trabalhei em coisa pior e já conhecia, trabalhava com aviário... tem que ter mais cuidado com o aviário que nem o da [nome da empresa] que era grande tem três aviários assim grande de frango trabalhei um ano é pouco. Então eu já sabia. (Gardênia)*

Gardênia não estranhou a atividade feita na indústria de abate, assim, foi possível compreender que uma leitura dos trabalhos feitos no âmbito rural e a origem familiar propiciaram uma experiência com esse tipo de atividade, na qual os discursos familiares estão presentes nas práticas profissionais dos filhos (Soares & Sestren, 2007), notadamente, na atividade agrícola (Stolf, 2007).

Além do trabalho rural, as mulheres entrevistadas relatam outras atividades exercidas sem regulamentação formal e, portanto, sem os benefícios sociais (férias, 13º salário, fundo de garantia, salário mensal e outros) previstos em lei.

[...] mas eu nunca trabalhei fora; assim, numa empresa, registrado assim né [...] Já assim trabalhei em facção que foi o meu primeiro trabalho [...] eu também fazia faxina fora quando morava com a minha mãe. Depois que me mudei com meu marido [...] aí eu limpava a casa, da minha vizinha, das minhas duas vizinhas e da minha amiga em Blumenau, aí ela me levava, levava nós duas juntas [ela e a filha]. Daí eu consegui meu emprego aqui, deixei de dar de mamã pra pequena, ela é pequena ainda (Leticia).

As entrevistadas relataram efetuar ao longo de suas trajetórias o trabalho doméstico remunerado, cuidados com crianças, de cozinheira, tanto que as duas entrevistadas mais jovens, Leticia e Yasmin, anteriormente à entrada no abatedouro não obtiveram qualquer inserção em um trabalho formal e as outras entrevistadas intercalaram trabalhos no âmbito da formalidade e da informalidade. Lima (2007) aponta que os trabalhos atípicos sempre foram presentes nas sociedades ocidentais, apenas no período de 1945 a 1970, houve uma tendência maior de formalização dos trabalhos, embora nos países periféricos essa tendência fosse menor.

Para a maioria das trabalhadoras houve a presença da informalidade, que corresponde a trabalhos sem regulamentação. Campos (2005) apontou em seu estudo que na informalidade, mesmo sendo uma realidade relevante do trabalho contemporâneo, não se observa uma associação direta entre esta e a precariedade no trabalho. Os resultados encontrados pelo autor apontaram que a informalidade foi vista pelos trabalhadores como um projeto profissional, bem como uma possibilidade de ampliação de seus rendimentos. No caso das entrevistadas, a informalidade não foi decorrente de uma projeção profissional, mas sim, como um meio de obterem um trabalho remunerado. No entanto, embora os entrevistados de Campos (2005. p. 48) salientassem as positivities do trabalho informal, não desconsideraram suas

dificuldades, tais como: “[...] incerteza da obtenção de uma renda, receio do que pode acontecer no futuro (dificuldades para trabalhar e/ou conseguir se aposentar), a impossibilidade de manter e garantir o sustento em situações de doença e a dificuldade para custear os encargos trabalhistas” (p. 48). Incertezas, receios e impossibilidades também estavam presentes nas vidas das entrevistadas nesta pesquisa.

As dificuldades provenientes de trabalhos informais aumentam a partir das construções sociais de gênero. Como apontado por Abramo (2006); Antunes (2005); Coutinho, Diogo e Monteiro (2007), o mercado de trabalho brasileiro fundamenta-se em uma permanente desigualdade entre os gêneros, de modo que as mulheres das camadas populares, frequentemente as mais pobres e com menor escolaridade, têm as piores taxas de participação no mercado de trabalho. Situação expressa, por exemplo, por meio da fala de Margarida, a qual relata em suas histórias pregressas os trabalhos possíveis de serem executados e não suas próprias escolhas.

Comecei a trabalhar em Timbó, aí lá não deu certo, comecei a trabalhar aqui. Eu, eu acho que trabalhei aqui um ano ou dois acho. Aí eu saí, eu fui trabalhar na [nome da empresa], fiquei lá uns oito ou nove anos [...] Depois eu comecei a trabalhar numa [empresa têxtil], fiquei lá um ano [...]. [Depois] fui trabalhar com o meu marido no mato e fui fazer comida pra eles, [também] trabalhei em estofado de carro. Trabalhei fora sempre (Margarida).

Ao analisarem as trajetórias ocupacionais na região metropolitana de São Paulo, Guimarães, Silva, Farbelow, e Alves de Brito (2007) também observam que as mulheres percorreram caminhos mais vinculados à precariedade do que os homens, pela tendência do trabalho feminino ser menos valorizado pelo mercado de trabalho. A mesma precariedade foi descrita nos relatos das participantes desta pesquisa, as quais mencionaram em seus discursos a presença de trabalhos domésticos, subempregos e períodos de desempregos.

[Antes de eu começar aqui] eu trabalhava numa [empresa] que fazia sanduíche. Eu comecei [a trabalhar] com dezesseis anos, comecei numa fábrica de palmito. [Em] vários tipos de coisa eu trabalhei [...] depois dali trabalhei de diarista, trabalhei em restaurante numa choperia [...] mas era muito longe aí peguei e saí, fiquei em casa, cuidei um pouco de criança e sempre trabalhei (Acácia).

A presença de mulheres em trabalhos informais e sem a carteira de trabalho assinada também foi notada em Invernizzi (2002). Em pesquisa com sessenta

trabalhadores com risco de exclusão, a autora relata que as mulheres estiveram em empregos assalariados informais, sem a carteira assinada, com maior frequência do que os homens, um fato também apontado pelo IBGE (2008a). O que reitera o quanto o mercado de trabalho formal agrega mais o trabalho masculino do que o feminino e, por outro lado, demonstra como a inserção laboral das mulheres é feita com trajetórias instáveis e frequentemente interrompidas, como igualmente assinalou Abramo (2004). Esta análise comparativa entre o trabalho feminino e masculino é relevante, pois assumir a perspectiva das relações de gênero significa compreender a imbricação entre o trabalho realizado por mulheres e o feito por homens.

Cabe destacar nas falas das trabalhadoras, a recorrência das atividades domésticas remuneradas. De acordo com Abramo (2006, p. 41) “A porcentagem de mulheres ocupadas no serviço doméstico [no Brasil] (18%) está entre as mais altas entre os países latinoamericanos”. Desse modo, Guimarães et al. (2007, p. 29) apontam que as “Mulheres seguem um padrão claro: a única categoria de trajetória que é para elas mais provável do que o desemprego é a do trabalho doméstico [remunerado]”.

Ao analisar as trajetórias ocupacionais pregressas das entrevistadas foi possível observar suas atuações em muitas ocupações, embora fossem recorrentes os trabalhos precários e com baixa qualificação. Destacando-se assim, os serviços domésticos, prestação de serviços, cuidados com crianças, os mais frequentes, podendo ser assinalados como atrelados aos guetos dos trabalhos femininos. Essas totalidades de trabalhos, desses modos, formam trajetórias profissionais fragmentadas diante do mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que *sempre* trabalharam, como expresso por Margarida e Acácia, em espaços precários. Já a entrada no abatedouro lhes possibilitou um maior tempo de continuidade em uma atividade laboral remunerada, bem como a inserção no mercado de trabalho formal. A seguir, é visto o modo de ingresso das trabalhadoras no abatedouro.

5.2 Modos de inserção profissional no abatedouro

Quanto às formas de inserção no abatedouro foi recorrente a proximidade das trabalhadoras com familiares que trabalhavam na organização ou pessoas da família proprietária do abatedouro. Estas relações familiares marcaram não só o ingresso, mas

também outras vivências laborais na empresa. Nas falas das trabalhadoras, foi possível compreender essa proximidade pelo fato de no contexto da procura por emprego, elas conversarem diretamente com os proprietários, ou alguém próximo lhes prestou o contato.

E o [um dos proprietários] falou: Valentina está faltando gente lá dentro, tu vens trabalhar lá amanhã? Eu disse que ia sim. Aí eu fui e comecei a trabalhar lá dentro... (Valentina).

Azevedo et al. (1998) assinalam a importância das redes sociais como estratégias de sobrevivência e busca de emprego para inserção de desempregados no mercado de trabalho. De acordo com os autores, os/as trabalhadores/as estão articulados às diversas redes sociais que são formadas a partir de locais de aglutinação, tal como a religião, partido político, comunidade, escola, parentes e também categoria profissional.

Estava tudo desempregado naquela época. E eu também fiquei desempregada. É que nós já conhecíamos eles aqui, na verdade o genro da [proprietária] é sobrinho da minha cunhada. A minha cunhada é casada com o tio dele... o meu irmão é genro da [do atual proprietário] (Margarida).

Margarida também foi recolocada profissionalmente por sua rede familiar, Azevedo et al. (1998) apontam que a rede de relações interpessoais é uma das principais estratégias de recolocação, embora sofra alterações influenciadas pelas mudanças no mercado de trabalho e nas relações trabalhistas. Como a tendência do mercado de trabalho deixar de ser cada vez mais pautado nas relações interpessoais e ser voltado para uma impessoalidade. Mudanças que podem ser observadas no caso do preenchimento de currículos pela internet ou o próprio envio destes para as empresas de seleção sem haver nenhum contato com pessoas da empresa contratante.

Mesmo que o mercado de trabalho encaminhe-se para uma impessoalidade das relações de trabalho, a empresa analisada ainda é pautada na pessoalidade. A presença de laços familiares entre trabalhadores emerge no discurso dos entrevistados. “O Paulo é meu sobrinho. A Maria é minha sobrinha que trabalha junto comigo na mesa. A irmã do meu sobrinho trabalha aqui é tudo quase parente” (Acácia). Essa fala revela o quanto as vidas cotidianas dentro e fora de empresa estão imbricadas.

A inter-relação entre os trabalhadores e os proprietários também era significativa no processo de ingresso dos primeiros, pois como os proprietários conheciam as famílias dos trabalhadores, facilitavam a inserção deles no estabelecimento e se preocupavam com as condições sociais apresentadas por cada integrante, como neste caso de Valentina:

Minha filha tava querendo trabalhar. Ai eu falei com a [sócia-proprietária] que minha menina queria trabalhar, ai ela perguntou da minha netinha como iríamos fazer, eu disse que ia dar um jeito e ia deixar a netinha com a vizinha para a menina poder trabalhar. No outro dia me deram a resposta. E perguntei para minha menina se ela queria trabalhar lá dentro, e ela falou: “quero mãe”. Ai chamaram a minha filha e deram emprego para ela (Valentina)

Não há setor de recrutamento e seleção na empresa, mas sim uma pessoa responsável por efetuar todos os processos de recursos humanos. No primeiro momento da pesquisa, o setor era administrado por uma pessoa da família e, nos últimos dias da pesquisa feita no campo, houve a contratação de uma pessoa graduada em administração para comandar o setor. Todos os dias aparecem pessoas na empresa procurando emprego, estas preenchem uma ficha e são chamadas a uma palestra e entrevista. O processo de seleção feito era a análise da carteira de trabalho, uma conversa com o trabalhador e a realização de uma palestra de quarenta minutos sobre os procedimentos internos do estabelecimento. O encarregado relatou preferir os trabalhadores/as com maior tempo em outros empregos, pois isso indicava a disposição do trabalhador/a permanecer um maior período na empresa. A partir das informações coletadas, entre as oito entrevistadas, quatro estavam há mais de 5 anos na empresa (ver tabela 2, p. 61). Já as informações sobre o ano de admissão de todos os trabalhadores (ver figura 3, p. 56) revelam que a maioria entrou na empresa a partir de 2007.

A organização não é fechada em si mesma, há constantes trocas entre a dinâmica da localidade com a dinâmica de funcionamento da empresa. Do mesmo modo, como apontado por Sato (2007), existem trocas constantes entre a organização de trabalho e a vida cotidiana, por serem imbricadas e se constituírem dialeticamente.

Em resumo, o ingresso das trabalhadoras ocorreu a partir das redes sociais as quais estavam envolvidas, tal como foi apontado por Elias (1994). Este autor aponta que as pessoas não são sozinhas, mas participantes de múltiplas redes de relacionamentos. Por meio deste entendimento, é possível compreender que as entrevistadas não

ingressaram no abatedouro por acaso, mas sim, por meio das tramas sociais elaboradas no decorrer das trajetórias de vidas dessas mulheres. Aspecto também identificado por Azevedo et al (1998), quando os autores indicaram a importância das redes de relacionamento como estratégia de recolocação no mercado de trabalho. O ingresso das trabalhadoras no abatedouro ocorreu por meio de suas redes sociais, estabelecidas não apenas para a procura de um emprego, mas por serem residentes da localidade e conhecerem pessoas que lhes apresentariam aos proprietários do estabelecimento, quando não os conheciam pessoalmente.

5.3 O cotidiano de trabalho no abatedouro

A partir dos entendimentos sobre as perspectivas passadas das trabalhadoras em relação às suas trajetórias de vida, aqui se adentra nas relações presentes nas atividades cotidianas. Não seria possível iniciar um relato sobre o cotidiano das trabalhadoras sem retomar à descrição dos espaços ocupados por elas na empresa, no interior do abatedouro, como foi descrito no item 4.4, localizadas exclusivamente na parte da nória (corrente) como é chamada pelas trabalhadoras, como nos dois setores da esteira, embalando as carnes prontas.

As trabalhadoras entrevistadas se dividem entre atividades da nória (corrente) e na esteira de produção, somente uma entrevistada trabalha nos serviços de limpeza, por motivos de saúde, mas no passado exercia atividades internas do abatedouro. A tabela 4 possibilita a visualização dos cargos ocupados por cada uma delas, mostrando a ocupação de cada trabalhadora.

Tabela 4 - Informações sobre as ocupações cotidianas

Nome	Descrição da atividade executada
Valentina	Na parte da nórea, corrente, efetua o corte da lateral para retirada das vísceras
Margarida	Limpeza do refeitório dos trabalhadores
Acácia	Na parte da esteira, efetua a embalagem das aves inteiras
Letícia	Na parte da esteira, efetua a embalagem das carnes prontas
Camila	Na parte da esteira, efetua a embalagem das aves inteiras
Yasmin	Na parte da esteira, efetua a inserção do pacote de miúdos e temperos.
Hortência	Na parte da nórea, corrente, efetua a extração das vísceras das aves.
Gardênia	Na parte da nórea, corrente, controla a máquina da moela.

É conveniente pensar o trabalho das mulheres a partir da leitura do cotidiano, como apontado por Sato (2007), as trabalhadoras desenvolviam suas atividades e se relacionavam com esse ambiente de trabalho. Assim, serão descritos primeiramente certos elementos gerais sobre o trabalho cotidiano e, depois, aspectos destacados a partir da análise dos discursos das entrevistadas.

No cotidiano do trabalho na indústria pesquisada, os barulhos mais altos eram das máquinas em operação e quase impossibilitavam a comunicação, as relações eram um pouco diferentes das apontadas por Sato (2007). No entanto, com uma maior aproximação foi possível notar que nada passava despercebido para os trabalhadores em geral, pois elas se atentavam a tudo o que ocorria dentro do estabelecimento. Mesmo com a dificuldade de se expressarem verbalmente, pelo intenso barulho ocasionado pelas máquinas, expressavam-se por meio do olhar, acompanhando todos os acontecimentos *dentro* do estabelecimento.

Outros aspectos observados foram a agilidade das trabalhadoras ao efetuarem seus serviços e a ausência de mudanças quanto aos postos de trabalho. As trabalhadoras foram mantidas por três meses, o tempo de duração da pesquisa de campo, nas mesmas ocupações sem qualquer rotatividade de função. Uma situação de operariado/a, fundamentado em modelos de gestão da força de trabalho do *taylorismo/fordismo*, tal como já foi relatado por Heloani (2003); Antunes (2003); Navarro e Padilha (2007), com relações de trabalho envolvendo um controle elevado de todas as funções da produção, uma forte hierarquia entre os gestores e os trabalhadores de chão de fábrica, necessidade de disciplina e um alto controle das funções por meio do tempo.

Souza-Lobo (1991), ao se referir sobre a relação entre os postos de trabalho masculinos e os femininos em uma linha de montagem, observou que a divisão do

trabalho não apenas envolveu a separação das tarefas, mas colocou ênfase na separação entre as pessoas que concebem a atividade, daqueles que a executam. Na empresa, era o encarregado que planejava todas as atividades e a disposição do pessoal, mas alguns homens, apesar do trabalho também ser repetitivo tinham maiores possibilidades de organizarem suas atividades e escolherem as prioridades, como era feito pelo mecânico, o qual o encarregado não exercia diretamente influência sobre os modos de executar suas atividades. Souza-Lobo (1991, p. 53) indica que “A distinção básica entre os trabalhos femininos e os trabalhos masculinos é a diferença entre ‘saber’ e ‘fazer’[...] na preparação dos fios, a distribuição dos cargos e funções se repete: mulheres, montadoras; chefia, masculina”. O trabalho das mulheres no abatedouro estava fundamentado no *fazer*, sem qualquer possibilidade de planejar suas atividades, o planejamento estava a cargo do encarregado.

A característica do fazer das trabalhadoras não era proveniente de um conhecimento repassado formalmente, mas, sim, a partir dos conhecimentos tácitos, conhecimentos adquiridos na prática (Kuenzer, Abreu e Gomes, 2007), repassados por trabalhadoras antigas e pelo próprio encarregado. Era um trabalho aprendido nas relações cotidianas, nos contatos com os trabalhadores antigos e com o próprio encarregado, que organizava o processo produtivo. O conhecimento transmitido para os trabalhadores era o conhecimento tácito, aquele que se aprende no fazer, no criar e no recriar do trabalho e não os ensinados formalmente por processos de escolarização.

...quando tu entra em uma empresa a pessoa que já trabalha tem que dizer para outra pessoa como é tudo... assim... tem gente muito nova aqui que entrou... mas tem que dizer é assim aqui...é assim que funciona... aqui dentro um ajuda o outro. A gente não sabe o dia de manhã, a gente tem que ensina a pessoa né? (Acácia).

A mediação se faz presente na forma de conhecer o trabalho, pois como alegaram Kuenzer, Abreu e Gomes (2007) o fato por si mesmo não ensina, não há possibilidade de aprender o trabalho tendo o simples contato com a realidade, mas sim por meio de uma ação pedagógica, que no caso é feita pelo coletivo dos trabalhadores e pelo encarregado. No entanto, ressalta-se que as habilidades das mulheres para a agilidade é um conhecimento pautado ao longo da sua constituição de gênero, a partir

de um grande enfoque visando as atividades domésticas³⁰. De acordo com Sato e Lacaz (2000), as mulheres são vinculadas a trabalhos na indústria, no caso a de alimentação, exercem habilidades anteriormente desenvolvidas pelo desempenho das atividades domésticas, como trabalhos em que é necessária a delicadeza, atenção e paciência feitas em conjunto com a submissão; e aos homens é destinado o espaço público, sendo voltados aos tipos de trabalhos que exigem força física e emocional. Esses aspectos são identificados na locação dos trabalhadores, por meio das *políticas de recursos humanos das empresas*. Em outras palavras, o espaço fabril é subsidiado por entendimentos representativos sobre a função do feminino e masculino em sociedade tornando esses importantes mecanismos de ação em suas plantas industriais, tal como os autores observaram “Um operador de máquina de uma indústria de laticínios disse preferir ter em sua linha de produção mulheres para realizar as tarefas de embalagem, mas ele mesmo não consegue explicar o motivo” (Sato & Lacaz, 2000, p. 26). Outro aspecto relevante associado ao trabalho no abatedouro, destacado nos discursos da maioria das trabalhadoras, foi a remuneração.

Ah, eu estou gostando daqui, eu gosto de trabalhar aqui dentro também. Eu nunca reclamo né? A gente precisa trabalhar, precisa de dinheiro, fazer o quê? A gente enjoa do mesmo serviço, a gente tem que fazer para ganhar dinheiro né? Sem dinheiro não dá, fazer o quê? (Valentina)

É possível notar na fala de Valentina a importância do retorno financeiro atribuído ao trabalho, fato também observado em outras investigações. Dal Magro (2006) investigou os trabalhadores associados a uma cooperativa de serviços gerais, ressaltando o fato recorrente de os entrevistados relacionarem trabalho com subsistência. A autora relacionou esse aspecto, com a questão do trabalho estar submerso nas formas de produção capitalista, pelas quais os trabalhadores não conseguem romper com vínculos formados pelo capital, mesmo num contexto de empreendimento solidário. Morin et al. (2007), em investigação sobre os sentidos do trabalho para jovens executivos brasileiros, identificaram resultados semelhantes, pois, segundo as autoras, a remuneração foi a temática assinalada por todos os jovens, embora relacionassem com perspectivas de autonomia e independência no trabalho. No

³⁰ Ver sobre a constituição de gênero no item 2.2.1 *Emergência dos estudos de gênero* (p. 26)

caso das trabalhadoras aqui entrevistadas, foi possível notar a relevância da remuneração, especialmente como forma de assistirem os seus familiares e por possibilitar o consumo de mercadorias, são mulheres que vivem do trabalho, tal como apontado por Antunes (2005), sem poderem prescindir da remuneração, pela necessidade de subsidiar suas existências.

O trabalho em um abatedouro avícola é desgastante, por envolver diferentes questões relacionadas a agravos à saúde do trabalhador. As trabalhadoras trouxeram essas questões nas entrevistas, comentaram acidentes ocorridos nas máquinas e com instrumentos, tal como as facas afiadas e questões referentes ao ambiente do trabalho, como a baixa temperatura. Esses aspectos também foram assinalados pelo encarregado da empresa.

[...] eu nunca vou fazer outra coisa que não o frigorífico, não imagino outra coisa tão importante quanto isso para fazer [...]. Embora toda a gente que passa diz, você é louco, é um lugar frio, é um lugar fechado, não sabe se tem sol, enfim. Lá sempre tem que lidar com muita gente, com muito equipamento, com muita faca, mas a própria família também não entende. Poucos que dizem que o frigorífico é bom [...] Porque é um ambiente totalmente insalubre, ou você tem sorte para não adquirir nenhuma doença, ou de uma hora para outra você pode ficar doente e adquirir uma determinada, um determinado problema, que pode te custar a vida. Sem que você imagine que seja disso. Pois se você tem um problema de amigdalite, a tendência é piorar, se você tem problema de sinusite, a tendência é piorar, se você tem um problema de rim, a tendência é piorar, se tem um problema de coluna, a tendência é piorar, enfim se você tem um problema de audição, a tendência é piorar. Então, a metade, pelo menos, dos nossos órgãos, a tendência é piorar, porque o próprio ar que você respira ali dentro é um ar da indústria, entendeu? Então você está respirando um ar de um ambiente com cheiro de pena... então você tem um ar diferente que está cheio de coisarada, própria gripe e virose, eu pelo menos [...] Ou melhor, pode ser que até mesmo eu não tenha me dado conta de determinados problemas [...] (Encarregado).

As entrevistadas foram trazendo informações sobre os acidentes e doenças no trabalho mesmo que inicialmente não houvessem sido perguntadas diretamente sobre essas temáticas. Essas informações corroboram o que a literatura já tem assinalado (Fiewski, 2002; Nogueira, 1984; Tavolaro et al, 2007; Neli, 2006; Sato e Lacaz, 2000).

Tem a outra mulher que vai vir, agora que ela está de férias vai vir na quinta-feira, essa também está sempre na corrente comigo. Ela está de férias, essa está sempre lá, ela também sempre está com a mão machucada. Mas tem que agüentar, não é? Eu sempre tenho esses problemas nos dedos assim [...] (Hortência).

Tavolaro et al. (2007) apontam as características do trabalho em abatedouros que compreende rotinas com tarefas estressantes e cansativas, ocasionando conseqüências à saúde do trabalhador/a, como os problemas músculo-esqueléticos, problemas de pele, acidentes com materiais cortantes, bem como transmissão de zoonoses. O agravante, de acordo com os autores, é o fato das operações ocorrerem de forma sequencial, por meio da linha de montagem, com o ritmo do trabalho determinado pelo número de animais abatidos. Tornando-se, a partir das transformações dos processos de trabalho, com sua maior mecanização, uma atividade com uma média de acidentes ocupacionais maior que outras indústrias, visto que o trabalhador necessita realizar mais atividades em menores intervalos de tempo.

A reestruturação produtiva alterou significativamente as condições de saúde do trabalhador da produção avícola, tanto em termos físicos, quanto psíquicos (Neli, 2006). O autor analisa que as indústrias fundamentadas nas perspectivas tayloristas/fordistas, na conjuntura social, política e econômica contemporânea, tornaram-se potencializadas com as estratégias da reestruturação produtiva, com suas perspectivas de controle, produção e organização do trabalho; contribuindo para o aumento da precarização das condições do trabalhador e aumentando a insalubridade do trabalho, por meio de uma rígida divisão de tarefas, na qual os limites físicos são testados, com dores, angústias e cansaço, onde a doença ainda é encarada como problema pessoal pelos dirigentes.

Os trabalhadores revelam um ambiente de trabalho hostil, destacando-se uma intensificação crescente nas atividades, que afeta todos os sentidos. Os odores fétidos, a umidade que prevalece no interior da indústria avícola, o frio, o barulho ensurdecedor, a determinação da vida pessoal pelo trabalho em turnos e noturno corroboram para a degradação da saúde e da percepção dos trabalhadores sobre suas próprias vidas (Neli, 2006, p. 94).

Desta forma, é possível observar no relato de Yasmin, o quanto existem possibilidades de acidentes nesse trabalho.

Que nem ali na corrente onde vai na sala de corte, têm alguns que se cortam. Esses dias, uma cortou a mão ali. E que nós tinha terminado tudo, e ela foi lavar as facas né, aí quando ela foi colocou no alto, cortou a mão dela. Ela foi tirar os pontos por hoje de manhã ela foi embora né, aquela que tava ali no refeitório [...] De vez em quando tem uns que cortam, se fosse pra mim trabalhar ali eu não queria, é que a gente trabalha meio amontoado, aí às vezes se corta (Yasmin).

Neli (2006) menciona inclusive que o trabalhador na indústria avícola não é apenas atingido por suas condições físicas, mas também em sua alma. A perspectiva do construcionismo social, adotada neste estudo, corrobora com este ponto de vista, ao considerar que na vida humana o subjetivo é indissociável da objetividade. Assim, diante da precariedade das condições de trabalho no abatedouro, todos os aspectos da pessoa são atingidos.

Oliveira³¹ (2008, s.p.), como mencionado, refere-se à grande incidência de acidentes que existem na indústria avícola. A partir do observado nessa pesquisa, pelo direcionamento às mulheres aos piores cargos da organização, em termos de ritmo do trabalho³², visualmente diferente dos cargos dos homens, são elas as mais prejudicadas pelo advento dessa intensificação do trabalho. A intensificação, a partir da reestruturação produtiva do setor, a qual também influenciou a organização pesquisada, pode ser observada nos relatos das entrevistadas; como exemplo, quando uma trabalhadora em depoimento no refeitório dos trabalhadores mostrou os problemas nas unhas das mãos encravadas e dedos inchados de tanto retirar as vísceras das aves.

Mesmo diante de tantas dificuldades presentes no trabalho, não é possível deixar de compreender as características do trabalho concreto e a centralidade do trabalho na vida das entrevistadas. O estudo de D'Acri (2003, p. 14) possibilitou compreender que mesmo em condições precárias de trabalho, em atividades insalubres e com prejuízos à saúde, os trabalhadores conseguiam abrir brechas de sentidos em suas atividades. Também nesta pesquisa as trabalhadoras apontaram sentido de vida associado aos seus trabalhos.

Significa saúde, vida, pois quando eu estava em casa [...] quando eu trabalhava em casa e não aqui eu não podia nem caminhar, olha eu estava com meu joelho todo inchado e eu fui no médico antes de procurar emprego. Quando o médico disse, olha Camila, você tem que caminhar todo dia para melhorar a perna, eu disse: mas como é que eu vou caminhar todo dia se eu estou cheia de serviço e eu não dou conta do serviço? Não, se a senhora quer cuidar da saúde a senhora tem que fazer caminhada. Eu vou dar o remédio para senhora, mas a senhora tem que caminhar. Eu disse tudo bem, mas antes eu vou fazer uma coisa pra mim eu vou arranjar um serviço pra mim e vou começar a trabalhar. Daí eu sou obrigada a sair pra ir trabalhar sabe? Eu vinha a pé de lá de casa, que dá uns três quilômetros até aqui, eu vinha de manhã, naquele tempo eu começava às cinco e

³¹ Siderlei Oliveira é o Presidente do Instituto Nacional de Saúde no Trabalho e da Confederação Nacional de los Trabajadores de la Alimentación (CONTAC).

³² Como também apontado na figura 2 (p. 59)

meia eu saía às quatro horas de manhã de pé e eu vinha e voltava, todo dia de a pé. Agora faz um ano que colocaram ônibus pra nós. Mas eu vinha quatro anos, mas eu melhorei das minhas pernas, de tudo. Eu nem podia sair de casa e se eu caía, eu não podia mais levantar, tudo o que estou falando é a mais pura verdade. Eu era mais magra, agora que tem o ônibus eu comecei a engordar porque eu não fiz mais a caminhada. Mas olha isso aqui foi vida pra mim. Eu ganhei uma vida [...]. Ainda ontem eu falei para meu marido: olha trabalhar sábado não é cansativo, não. Ontem [domingo] eu levantei quinze para as seis, quando eram oito horas já tinha lavado toda a minha roupa. Eu adoro trabalhar, está louco. Eu se um dia não puder trabalhar eu não sou mais uma pessoa, né? (Camila)

Do mesmo modo como D’Acri (2003) iniciou sua pesquisa não compreendendo os motivos pelos quais os/as trabalhadores/as se identificavam positivamente com um trabalho com condições tão opressivas, como era na indústria têxtil de amianto, esta pesquisa também foi fomentada a partir da mesma perspectiva. Não havia a concepção inicial de que as trabalhadoras pudessem compreender sentidos positivos em relação ao trabalho em um abatedouro de animais, em que há, além da questão da morte dos animais que envolvem este trabalho; seria uma ocupação completamente determinada pela linha de produção e pelo ritmo da máquina. A partir da experiência com as trabalhadoras, foi constatado que frequentemente relatavam gostar do trabalho e da empresa, com o relato mais significativo sendo o de Camila, que revelou como sua saúde foi melhorando, a partir da entrada no emprego na indústria avícola. Tal como D’Acri (2003, p. 20) mencionou, foi possível perceber no meio do sofrimento e de trabalhos sob más condições, existem também brechas de criação e de fazer humano, que constituem “o sentimento de participação no mundo”, embora sejam apenas brechas em comparação com as possibilidades que uma sociedade solidária pudesse alcançar. Camila relatou mais fortemente a positiva experiência de deslocamento à empresa do que os desgastes provenientes da permanência na jornada de trabalho firme, em pé, ou do esforço repetitivo ocasionado pelas atividades sem qualquer criação. Embora é necessário contextualizar que o trabalhador se pudesse fugiria do trabalho como se fuge de uma peste, tal como assinalado por Marx (1867/1998), a alternativa de Camila seria o trabalho doméstico, onde o inferno seria pior, com um trabalho contínuo, com maior multiplicidade de atividades e ampla desvalorização.

Para algumas mulheres entrevistadas, especialmente as mais antigas no emprego, não houve em seus relatos qualquer problema em realizar atividades relacionadas com a morte dos animais ou da limpeza após o abate. Declararam que fariam na organização o que fosse necessário, trabalhariam em qualquer lugar que lhes fosse indicado pelo

encarregado ou proprietário. Porém, no caso das entrevistadas mais jovens, elas relataram que não fariam tanto a parte da matança dos animais, como também a parte dos cortes das peças de aves. Estes dois trabalhos citados pelas jovens no momento da pesquisa eram feitos em sua maioria por homens.

As vivências no trabalho fabril das entrevistadas foram marcadas pelas recentes transformações no abatedouro, um movimento de industrialização de uma pequena propriedade rural. Este movimento foi sentido especialmente pelas trabalhadoras mais antigas, pois antes realizavam as atividades com mais calma, em um menor ritmo de trabalho, e agora se veem obrigadas a serem peças de uma engrenagem. Não podendo sair do posto de trabalho por nenhum motivo fora dos intervalos especificados. As trabalhadoras mais jovens também observam o ritmo intenso de trabalho da organização, mas para elas as regras do jogo já foram estabelecidas antes de suas entradas, tornando-se o emprego como uma alternativa ao desemprego e ao trabalho doméstico remunerado. Outro aspecto da relação das entrevistadas com o trabalho foi de que elas compreenderam o emprego não só associado à remuneração, mas também *ao gostar e ao fazer bem feito*.

Emprego pra mim, emprego é trabalho, né? Tem que ter um emprego, né? Tem que correr atrás do emprego pra pode trabalhar, né? Trabalho também é que tu gosta também. Não adianta fica numa empresa e não se dá bem com todo mundo. Ai a empresa nunca vai pra frente. Não adianta fica emburrada né, no setor (Leticia)

Esse relato de Leticia aponta a importância atribuída ao emprego nas vidas das trabalhadoras, mostrando a necessidade de sua contribuição para com a empresa e, que necessita “correr atrás do emprego”. Conforme o que foi mencionado por Antunes (2005, p. 28), a crise do trabalho seria a emprego, pois a lógica do capital “[...] torna supérflua uma parcela enorme da força humana mundial que trabalha [...]”. De forma que as transformações recentes do capital modificaram consideravelmente o ‘mundo’ do trabalho anteriormente conhecido. As trabalhadoras que já participaram nos seus passados, de condições de trabalho precário, tal como nas palavras de Antunes (2005), sendo terceirizadas, subcontratadas, do trabalho doméstico e *part-time*, agora se encontram na parcela reduzida do ‘proletariado fabril estável’, parcela que está num movimento de continua redução, com a necessidade de haver esforços pessoais para a permanência no emprego.

5.4 Projetos profissionais

A partir do entendimento de Velho (2003) sobre projeto, é possível pensar o ser humano como formulador da sua projeção futura, a partir da visão de mundo e de estilo de vida, formados por meio da sua situação em um campo social da complexa e heterogênea sociedade moderna. O ser humano organiza a visão de futuro a partir da sua trajetória de vida. “A memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos” (Velho, 2003, p. 101).

Os projetos são formados a partir das vivências anteriores da pessoa, tal como foi identificado nos discursos das entrevistadas. De acordo com Velho (2003), as pessoas apresentam condições de almejar mais de um projeto futuro, pois a organização social da atualidade é bastante diversificada, porém há um projeto principal, no qual todos os outros estão articulados. As trabalhadoras apontaram este aspecto em seus relatos, havia constantemente um projeto principal e outros relacionados a este, como se aposentar e adquirir a residência, relatado por Valentina ou ingressar em outra empresa mais próxima à casa, para dispor de mais tempo com a filha, mencionado por Letícia. A tabela 5 fornece uma síntese dos projetos das entrevistadas.

Tabela 5 - Informações sobre os projetos

<i>Nome</i>	<i>Projeto profissional futuro</i>
Valentina	Aposentadoria
Margarida	Permanecer na empresa
Acácia	Outro emprego de tempo parcial
Letícia	Outro emprego próximo da residência
Camila	Aposentadoria
Yasmin	Outro emprego numa indústria têxtil, na embalagem
Hortência	Aposentadoria
Gardênia	Permanecer na empresa

Foi possível identificar três grupos de projeções profissionais: a aposentadoria por meio da própria empresa; continuidade em um emprego, mas em outro setor produtivo; e a permanência na ocupação atual, as quais foram relatadas por Margarida e

Gardênia. Nas projeções relatadas, observa-se a presença de homogeneidade, devido ao fato de residirem e compartilharem um mesmo contexto. Salvitti, Viégas, Mortada e Tavares (1999), salientam que o futuro se torna circunstancial para pessoas com trajetórias de recorrentes processos de exclusão, ou melhor, derivado das situações concretas de suas vidas e sem maiores planejamentos.

A aposentadoria foi relatada como um modo das trabalhadoras continuarem com rendimentos, embora sintam as dificuldades decorrentes das rotinas desgastantes de trabalho, com a industrialização da empresa. Nos discursos, foi recorrente a menção a não aguentar a pressão da atividade e temerem a não concretização dos seus projetos de aposentadoria.

[O que a senhora espera de seu futuro profissional?] Eu, o dia que eu me aposentar não quero outro trabalho. Vou ficar aqui até o dia de me aposentar. A gente já é acostumada com o trabalho e pegar outro serviço, sabe como é [...] depois a gente já tem uma boa idade. Para falar a verdade esses dias eu queria pedir a conta, pois já não dava mais. Aí meu marido disse para mim que não: 'porque prá ti é ruim pegar outro serviço em outro lugar', por eu ter uma boa idade e ter pouco estudo. Ai eu fiquei aqui dentro e aí vou ficar até me aposentar ou até eu agüentar, não é? Talvez só se der outro problema, como eu ser recusada pela firma e eu não poder trabalhar mais [...] (Hortência).

Hortência sente as modificações recentes da empresa, um local de trabalho familiar tornou-se impessoal, a pequena construção de madeira, tipo de um rancho, onde era feita a administração da pequena granja avícola, tornou-se um prédio com janelas voltadas ao controle da propriedade e da produção, ou melhor, os trabalhadores que anteriormente foram valorizados e estimados na empresa se tornaram supérfluos, descartáveis e sem conhecimento do futuro que lhes aguardam. Os trabalhadores não sabiam até quando continuariam na organização, pois não havia garantias de continuidade no emprego. A partir das reflexões de Enriquez (2006) sobre o esfacelamento do vínculo social, onde laços entre as pessoas cada vez mais rapidamente estão se desfazendo, é possível pensar que as trabalhadoras mesmo com laços de parentesco com os proprietários da empresa e de pertencimento à localidade vão se tornando descartáveis na visão do negócio.

Aí eu tenho fé de que um dia eu irei me aposentar aqui também né, eu não sei mas tenho fé, não sei, se eu nunca ficar doente, que não aconteça nada, tomara né, que eu vou conseguir, né? [...] É tantos anos aqui tem vez que tem vontade de pedi a

conta, mas não dá, pois pedir a conta eu perco tudo, perco a casa. Ah! Perde tudo, mas um dia eu vou me aposentar e poder comprar minha casinha. Ah! Um dia eu compro minha casinha. Ah! Eu não reclamo deles aqui, eu gosto deles aqui, eu não reclamo (Valentina).

Valentina, além dos aspectos já comentados, menciona residir numa propriedade fornecida pela empresa, uma prática comum feita no início da atividade conforme o proprietário relatou informalmente, mas que não pensa em dar continuidade e objetiva encerrar. Valentina, com uma história de proximidade com a família proprietária, até tendo alguns dos sócios como padrinhos de casamento, não sabia quanto tempo iria permanecer na empresa. Hortência igualmente também apresenta sem projeto de aposentadoria na empresa.

[A senhora pensa em trabalhar em outro lugar fora da empresa?] Não, o dia que eu sair daqui daí eu não vou procurar outro emprego, vou ficar ali até conseguir me aposentar sabe [...] daí a minha renda vai vim do aposento sabe. Meu marido sempre fala eu saindo daqui eu vou me aposentar (Hortência)

Alcançar a aposentadoria tem a perspectiva de retirar as entrevistadas da sobrecarga de trabalho que efetuam em suas residências e na indústria, possibilitando a continuidade da renda. Para Santos (1990), a aposentadoria não significa uma mudança abrupta para as mulheres trabalhadoras, mas um redimensionamento do *continuum* que as associa à família e à residência. Com a aposentadoria, as mulheres poderão se dedicar continuamente às atividades de reprodução doméstica, também auxiliando seus maridos na agricultura de subsistência.

Quanto às trabalhadoras com projetos de continuar em outra empresa, houve a característica da mudança ser importante para facilitar conciliação da atividade industrial com atividades domésticas.

Se não tivesse aqui, eu ia querer trabalhar numa empresa mais perto de casa. Das cinco até uma e meia para ficar com a pequena. Porque meu marido começou a trabalhar da uma e meia até as dez. Ai é ruim, fica muito ruim por causa da pequena, porque não tenho nenhuma irmã por perto [...] Só se eu tivesse mesmo uma chance seria [nome da empresa], que é perto de casa e assim mudaria prá lá, mas não adianta sair daqui e fica desempregada, não é? Seria pra ter uma coisa segura também. E seria como auxiliar de produção, pois é o setor que tenho mais experiência [...] mas eu não espero muita coisa não (risos), preciso terminar o estudo, não é?(Leticia)

Novamente à mulher entrevistada são destinadas as responsabilidades dos cuidados com a casa e com os filhos, cabendo a ela a conciliação do trabalho doméstico

com o industrial, no que a leitura de Saffioti (1976) é contemporânea, quando comenta que a força de trabalho da mulher se coloca em um momento no mercado de trabalho, como mercadoria a ser trocada e, em outro momento, é colocada no lar simploriamente como valor de uso.

“[...] a adaptação da mulher às duas ordens de papéis que lhe cabe executar (se simultaneamente, de modo intermitente em grande parte dos casos) é tarefa complexa. Qualquer que seja o quadro de referência tomado, a família ou a situação de trabalho, suas funções assume aspectos mais ou menos incompatíveis. [...] buscar a integração na estrutura de classes e entre os papéis ocupacionais e os familiares constitui, para a mulher uma sobrecarga considerável” (Saffioti, 1976, p. 58).

As mulheres com projetos de permanecer na empresa seguem os aspectos circunstanciais mencionados por Salvitti et al. (1999), com a necessidade de continuar a trabalhar enquanto houver necessidade, no caso de Gardênia, ou possibilidade, como no caso de Margarida.

O que Deus me der pra fazer [...] eu faço né, estou pronta pra fazer [...] o que vier está bom. Sempre foi normal, como eu falei pra ti, eu gosto de trabalhar aqui, adoro trabalhar aqui, talvez eu nunca mude de trabalho (Margarida).

Um aspecto mencionado por todas as entrevistadas sobre a dificuldade de conseguirem acessar outros empregos foi a falta de um transporte público regular que lhes proporcionasse o deslocamento a outras regiões. Pegoretti (2005) corrobora esse entendimento a partir do estudo sobre a acessibilidade dos alunos da zona rural às escolas urbanas, a autora menciona a restrição dos moradores rurais às diferentes atividades e, mais precisamente, mostrou como há permanência da segregação da população rural por não haver meios de transporte com um bom acesso às áreas urbanas. A consequência da falta de transporte adequado é a dificuldade das entrevistadas em disputarem cargos profissionais em outras empresas.

Outro aspecto, recorrente nas falas das entrevistadas foi a baixa escolaridade. As entrevistadas relataram que não conseguiriam outros empregos por não terem muitos anos de escolaridade. Como foi indicado, Ney (2006) apontou o quanto moradores rurais são precocemente excluídos das escolas, condição escolar de seis entrevistadas, somente duas entrevistadas, as mais moças, concluíram o ensino fundamental. Tal como apresenta Manfredi (2000), o imaginário social compreende a escola como uma instituição com objetivo de preparar as pessoas para o ingresso no mercado de trabalho.

Mas essa transição não ocorre de forma linear, pois o mercado de trabalho segue suas próprias diretrizes, a partir da regulação do funcionamento das economias capitalistas e, as empresas, mesmo as que não necessitam de força de trabalho qualificada, podem delimitar uma faixa de escolaridade pela grande contingência de trabalhadores disponíveis no mercado.

Muitas empresas só querem com estudo, que saibam costurar e coisa, e aqui elas pegam as pessoas que for. Se todos os lugares fossem assim... Aqui eles pegam qualquer um, tem muitos que as pessoas têm preconceito pela falta de estudo, sem ter certificado de curso. Já aconteceu comigo, eu fui numa firma que precisava preencher a ficha e eu pedi para a colega, e a empresa não aceitou. A secretária falou para mim que se tu não sabe escrever, como é que tu queres trabalhar aqui. Aconteceu na empresa [nome da empresa]. Tem muitos lugares que não saber escrever não dá nem para fazer a ficha. Só sei ler, tive que trabalhar cedo... (Acácia)

Os discursos sobre o futuro permitiram análise do conjunto de limitações das entrevistadas que dificultaram as projeções profissionais das entrevistadas. Os principais limitadores foram: necessitarem compartilhar atividades domésticas não-remuneradas com as atividades laborais remuneradas; residirem em um espaço rural com restrição de transporte público para outras localidades. A falta de transporte com qualidade as impediu de procurarem empregos em outras empresas, porque não tinham como se deslocar. A baixa escolaridade também foi um fator limitante, porque as entrevistadas deixaram precocemente a escola e não conseguiram concluir um nível de escolaridade exigido pelas empresas atuais. Bem como, a idade avançada de quatro entrevistadas as impedia de conseguir trabalhos em outras organizações.

A investigação das trajetórias apresentadas neste capítulo evidenciou as relações complexas entre as trabalhadoras e o trabalho na contemporaneidade. Conforme apontado por Coutinho (no prelo), a dimensão temporal de análise proporciona a compreensão da dinâmica ocorrida entre o sujeito e a sociedade e possibilita o conhecimento dessas relações singulares. O capítulo seguinte continua estas análises, enfocando a questão da divisão sexual do trabalho. É importante ressaltar que a divisão das análises em dois capítulos foi um recurso de escrita e apresentação de resultados, pois as trajetórias das entrevistadas narradas foram completamente permeadas pela divisão sexual do trabalho e pelos lugares de gênero que as participantes ocupam.

6 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

A divisão sexual do trabalho ocorre a partir de relações desiguais entre homens e mulheres nos espaços internos e externos do contexto produtivo, pois, para Hirata (2002, p. 277), “[...] a exploração por meio do trabalho assalariado e a pressão do masculino sobre o feminino são indissociáveis, sendo a esfera de exploração econômica – ou das relações de classe – aquela em que, simultaneamente, é exercido o poder dos homens sobre as mulheres”. Diante desse argumento, aqui é discutida a divisão sexual do trabalho na indústria da carne e, posteriormente, nas atividades domésticas.

As preocupações teóricas e metodológicas referentes à divisão sexual do trabalho e das relações sociais de sexo/gênero deste trabalho são fundamentadas em concepções que visam à compreensão do trabalho feito pelas mulheres, não somente no espaço produtivo, mas também aquele realizado em domicílio. Como assinalado por Hirata (2002), as pesquisas deixaram por muito tempo os trabalhos domésticos invisíveis e também não consideravam no âmbito fabril as análises de gênero, focando exclusivamente no trabalho feminino sem contextualização das relações de trabalho. Assim, nestas análises procurou-se focar na compreensão do trabalho no abatedouro, feito pelas mulheres, considerando também os feitos por homens, tornando o trabalho doméstico visível e, por conseguinte, vislumbrando as articulações entre trabalho profissional e doméstico.

6.1 O trabalho na indústria de abate avícola

Seguindo a perspectiva de Hirata (2002), a problemática da divisão sexual do trabalho é integrada à divisão social do trabalho, de forma que as construções binárias do trabalho produtivo/reprodutivo, assalariado/doméstico, fábrica-escritório/família, são recorrentes e foram desenvolvidas a partir do capitalismo, não havendo essas divisões anteriormente. A autora salienta que a noção do ‘trabalho doméstico’ não é uma atividade que perpassa ao longo dos séculos, por seu surgimento ser “datado historicamente” (Hirata, 2002, p. 234). De modo que, a divisão sexual do trabalho – no âmbito do assalariamento e no âmbito doméstico - acompanha as relações de produção e se modifica ao longo dos percursos históricos.

Do nascimento do capitalismo ao período atual, as modalidades da divisão do trabalho entre os sexos, tanto no trabalho assalariado quanto no trabalho doméstico, evoluem no tempo de maneira concomitante às relações de produção (HIRATA, 2002, p. 235).

Os resultados desta investigação apontaram no âmbito da indústria duas divisões sexuais do trabalho. A primeira foi nos primeiros anos de funcionamento da empresa, um período chamado pelas trabalhadoras de “antigamente”, no qual elas executavam todos os serviços necessários à produção. Não havia diferenciação nos trabalhos desempenhados por mulheres ou por homens. O coletivo de trabalhadores executava todas as atividades necessárias ao desenvolvimento da produção, sem haver cargos ou atribuições ocupacionais masculinas e femininas diferenciadas.

Ah! Eu fazia de tudo um pouco, eu lavava os frangos, tirava às vezes as buchadas, cortava os pés. Daí nós pendurava o frango no gancho e levava para dentro das câmeras frias, né. Aí outro dia tirava tudo e botava dentro das caixas, tirava as caixas fora levava na outra câmara lá fora (Hortência).

Tal como foi narrado no contexto do abatedouro, uma pequena granja avícola transformou-se numa indústria produtora de carne. Entre as participantes da pesquisa, apenas Valentina e Hortência acompanharam essa transformação. As mudanças ocorridas foram relativas aos espaços físicos, tanto na parte externa do abatedouro, quanto no galpão industrial e, por conseguinte, nos aspectos do trabalho. Os ranchos que continham as aves tornaram-se estacionamentos e um galpão se transformou em frigorífico.

Mudou tudo da época do senhor [antigo proprietário, pai do atual]. Mudou tudo. Tinha um escritório ali onde tem o guarda. Tinha um escritório e tinha atrás uma casa onde tinha uns rapazes que dormiam ali e trabalhavam aqui dentro. Eles dormiam ali e trabalhavam aqui. Aí foi, desmancharam a casa velha da [proprietária] e mudaram muitas coisas (Valentina).

As mudanças evidenciaram o crescimento da organização industrial, embora não seja o foco desta pesquisa a dinâmica de crescimento do estabelecimento, é possível mediante as narrativas das trabalhadoras e do proprietário considerar que em um período anterior a granja fornecia aves inteiras e vivas para uma grande indústria de processamento de aves. Participando do processo avícola com integrados, como Sorj et al. (2006) referenciaram sobre a grande quantidade de produtores rurais catarinenses

que forneciam as aves para serem processadas nas grandes indústrias e possuíam o trabalho predominantemente familiar.

Importante notar que as atividades do abatedouro iniciaram em 1979 e, como foi descrito no item 4.2 sobre a Indústria de abate investigada, era feita somente criação de aves. Em trinta anos, os empresários transformaram uma granja em uma indústria de abate avícola, embora se ressalte que o maior crescimento da indústria ocorreu nos últimos dez anos de funcionamento.

Na investigação foi possível observar que as informações históricas do abatedouro mostravam um tipo de relação contratual com outra indústria, como integrada a uma grande agroindústria, pelo grande contingente de produção de aves vivas que havia no estabelecimento, como foi apontado por Sorj et al. (2008). Quanto à força de trabalho familiar, é possível identificar que havia também uma divisão sexual do trabalho. No entanto, era uma divisão sexual do trabalho diferenciada da encontrada no momento da pesquisa, era uma divisão fundamentada no âmbito do espaço doméstico, de modo que a granja era uma extensão da vida doméstica e as mulheres possuíam suas funções estabelecidas.

A partir dos relatos sobre esse processo de transição de granja à indústria de transformação, foi possível compreender não somente as alterações externas da ‘nova’ empresa, como também do espaço interno construído para atender o processamento das aves, no qual as trabalhadoras executavam todas as atividades da empresa avícola.

Os frangos não tinham corrente né, os frangos iam dentro dos cochos, com gelo, aí nós tirávamos do cocho e botava no gancho, levava eles dentro da câmara lá dentro era tudo diferente. Tinha mais gente [...]. Porque os frangos iam por uma calha em cima da mesa e eram cortado os pés, abria e pegava puxava e caía dentro do cocho então nós três lavava depois colocava no outro cocho, com água fria, pois ficava mais gelado assim. Aí botava na mesa então um botava miúdo e costurava, costuravam a mão e colocava no pacote, como estão fazendo agora, só que antigamente não era assim como estão fazendo agora, era tudo diferente [...] Era tudo a mão sabe. Só que pra despenar o frango tinha uma máquina, mas na corrente não ia tudo, era tudo a mão (Hortência).

Nesse momento, a divisão sexual do trabalho envolvia as mulheres em todas as atividades avícolas, não havia distinção entre o que era feito pelos homens ou pelas mulheres, todos faziam tudo. Havia mulheres que abatiam animais e outras que não abatiam, mas no geral, em relação a todas as outras atividades não havia divisão das atividades por sexo, como observado durante a pesquisa desta dissertação. Como foi

assinalado por Hirata (2002), existe uma ampla variedade de divisões sexuais do trabalho. Assim, o histórico do abatedouro revela uma divisão sexual do trabalho que estava relacionada às práticas rurais e, depois, outra divisão sexual associada às práticas industriais, que será mencionada em seguida.

A divisão sexual estava presente nessa atividade avícola em sua perspectiva rural, foi fundamentada na própria criação avícola como sendo uma atividade feminina. Perrot (2007) destaca que as mulheres foram historicamente destinadas às funções da casa e outras que foram agregadas no cotidiano, como a criação de pequenos animais, a horta e o galinheiro. A partir de um processo histórico e social, as mulheres foram vinculadas às atividades do galinheiro como parte integrante do trabalho doméstico, especialmente no âmbito do rural. Fato que também apareceu na fala do presidente do sindicato da alimentação, respondendo o porquê de haver tantas mulheres nas indústrias avícolas. Ele esclareceu que elas tinham mãos menores e podiam realizar os cortes mais delicadamente e, por outro lado, os homens mais presentes nas indústrias de bovinocultura e suinocultura, pelos animais serem maiores e exigirem maior força física. Esse depoimento corrobora com os achados sobre a divisão sexual do trabalho no âmbito da produção de animais, as aves por serem animais menores eram direcionadas aos cuidados das mulheres.

A análise do trabalho realizado atualmente pelas entrevistadas sugere uma divisão sexual do trabalho diferenciada da que existia anteriormente no estabelecimento. Um primeiro aspecto que se revelou é que os cargos são rígidos, não há a versatilidade do passado, narrada pelas entrevistadas. Depois de algumas visitas ao estabelecimento, acompanhando as atividades dos trabalhadores, já foi possível localizar os postos de trabalho destinados às mulheres e aos homens, sendo que ao longo do tempo em que foi efetuada a pesquisa de campo não houve diferenças quanto à localização dessas ocupações. As áreas de predominância feminina eram referentes ao espaço interno do abatedouro, localizadas nas atividades da retirada dos miúdos e nos setores de embalagens. Os homens estavam distribuídos por muitas ocupações, desde atividades externas, às de operador de empilhadeira e mecânico³³.

³³ Aspecto também possível observar na figura 2 (p. 59)

A pouca variedade nas ocupações também emerge nas descrições de seus cargos feitas pelas entrevistadas, como são mostradas na tabela 6, as atividades efetuadas em seus cotidianos, permitindo uma melhor visibilidade das mesmas.

Tabela 6 - Informações sobre as ocupações das entrevistadas no abatedouro

Nome	Setores na empresa
Valentina	Setor da corrente
Margarida	Limpeza do refeitório dos trabalhadores
Acácia	Embalagem
Letícia	Embalagem
Camila	Embalagem
Yasmin	Embalagem
Hortência	Setor da corrente
Gardênia	Setor da corrente

Quando as entrevistadas foram questionadas sobre as diferenças no trabalho de mulheres e de homens, algumas apontaram diferenças entre os trabalhos dos homens e das mulheres, por essas realizarem as atividades mais leves e os homens as mais pesadas em termos físicos.

É isso sim, existe diferença do trabalho do homem e da mulher. Porque o meu serviço ali ele é levezinho na embalagem. E eles lá vão ensacar o frango e as caixas [...]. Lá pra trás onde carrega o caminhão. [...] Daí tem muita diferença da força física, tem que ser homem pra trabalhar ali. E o meu servicinho ali é levezinho [...] (Camila).

Paulilo (1987b) estudou em diferentes regiões rurais brasileiras a relação entre trabalhos leves e pesados; um trabalho que era considerado leve em uma região, em outra era considerado como pesado. A autora ressaltou um traço em comum a partir desses entendimentos, que o trabalho leve era continuamente uma atribuição de mulheres e crianças e o trabalho pesado seria uma função masculina. “Na verdade, qualifica-se o trabalho em função de quem o realiza: são “leves” as atividades que se prestam à execução por mão-de-obra feminina e infantil” (Paulilo, 1987b, p. 2).

Só o serviço mais pesado as mulheres não fazem, mas tem homem que faz serviço de mulher também né! [O que seria o serviço da mulher e qual seria o de homem?] Da mulher seria na corrente, de empacotar, essas coisas. O que eu saiba o serviço mais pesado é só os homens que fazem, a mulher não. (Margarida).

Assim, é possível pensar, tal como coloca Paulilo (1987b), que o trabalho leve se refere mais a quem o realiza do que as suas características intrínsecas.

Como se vê, “trabalho leve” não significa trabalho agradável, desnecessário ou pouco exigente em termos de tempo ou de esforço. Pode ser estafante, moroso, ou mesmo nocivo à saúde – mas é “leve” se pode ser realizado por mulheres e crianças. [...] A conclusão, portanto, é clara: o trabalho é “leve” (e a remuneração é baixa) não por suas próprias características, mas pela posição que seus realizadores ocupam na hierarquia familiar (Paulilo, 1987b, p. 7).

Somente uma entrevistada apontou haver mais dificuldades do trabalho feito por mulheres.

O pior é o que as mulheres fazem, lá na corrente, é mais duro. Porque cansa assim sabe, por que lá do outro lado, eles podem andar para lá e para cá. Lá eles andam. Nós não. Nós temos que ficar parado, não dá para andar, aí temos que ficar parado, aí umas vezes dói as pernas, dói as costas, dói aqui e dói lá. Ah, não chega a hora de ir embora. Lá onde eles colocam os frangos, eles podem andar e descansar às vezes (Valentina).

O setor de Valentina necessita que as trabalhadoras permaneçam todo o período laboral em pé, firmes, executando uma atividade repetitiva, que no caso dela é o corte lateral da ave. As trabalhadoras necessitam executar as atividades de maior agilidade dentro do processo produtivo. Hirata (2002) usa a expressão ‘manutenção dos privilégios masculinos’, para ressaltar quando não há igualdade entre as pessoas dentro da empresa e os homens permanecem com os melhores cargos, no entanto essa manutenção de privilégio pode vir disfarçada em prol de “algumas garantias”, de modo que elas não necessitem realizar trabalhos pesados, sujos, perigosos, e direcionadas aos trabalhos limpos. Na empresa, todas as mulheres estavam locadas nos espaços considerados limpos, sem necessidade de lidarem com os excrementos dos animais ou com os animais vivos.

A presença das mulheres nas áreas limpas não as exime de realizar um trabalho com a necessidade de empregar força física, como apontado por Valentina. Pois, como no caso desta entrevistada, ela precisa concluir sua jornada diária em pé e com os braços levantados, porque empunha uma faca de dez centímetros, extremamente afiada, a pouca distância de sua colega de trabalho. Isso mostra o quanto as atividades realizadas pelas mulheres não são agradáveis, nem fáceis. São atividades repetitivas que necessitam de extrema atenção e algumas efetivamente utilizam objetos pesados.

A questão sobre o trabalho leve sempre se referir àquele exercido por mulheres é articulada nas reflexões de Hirata e Kergoat (2003). As autoras fazem uma ponderação sobre a concepção de “valor” dos trabalhos destinados aos homens e as mulheres. O valor, não no sentido econômico, mas antropológico e ético, ao trabalho masculino é atribuído maior valor do que ao feminino. O trabalho produtivo “vale” mais que o reprodutivo, de modo que por meio de uma hierarquia social ainda há o discurso de que os homens permanecem com os trabalhos mais pesados, ou seja, que valem mais.

Outras trabalhadoras entrevistadas negaram as diferenças entre o trabalho dos homens e das mulheres, apontando atividades feitas tanto por homens quanto por mulheres. No entanto, no contexto do abatedouro, as funções relatadas pelas entrevistas eram somente exceções. Duas ou três mulheres exerciam as mesmas atividades feitas pelos homens, mas não era o caso da maioria.

Tem mulher ali dentro que vai na faca [setor do corte] e tem homem que também vai na faca. Mesma coisa tem mulher que corta pé. [...] Que nem [Maria], ela corta a asa é bem difícil ficar cortando asa e é uma mulher. Ela é a única mulher que tem ali que corta a asa [...]. Ah não tem diferença de o homem fazer e a mulher não poder fazer. A mulher dá conta lá dentro do serviço. Às vezes, lá dentro tem guria que tem que ficar no peso, na máquina da balança e é pesado, não é fácil... às vezes são trinta quilos ou vinte quilos. É que falta homem pra fazer (Leticia).

Perrelli (2008), estudando as mulheres em ocupações tradicionais masculinas, aponta que as fronteiras da igualdade e da desigualdade perpassaram na história das mulheres ao assumirem trabalhos especificamente masculinos. Na empresa estudada pela autora, Petrobrás, as trabalhadoras consideravam possuir as iguais condições dos homens por meio dos avanços tecnológicos que contribuíam na execução e no desempenho de suas funções que exigiam maior força física e permitiram acesso a direitos e benefícios, diferentemente do que ocorria no passado. Já no contexto estudado, aqui, o passado ainda é presente: uma pequena empresa privada do interior, em que as trabalhadoras não contam com melhorias tecnológicas especiais. No entanto, no momento da pesquisa, tanto quanto na época mais rudimentar, as mulheres sempre estiveram presentes no processo produtivo avícola desta organização. Foi um movimento oposto das trabalhadoras da Petrobrás, em que almejavam a entrada em postos de trabalhos masculinos; nesta indústria avícola as mulheres sempre trabalharam

e foram perdendo postos de trabalho com a industrialização, com o aumento da diferença em quem pensa a atividade e quem a concretiza.

Diante das considerações sobre a divisão sexual do trabalho é possível observar que os trabalhos destinados às mulheres e aos homens foram sendo alterados no percurso histórico da empresa. No passado, as mulheres executavam todo o tipo de atividade, havia menor discriminação entre atribuições pesadas e leves, como típicas femininas ou masculinas, visto que a atividade avícola era concebida como feminina. No entanto, a partir da industrialização da empresa, houve uma separação em atividades realizadas pelas mulheres e pelos homens. Essa mudança organizacional foi explicada pelo encarregado, possibilitando um destaque para as diferenças entre o modelo anterior de relações de trabalho na empresa e o modelo atual.

Antes eles faziam tudo do jeito que queriam, eles faziam o que queriam, então eles queriam trocar de função eles trocavam, se queriam parar para conversar eles paravam, se eles queriam gritar, eles gritavam. Era um trabalho à vontade e ninguém sabia o que tinha responsabilidade e uns não faziam nada e outros faziam muito, mas nenhum sabia o que tinha que fazer e o que terminava fazendo. Então é que nem [...] identificar cada um como um animal, ver que raça tem e colocar onde é melhor colocar. Identificar onde cada um, e quais as funções que ela poderia exercer na empresa, porque cada uma tem uma ou duas, três funções, ou quatro depende[...]. A questão não é saber fazer, mas se faz e se é bem feito [...] (Encarregado).

O encarregado realmente fez uma síntese de como o processo de trabalho no abatedouro passou a ser organizado, mediante os pressupostos *tayloristas/fordistas* de produção industrial. Assim, a fragmentação e divisão de tarefas permitiu a colocação do melhor trabalhador (ou trabalhadora) em cada posto de trabalho. Uma forma de organização em que o trabalhador é resumido a peças. Com Hirata (2002, p. 30) é possível compreender essa vinculação entre a divisão sexual do trabalho e os princípios administrativos do *taylorismo*: “É de acordo com o sexo de seus assalariados efetivos que a empresa elabora e aplica sua política de gestão da mão-de-obra. A política de *controle*, particularmente, é decidida em função do sexo do trabalhador empregado” [grifos da autora]. Deste modo, a divisão sexual do trabalho com os pressupostos *tayloristas* opera no sentido de empurrar determinados cargos às mulheres e outros aos homens. Ainda com base em Hirata (2002), são destinados às mulheres os cargos nos quais existe maior aplicação das técnicas *tayloristas* – pressão por tempo, rotina,

repetição de atividade. Algo que precisamente foi observado reiteradamente nesta pesquisa.

Com a industrialização do abatedouro, as mulheres foram empurradas aos cargos nos quais era necessário acompanhar o ritmo da esteira e da nórea, corrente que transporta os frangos pela produção, por meio de uma maior *vulnerabilidade* histórica das mulheres do que dos homens no ambiente do trabalho. Hirata (2002), afirma que as mulheres possuem uma educação familiar direcionada para submissão e obediência e, no abatedouro, isso também se faz evidente.

A determinação exata da *quantidade* de tempo jamais pode ser tão coercitiva e autoritária para os homens: eles não foram educados desde a infância para obedecer, aceitar e se submeter; as técnicas tayloristas, longe de serem *neutras*, utilizam e reforçam a divisão sexual existente, tanto dentro da empresa quanto na sociedade. Os métodos tayloristas, quando extorquem o rendimento da mão-de-obra feminina, beneficiam-se do aprendizado das jovens, relativo à habilidade manual, à meticulosidade, à diligência [...] (Hirata, 2002, p. 31).

Em síntese, quando se analisa a divisão sexual do trabalho no âmbito da empresa é possível compreender que as mulheres exerciam atividades mais desvalorizadas no abatedouro do que os homens. Em seus discursos as entrevistadas afirmam executarem atividades que não requeriam o emprego de esforço físico e, por isso, seus trabalhos eram considerados mais *leves* do que os dos homens. Foi possível observar, durante a coleta de informações, as mulheres exercendo atividades com emprego de força, concentração e agilidade, mas, por serem mulheres e possuírem conhecimentos ou atributos considerados femininos, eram desvalorizadas e consideradas como leves.

6.2 O trabalho doméstico não-remunerado

A opção foi compreender a categoria de análise do trabalho a partir da definição de Fougeyrollas-Schwebel (2007, p. 249), “como tarefas combinadas, ligadas aos cuidados das pessoas, cumpridas dentro das configurações familiares – lar conjugal e parental – trabalho gratuito, efetuado essencialmente pelas mulheres” [tradução da autora].

É necessário considerar que o trabalho doméstico foi enraizado historicamente como uma atribuição feminina, como uma construção social da divisão sexual que

relacionou o gênero a um trabalho específico. Uma construção social que nomeou de ‘natural’ e ‘normal’ o trabalho doméstico como uma atribuição especificamente feminina, a partir de uma dinâmica social e histórica que consolidou esses tipos de trabalhos como completamente invisíveis aos interesses da sociedade, somente problematizado por constantes lutas e teorias feministas. Tal como enfatiza Perrot (2007), as mulheres sempre trabalharam, mas eram nos afazeres da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizados e, assim, não remunerados.

Nas informações coletadas no âmbito dessa pesquisa, foi possível compreender o quanto as mulheres permanecem como as principais responsáveis pelas atividades domésticas. Apresenta-se a tabela 7, com informações sobre aspectos familiares e a delegação de responsabilidades.

Tabela 7- informações sobre a divisão do trabalho no espaço doméstico

Nome	Responsável pelo sustento da família	Responsável pelo serviço doméstico	Quantidade de filhos/as	Idade dos filhos menores
Valentina	Ela e o marido	Ela apenas	Três	Todos maiores de 18 anos
Margarida	Ela e o marido	Ela, o marido ajuda	Quatro	11 anos
Acácia	Ela e o marido	Ela, o marido ajuda	Um	11 anos
Letícia	Ela e o marido	Ela	Um	1 ano e três meses.
Camila	Marido	Ela	Quatro	16 anos.
Yasmin	A mãe dela	Sua mãe, ela ajuda	Nenhum	Não tem filhos.
Hortência	Ela e o marido	Ela	Três	Todos maiores de 18 anos
Gardênia	Ela e o marido	Ela	Um	Todos maiores de 18 anos

No que diz respeito ao sustento familiar, a maioria das entrevistadas casadas relatou que ambos, marido e mulher, são responsáveis pelo orçamento. Já em relação ao trabalho doméstico, a carga ficou predominantemente com as mulheres, com algumas recebendo colaborações.

Perrot (2007) destaca que o trabalho doméstico ainda resiste em permanecer com a mulher mesmo depois de todas as evoluções e dos movimentos feministas e de gênero

em prol da igualdade. O trabalho doméstico é aquele em que ainda não houve partilha das atividades, é uma atividade que depende do corpo, um trabalho físico, pouco qualificado e mecanizado. Essa atribuição à mulher independe de camada econômica, embora haja diferenças nos modos de realizá-las.

[Quem realiza as atividades da casa?] De noite? Eu faço todo o serviço de casa. Tu vê, minha casa é grande e eu dou conta sozinha de limpar a casa, de limpar a casa sozinha [...] Eu até queria uns porcos e umas galinhas. Mas é ruim, não dá tempo. Eu chego em casa à noite, tenho que fazer tudo em casa, aí não dá tempo. Tenho que fazer a comida em casa para meu marido, cuidar da casa. Aí meu marido chega em casa e tenho que fazer comida pra ele, por que ele sai [para trabalhar] de noite³⁴ [...] (Valentina).

Bruschini (2006) relata que os institutos de pesquisa nacionais ignoraram por muito tempo as atribuições domésticas, deixando à margem a carga horária de trabalho doméstico não remunerado feito pelas mulheres em âmbito nacional. A visibilidade dessas informações mostrou recentemente o quanto de horas de trabalho as mulheres necessitam destinar aos serviços domésticos, sendo significativamente maior do que as horas destinadas aos homens, de modo que as obrigações domésticas limitam o desenvolvimento profissional das mulheres.

A necessidade de cuidados com crianças pequenas, a responsabilidade pela alimentação familiar e outros serviços, referentes à reprodução familiar as deixam menos competitivas em relação ao mercado de trabalho, com carreiras descontínuas, salários mais baixos e desregulamentados.

“Trabalhei fora sempre, só quando eu ganhava as crianças é que eu ficava em casa até eles terem dois anos” (Margarida).

Em sua pesquisa sobre trabalho doméstico, Bruschini (2006) revelou que as mulheres destinam em média 27 horas por semana em atividades domésticas, enquanto os homens destinam um pouco mais de 10 horas. Entre as mulheres, foram as mães de crianças pequenas que mais horas destinavam às atividades domésticas, uma média de 35 horas para mães com crianças até 2 anos e um pouco mais de 32 horas para mães com filhos entre 2 e 4 anos.

³⁴ O marido trabalha como motorista de caminhão na mesma empresa, atuando no período noturno.

Margarida narrou sua necessidade de sair do trabalho para cuidar das crianças, visto sua dificuldade em conciliar o trabalho remunerado com as atividades domésticas. Entre as participantes da pesquisa, somente Letícia, no momento, tem um filho pequeno e narra suas atividades cotidianas.

[Quem realiza as atividades da casa?] *Eu faço. Meu marido ajuda [...] Só quando ele quer [...] Ele ajuda a lavar a louça, mas quem lava a roupa sou eu. Sempre deixo para lavar a roupa sábado, pois lavo tudo de uma vez, pois a pequena vai para a creche e dá bastante roupa, assim eu lavo, passo e cozinho. Lá em casa é pequenininho, só tem três peças. Não tem muito que fazer também, mas a faxina geral dá trabalho sim. Mas também tem que dar atenção pra menina, chora por que ela quer mamar, aí ela chora, por isso tenho que ficar com ela no colo. Tem que dar banho. Quando eu chego em casa, eu nem como nada, tenho que chegar e pegar ela, senão ela fica andando chorando atrás de mim, logo eu pego ela para dar banho, dar de mamar, fazer alguma comida, alguma coisa [...]* (Letícia).

Como mencionado por Bruschini (2006) e Hirata (2002), as trabalhadoras executam as atividades que se caracterizam por um *continuum*, de modo que não há interrupção entre os trabalhos feitos na indústria com os trabalhos feitos em suas residências. As participantes necessitam continuar no trabalho, tanto nos espaços produtivos quanto nos reprodutivos, sem intervalos, porque não há outro alguém que possa fazê-las.

[Que atividade você realiza em casa?] *Ah! Eu lavo roupa, planto uma hortinha, umas verduras, comida tudo [...]. As atividades de uma casa, passar, lavar e cozinhar [...]* (Gardênia).

As trabalhadoras entrevistadas são as responsáveis pelos serviços domésticos, incluindo atividades como: limpar a residência, lavar e passar as vestimentas, pela alimentação da família, entre outras. Algo que dificultava seus trabalhos domésticos é a falta de aparelhos ou máquinas, bem como maiores condições de aquisição de alimentos prontos ou semi-prontos. As entrevistadas narraram que faziam pão, plantavam legumes e verduras, retiravam leite. As mulheres necessitavam elaborar as refeições das suas famílias sem terem possibilidade de acessar alimentos industrializados.

Em pesquisa realizada com trabalhadoras urbanas que exerciam serviços de limpeza, Diogo e Maheirie (2007) observaram que as mulheres também eram as responsáveis pelos serviços domésticos, mas algumas vezes contavam com coadjuvantes no desenvolvimento destas atividades. Esses coadjuvantes eram os maridos em raríssimas vezes e também as filhas. Na pesquisa aqui relatada, também foi

identificada a presença de auxílios dados pelos homens, como também por uma filha, o caso de Yasmin que relatou auxiliar sua mãe. Na pesquisa de Bruschini (2006), foi identificado que as filhas contribuem em mais horas do que os filhos homens, enquanto as filhas trabalham no âmbito doméstico, em média, 17 horas semanais, os filhos trabalham em média 9 horas semanais. De acordo com Diogo e Maheirie (2007), essa ajuda das filhas às mães no âmbito familiar é incentivada, por meio de uma rede de sentidos que existe na família e na sociedade, a partir das construções sociais de gênero. As mulheres desde novas são direcionadas às labutas domésticas, por meio do aprendizado nessa ajuda.

O ajudar feito pelos homens nas atividades domésticas precisa ser contextualizado, pois nem sempre esse coadjuvante efetivamente destina muitas horas ao trabalho doméstico, como anteriormente citado; Bruschini (2006) apontou uma média de 10 horas para os homens que auxiliam nas atividades domésticas. Stecher, Godoy e Díaz (2005) apontam a presença do discurso público dominante, que seria a continuidade do incentivo a um modo de organização nuclear familiar, fundamentado no paradigma patriarcal de organização das relações, tanto de gênero, quanto de trabalho. Ainda permanecendo um discurso de supervalorização dos homens nas relações familiares, observados os micro-poderes em fragmentos da vida cotidiana, como o lugar de jantar reservado ao pai ou a melhor carne ser selecionada a este; ocorrendo que esse lugar de “chefe” a partir do enfoque de uma família patriarcal, faz com que não necessite realizar os trabalhos considerados pelo mesmo modelo familiar como inferiores, como lavar e enxugar as louças do jantar.

Outro aspecto importante identificado nos resultados da pesquisa foi a relação entre as entrevistadas e o tempo livre, efetivamente imbricado com o trabalho doméstico. Aquino e Martins (2007, p. 481) apresentam que o tempo é dependente das formas elaboradas pelo sujeito em suas vidas e de como estes necessitam dispor esse tempo em relação às diversas atividades, como inclusive articulam a isso os sentidos do “tempo cotidiano para si [...]. [Pois] as diferentes formas de sentir, pensar, agir e estabelecer o tempo seguem padrões culturais que se refletem na ação do sujeito”. Deste modo, é possível refletir que as pessoas formulam suas distribuições de tempo de acordo com suas condições culturais e sociais constituídas no decorrer de suas vidas e, com isso, transformam seu cotidiano.

Ele [o marido] trabalha na [nome da empresa] [...] então ele não tem tempo pra me ajudar. Aí ontem cheguei em casa e ajudei ele a limpar o gramado. Aí depois ele foi guardar as coisas, foi tratar o cachorrinho, porque eu tenho duas cadelinhas e dois gatos. A vida da gente também não é assim chegar em casa e ir descansar. Eu lavo a roupa no sábado e limpo a casa. Aí pão a minha sogra faz, mas a casa e as roupas são comigo, no domingo e no sábado é tudo comigo (Acácia).

Salvitti et al. também identificaram a ausência de tempo livre nos relatos de trabalhadoras, pois relavam que neste tempo supostamente livre exerciam atividades domésticas e outras que não foram possíveis de serem feitas durante o tempo de trabalho remunerado. Uma dessas trabalhadoras enfatizou a falta de tempo livre por necessitar realizar as atividades domésticas “[...] para Bárbara, não há tempo livre: quando não está trabalhando na rua, arruma a casa” (Salvitti et al., 1999, p. 13). Estes autores explicaram a que o tempo livre estava associado à execução do trabalho doméstico e a outros trabalhos diversos necessários de serem feitos. “Denise quando perguntada a respeito do que fazia nos momentos que não trabalhava: *Como assim? Sempre estou trabalhando!*” (Salvitti et al., 1999, p. 13). Stropasolas (2006), também corrobora com esse entendimento esclarecendo que no âmbito do rural, o lazer é privilégio exclusivo dos homens, do masculino. Essa situação de falta de tempo livre também foi encontrada nesta pesquisa: as participantes não tinham tempo livre.

Os resultados apresentados aqui salientam as mulheres como responsáveis pelo trabalho doméstico não-remunerado, mesmo participando efetivamente no trabalho produtivo e no sustento familiar. Assim, pode-se corroborar o ponto de vista de Delphy (2006), quando assinala a necessidade de problematizar e de lutar contra esse trabalho doméstico contraído pelas mulheres de maneira gratuita e não remunerada. Essa carga de trabalho doméstico atribuído exclusivamente às mulheres só aumenta a perpetuação de trajetórias descontínuas, mal remuneradas, dificuldade de estabelecer um projeto profissional em longo prazo, resultando uma sobre-exploração.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso desta pesquisa não somente foi possível conhecer o trabalho de mulheres em um abatedouro específico, como conhecer histórias e narrativas de pessoas que conheciam abatedouros e o abate de aves. Do mesmo modo, como P. Spink (2008) mencionou, nesta dissertação o pesquisador não investigou apenas quando estava no campo de pesquisa, mas sim, em todos os lugares e momentos quando analisava o tema proposto. Ou melhor, o pesquisador é um investigador do campo-tema em seu cotidiano. À medida em que o investigador relata o seu tema a alguém, ilumina um aspecto antes não relevante para outras pessoas e descobre muitas informações pertinentes sobre seu estudo. A investigação das trabalhadoras no abate possibilitou à autora esse diálogo com muitos interlocutores e observar a relevância do tema no âmbito da sociedade, pois a prática de abate de aves está no cotidiano de muitas famílias brasileiras.

Todos os procedimentos foram utilizados para responder à questão inicial, bem como os objetivos específicos. O primeiro objetivo específico assinalado foi *identificar as trajetórias de trabalho das mulheres*. O que foi possível de ser respondido no capítulo sobre as trajetórias das trabalhadoras, que versou desde os modos de como as trabalhadoras iniciaram na atividade avícola, a partir do conhecimento das práticas de abate proporcionadas pelas vivências cotidianas, relacionadas com a vida em uma região com marcas de ruralidade. A perspectiva de ruralidade utilizada não foi a de descolamento do urbano (Carneiro, 1998; Paulilo, 2004), mas se ateve à necessidade de da maioria das entrevistadas ocuparem espaços rurais, como os direitos sucessórios referentes à terra não serem cumpridos tal como a legislação vigente prevê (Deere & Leon, 2002), bem como a importância do casamento para a permanência ou não na vida de trabalho agrícola (Stropasolas, 2006) e as poucas oportunidades de empregos (Bruschini, 1994).

As mulheres tiveram acesso aos empregos no abatedouro e foram impedidas de disputar outros espaços laborais por diferentes fatores, como: a inexistência de outras organizações na localidade; a falta de um transporte público que ofereça mais horários e

deslocamento a outras regiões; e a pouca escolaridade das trabalhadoras, impedindo-as de entrar nos quadros de grandes empresas que solicitavam maiores níveis educacionais. Inclusive a idade elevada das trabalhadoras se constituiu um fator limitante ao acesso a outras oportunidades empregatícias, aspecto presente nas relações de trabalhos fundamentadas na acumulação flexibilidade de capital por promover a exclusão dos idosos no mercado de trabalho (Antunes, 2005). Por outro lado, a empresa avícola acolheu parte estas mulheres a partir de relações familiares existentes entre os trabalhadores e os proprietários.

A vida das participantes no presente era articulada entre atividades produtivas e as reprodutivas no âmbito do doméstico. Nas atividades produtivas, elas aprendem os afazeres geralmente com outros trabalhadores, um conhecimento tácito (Kuenzer, Abreu e Gomes, 2007), porque os serviços não exigem qualificação e nem há uma preocupação da empresa, no momento, com a formação dos trabalhadores. As participantes atribuem valor à remuneração que recebem, fazem contraponto com o trabalho doméstico, pelo qual não são remuneradas, referem-se à importância e à saúde que o trabalho externo proporciona a suas vidas, embora também ressaltem o desgaste e a dificuldade desta atividade pela repetição dos movimentos e por poder causar acidentes no trabalho e outras doenças associadas às atividades laborais.

Quanto ao futuro, foram identificados três grupos: o primeiro, das participantes que almejam a aposentadoria, o segundo das trabalhadoras que desejam continuar em uma atividade de auxiliar de produção, mas podendo ser em outra organização; e o terceiro grupo, em que as trabalhadoras objetivam continuar no trabalho atual. Nos relatos sobre o futuro, houve certa homogeneidade nas visões e geralmente salientaram falta de oportunidades, associadas à peculiaridade de sua condição de mulheres provenientes de um contexto rural.

Nas trajetórias das trabalhadoras foi possível identificar como a divisão sexual do trabalho está presente. Embora tenham sido capítulos escritos em separado, os capítulos das Trajetórias das Trabalhadoras e o da Divisão Sexual do Trabalho destacando enfoques diferenciados da realidade, a divisão sexual estava presente tanto nos relatos sobre o passado, no qual as trabalhadoras tiveram dificuldades em permanecerem em empregos, tendo trajetórias profissionais fragmentadas: como no presente, em serem as trabalhadoras que são mais suscetíveis à exploração dos modelos

de organização *tayloristas/fordistas*; bem como no futuro, por não terem perspectiva de trabalho, ou uma aposentadoria que lhes garanta uma remuneração e lhes conceda mais tempo, supostamente livre, para a execução das atividades domésticas em prol de seus familiares. Reiterando as considerações de Abramo (2004), as trajetórias laborais femininas são fundamentadas em visões do trabalho feminino como uma força de trabalho secundária, somente necessária na ausência do homem chefe de família, proporcionando às mulheres trabalhos para complementação da renda do homem, de caráter eventual e instável.

O primeiro objetivo da pesquisa foi respondido, pois foram compreendidas as trajetórias de vida das trabalhadoras, como a dimensão do passado, do presente e as perspectivas de futuro. Possibilitou conhecer essas mulheres, e uma aproximação das realidades vivenciadas por elas. Do mesmo modo, como Elias (1994) apresenta, que nenhuma pessoa é descolada da realidade, ultrapassando a dicotomia entre sujeito e sociedade, foi possível observar nesta dissertação o pertencimento das entrevistadas a uma família, uma região, uma localidade e a constituição de suas relações singulares. Com uma significativa prioridade do tempo curto (Spink & Medrado, 2004), em detrimento do tempo vivido ou longo.

O segundo objetivo foi *compreender como as mulheres investigadas vivenciam as suas atividades profissionais em um abatedouro*. As participantes relataram se sentirem satisfeitas por poderem contar com seus salários ao final do mês e valorizadas em estarem em um trabalho remunerado. As entrevistadas se orgulharam de ter o retorno financeiro pelo desempenho da atividade na fábrica, são conscientes da dificuldade de ter um emprego na atualidade e que o trabalho doméstico é uma labuta difícil, não valorizada e sem retorno financeiro.

Ressalta-se que as mulheres realizavam atividades no espaço interno do processo produtivo, que é considerado o espaço limpo, por não trabalhar com as aves vivas e seu processo de morte. Neste tempo atual, as mulheres não possuíam contato com o processo de degola dos animais, pois as aves chegavam à parte interna (limpa) do estabelecimento, mortas e asseadas.

O terceiro objetivo da pesquisa foi *caracterizar o processo de trabalho das mulheres na organização e no âmbito doméstico*. Foi possível observar que as trabalhadoras se localizavam geralmente em três cargos na organização, que são:

auxiliar de evisceração, auxiliar de abatedor e abatedor. Diferentemente dos homens, que estavam distribuídos por muitas funções na organização, as mulheres realizavam atividades específicas, sem haver qualquer mudança na função durante as jornadas de trabalho. Uma trabalhadora relatou que está há cinco anos na mesma ocupação. Ainda se agrega a esses fatos, o de que as mulheres executam funções extremamente repetitivas e com necessidade de muita agilidade.

No âmbito do trabalho doméstico, as participantes tinham significativa importância quanto ao aspecto econômico para suas famílias, proporcionada pela remuneração provinda do trabalho fabril, mas eram as principais responsáveis pelo trabalho doméstico, com pouco auxílio de coadjuvantes. A vida familiar destas mulheres ainda permanecia sem quaisquer significativas mudanças nos padrões patriarcais, em que as mulheres trabalham na empresa e nas residências em um *continuum* de trabalho (Hirata, 2001), sem tempo para descansar, apenas para trabalhar (Stropasolas, 2006).

Com essa pesquisa, foi possível estudar um grupo de trabalhadoras do abate avícola, a partir de idas e vindas aos relatos e à teoria estudada. Assim, tendo como referência o construcionismo social, foi possível compreender o processo de produção dos sentidos do trabalho associado ao estudo do contexto de trabalho, às trajetórias das trabalhadoras e à divisão sexual do trabalho. Cada parte destacada oportuniza um fundamento sobre os sentidos atribuídos ao trabalho pelas entrevistadas, pois elas estão articuladas a vivências específicas de um contexto produtivo, em um determinado estabelecimento, com trajetórias singulares e coletivas, bem como revelam a divisão sexual do trabalho presente nas esferas produtivas e reprodutivas. Assim, o objetivo geral de investigar os sentidos do trabalho foi respondido a partir dos eixos apresentados, que são completamente interligados.

O estudo de caso permitiu uma compreensão teórica a partir dos achados, mas cabe ressaltar como bem apontado por Stropasolas (2006), a impossibilidade de observar, descobrir e descrever a importância teórica de tudo que foi visto no campo. Os pesquisadores, a partir do avanço da pesquisa, acabam centralizando suas forças em “alguns poucos problemas” (p. 45), que o pesquisador no momento compreende que sejam mais relevantes, por se relacionarem com aspectos da vida e do grupo estudado. Com isso se menciona que não é possível em apenas uma pesquisa aprofundar todos os

aspectos que o campo de pesquisa proporciona, pois a vida humana e social é plural e heterogênea. Desta maneira se abrem as portas para outras pesquisas que objetivem compreender as relações de trabalhadores/as em abatedouros, aprofundando uma temática de extrema importância para os trabalhadores brasileiros, especialmente, do estado de Santa Catarina e do Sul do Brasil.

Outras pesquisas são importantes para subsidiarem políticas de regulamentação do trabalho em estabelecimentos de abate e frigorífico. Tal como iniciado no estado de Santa Catarina por meio do Projeto de Lei 300/2006 (2006) elaborado pelo Deputado Estadual Dionei Walter da Silva, o qual ressalta a necessidade de medidas preventivas à saúde dos trabalhadores em indústrias avícolas e a campanha contra o ritmo intensificado do trabalho nas indústrias avícolas, lançada pela Confederación Nacional de los Trabajadores de la Alimentación (CONTAC) no Brasil e pela Secretaria Regional Latino-Americana da União Internacional dos Trabalhadores da Alimentação, Agricultura, Hotéis, Restaurantes, Fumo e Afins (Rel-UITA).

Com esta pesquisa é possível agregar às lutas a necessidade de se considerar o trabalho feito pelas mulheres no contexto produtivo do abate avícola, pois embora possa haver outras realidades em relação ao trabalho da mulher em outras indústrias deste setor, nesta dissertação se mostrou o grupo mais vulnerável em relação às recentes transformações do trabalho. Bem como há a necessidade da continuidade de investigações a partir da divisão sexual do trabalho, por mostrar realidades distintas referentes ao trabalho destinado aos homens e as mulheres.

8 REFERÊNCIAS

- Abramo, L. (2004). ¿América Latina: una fuerza de trabajo secundaria? *Revista de Estudos Feministas*. (pp. 224-235). Florianópolis - SC, 12(2).
- Abramo, L. (2006). Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. *Ciência e Cultura*. V. 58, n. 4, (pp. 40-41). Recuperado em 30 de setembro, 2008, de <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n4/a20v58n4.pdf>
- Alencar, M. do C. B. de. (2005). *Associações entre crenças relacionadas ao trabalho e suas influências na saúde dos trabalhadores e na produtividade, no setor de produção de frangos de corte: uma abordagem ergonômica*. Tese de Doutorado, Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Antunes, R (2002). *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. (6ª Ed.). São Paulo: Boitempo Editorial.
- Antunes, R. (2005). *O caracol e sua concha: Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Aquino, C. A. B. & Martins, J. C. de O. (2007). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. (pp. 479-500). Fortaleza – Vol. VII, n.2, Set.
- Azevedo, J. T., Bogre, M. C., Bombardi, V. M., Chen, M. C., Mampo, E. Y. et al. (1998). As estratégias de sobrevivência e de busca de emprego adotadas pelos desempregados. (pp. 15-42). *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 1 (1).
- Berger, P & Luckman, T. (1985). *A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. 6ª edição. Petrópolis: Vozes.
- Blumenau on line (2006). *Cultura: Arquitetura*. Recuperado em 24 de setembro, 2008, de http://www.blumenauonline.com.br/conhecablumenau/cultura_arquitetura.aspx
- Boni, V. (2005). *Produtivo ou Reprodutivo: o trabalho das mulheres nas agroindústrias familiares - um estudo na região oeste de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Brasil (1997). Ministério da Agricultura. *Regulamento da inspeção industrial e sanitária de produtos de origem animal - RIISPOA*. Recuperado em 30 de junho, 2007, de <http://www.agricultura.gov.br/online>
- Brasil (s.d.). Ministério da Agricultura e do Abastecimento. *Regulamento técnico da inspeção tecnológica e higiênico-sanitária de carne de aves*. Secretaria de defesa agropecuária. Recuperado em 2 de julho, 2007, de <http://www.agais.com/normas>
- Bruschini, C. (1994a). Trabalho feminino: trajetórias de um tema, perspectivas para o futuro. *Revista de Estudos Feministas*. (pp. 17-32). Numero 1.

- Bruschini, C. (1994b). O trabalho da mulher no Brasil: Tendências recentes. In: Saffioti, H. Munoz-Vargas, M. (Orgs). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos: NINAS; Brasília, DF: UNICEF.
- Bruschini, C. (2006). Trabalho doméstico: Inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? *Revista brasileira de Estudos Populacionais*, (pp. 331-353)São Paulo, v.23, n.2, jul./dez.
- Campos, M. (2005). *Identidades e informalidades: Um estudo com trabalhadores do setor informal de Florianópolis-SC*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Carneiro, M. J. (1998). Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 11, outubro. (pp. 53-75). Recuperado em 27 de setembro, 2007, em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>
- Carrasco, C. (2005). Introdução: Para uma economia feminista. *Revista Proposta - revista trimestral de debates da FASE*. São Paulo. Jan/Mar., Ano 2/29 – n. 103-104.
- Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola [CEPA] (2008). *Desempenho da carne de frango em 2007 e perspectivas para 2008*. Recuperado em 23 de setembro, 2008, de http://cepa.epagri.sc.gov.br:8080/cepa/Informativos_agropecuarios/Carnes/Frango_07.08.08.pdf
- Chizzotti, A. (1998). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. (2ª ed). São Paulo: Cortez.
- Classificação Nacional de Atividades Econômica [CNAE]. (n.d.). *Instrumento de padronização nacional dos códigos de atividades econômicas*. Recuperado em 21 de julho, 2008, de <http://www.receita.fazenda.gov.br/PessoaJuridica/CNAEFiscal/cnaef.htm>
- Confederação Nacional dos Trabalhadores Nas Indústrias da Alimentação (2005). *Campanha nacional contra o ritmo intensificado do trabalho nas indústrias frigoríficas*. Recuperado em 20 de novembro, 2008, de http://www.rel-uita.org/salud/ler/ler_brasil/index.htm
- Consolidação das leis do trabalho [CLT] (1943). *CLT Dinâmica. Poder Judiciário*. Recuperado em 20 de janeiro, 2009, de <http://www.trt02.gov.br/geral/tribunal2/legis/CLT/INDICE.html>
- Corona, M. A. (2006). *Os sentidos que bancários outorgam a seu trabalho*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis- SC.
- Coutinho, M. C. (2000). *Entre o velho e o novo: estratégias de participação no trabalho*. Tese de Doutorado, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP.
- Coutinho, M. C. (no prelo). Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*.
- Coutinho, M. C. Diogo, M. F. e Monteiro, R. (2007). O desemprego feminino face ao mercado de trabalho brasileiro: uma comparação entre o cenário nacional e o da região metropolitana de Florianópolis. In: Vilela, E. C. & Raitz, T. R. (Orgs.). *Educação e Trabalho: itinerários de pesquisa*. (PP.13-32).Itajaí - SC: Universidade do Vale do Itajaí.

- D'Acari, V. (2003). Trabalho e saúde na indústria têxtil de amianto. *São Paulo em Perspectiva* (pp. 13-22), 17 (2).
- Dal Magro, M. (2006). *Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em "empreendimentos solidários"*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Deere, C. & Leon, M. (2002). *O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS.
- Delphy, C. (2006). *Cuestiones sobre el trabajo doméstico y las diferencias de género*. Entrevista concedida a Pauline Terminière. Espacio Alternativo. Recuperado em 13 de novembro, 2008, de http://www.cfemea.org.br/temasedados/imprimir_detalle.asp?IDTemasDados=128
- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos [DIEESE] (2006). *Nota técnica: a gripe aviária e o impacto sobre os trabalhadores*. Número 20. (pp. 1-6). Abril.
- Dickel, E. L., Santos, L. R. dos, Rodrigues, L. B., Valle, S. de F., Cecatti, D. et al. (2005). Ocorrência de salmonella em abatedouros de aves com tecnologia totalmente automatizada (grande porte), semi automatizada (médio porte) e semi automatizada (pequeno porte). *Higiene Alimentar*, (pp. 62-67). 19 (131).
- Diogo, M. F. & Maheirie, K. (2007). De balde e vassoura na mão: os sentidos que mulheres serventes de limpeza atribuem aos seus trabalhos. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, (pp. 557-579), setembro, ano/vol. VII, número 2.
- Diogo, M. F. (2005). *De balde e vassoura na mão: os sentidos do trabalho para mulheres que exercem serviços de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços em Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Dubar, C. (1998). Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educação & Sociedade*. (pp. 13-30). Vol. 19, n. 62. Campinas, abril.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (publicado originalmente em de 1987).
- Enriquez, E. (2006). O homem do século XXI: sujeito autônomo ou indivíduo descartável. *RAE-Eletrônica*, (pp. 1-13). V.5, n.1, Art.10, jan./jun. Recuperado em 9 de janeiro, 2009, de www.rae.com.br
- Fiewski, M. F. C. (2002). *Trabalho feminino industrial e gravidez: avaliação dos fatores de risco e seus impactos à saúde e ao processo de trabalho*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Engenharia de Produção, Ergonomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Florit, L. F., Teixeira, V. I., Chaves, I. M., & Graf, L. P. (2006). Interesses de humanos e de não humanos nos abatedouros do Médio Vale do Itajaí. Uma análise das implicações éticas e psico-sócio-culturais do tratamento aos animais para o desenvolvimento regional. *Relatório Final Técnico-Científico*. Edital Cidadania 03/2004.
- Fougeyrollas-Schwebel, D. (2007). Travail domestique. In: Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. L., Senotier, D. *Dictionnaire critique du féminisme*. (pp. 248-254). 2e édition augmentée. Paris: Presses Universitaires de France.

- Gil, A. C. (1991). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (3ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Giroto, A. F., & Avila, V. S. (2003). Produção Frangos de Corte. *Embrapa Suíno e Aves*. Sistema de produção, 2. Versão Eletrônica. Julho. Recuperado em 23 de outubro, de <http://www.cnpsa.embrapa.br/SP/aves/Importancia-economica-3.html>.
- Godoy, S. A. (2006). Estudo de caso qualitativo. In: Silva, A., Godoy, C. K. & Bandeira-de-Melo, R. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigma, estratégia e métodos*. São Paulo: Saraiva.
- Gorz, A. (1982). *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Graf, L. P. & Brognoli, F. (2003). Instituição e Gênero: padrões da feminilidade. Trabalho apresentado no XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, Porto Alegre, *Anais*.
- Graf, L. P., & Frassão, M. (2003). Lugar ocupado por esposas que acessam o serviço judiciário. Trabalho apresentado no XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, Porto Alegre, *Anais*.
- Graf, L. P., & Silva, C. A. F. (2006). *Amélias condenadas ao inferno: estudo de mulheres trabalhadoras em pequeno abatedouro no Médio Vale do Itajaí* (SC). Trabalho monográfico, curso de especialização em Gestão e Educação do Trabalhador, Instituto Superior do Litoral do Paraná, Blumenau.
- Graf, L. P., Vaz, A. E., & Wilde, S. (2003). Proposta de licenciatura em psicologia sobre a sexualidade. Trabalho apresentado no XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, Porto Alegre, *Anais*.
- Grandi, A. B. de. (2003). Relações de gênero em famílias agricultoras em Santa Catarina. In: Paulilo, M. I. S., & Schimdt, W. (Orgs.). *Agricultura e espaço rural em Santa Catarina*. (pp. 39-70). Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Grava, D. S., & Florit, L. F. (2008). Mapeamento e caracterização dos estabelecimentos que criam e abatem aves no Médio Vale do Itajaí. *Relatório Final de Pesquisa*. Iniciação Científica Pipe Furb.
- Guimarães, N. A., Silva, P. H., Farbelow, M. V., & Alves de Brito, M. M. (2007) Gênero, raça e trajetórias ocupacionais: evidências de segregação nos percursos? *Seminário Internacional "Mercado de trabalho e gênero; comparações internacionais Brasil-França"*, São Paulo. Recuperado em 30 de setembro, 2008, de <http://www.fcc.org.br/seminario/Mage%20-%20Segmentacao%20de%20percursos%20-%20sexo%20e%20cor%20no%20mtr%20-%20NAG.pdf>
- Heloani, R. (2003). *Gestão e organização no capitalismo globalizado: História da manipulação psicológica no mundo do trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Hirata, H. & Kergoat, D. (2003). A divisão sexual do trabalho revisitada. Em M. Maruni e H. Hirata. *As novas fronteiras da desigualdade*. São Paulo: Senac São Paulo.

- Hirata, H. & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, (pp. 595-609), set./dez.
- Hirata, H. (2002). *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo – SP: Boitempo.
- Houaiss, Antônio et al. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Objetiva, lxxxiii, 2922p
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2000). *Censo Demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2008a). *Pesquisa Mensal de Emprego. Suplemento Mulher: algumas características da inserção das mulheres no mercado de trabalho em Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre 2003-2008*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recuperado em 28 de setembro, 2008, de <http://www.ibge.gov.br>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2008b). Indicadores IBGE. *Estatística da Produção Pecúária*. Julho de 2008. Recuperado em 21 de junho, 2008, de <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagropecuaria/default.shtm>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2004). *Censo Demográfico 2000 - Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001*. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Informações de acordo com a Divisão Territorial vigente em 01.01.2001.
- Invernizzi, N. (2002). Trajetórias Ocupacionais de Trabalhadores Precariamente Escolarizados. In: *25ª Reunião anual da ANPED - GT9 Trabalho e Educação*. Caxambu, Minas Gerais. Recuperado em 30 de setembro, 2008, de <http://www.anped.org.br/reunioes/25/excedentes25/noelainvernizzit09.rtf>
- Kuenzer, A. Z., Abreu, C. B. de M., & Gomes, C. M. A. (2007). A articulação entre conhecimento tácito e inovação tecnológica: a função mediadora da educação. *Revista Brasileira de Educação*, (pp. 462-549) 12 (36).
- Laqueur, T. (1994). *La construcción del sexo: cuerpo y género desde los griegos hasta Freud*. (pp. 15-53). Valencia- España: Ediciones Cátedra.
- Lima, J. C. (2007). Do assalariamento e suas variações: do trabalho típico. In: I. C. F. Borsoi & R. A. Scopinho. *Velhos Trabalhos, novos dias*. (pp. 33-53). Fortaleza: Edições UFC.
- Louro, G. L. (2003). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. (5ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Manfredi, S. M. (2000). *Educação Profissional no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- Marx, K. (1867/1998). *O capital: crítica da economia política*. Livro 1. (16 ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Originalmente publicado em 1867).
- Matos, E. M. B. de. (2003). *Incidentes Críticos do Absenteísmo em Situações de Trabalho Industrial*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

- Mendes, A. A. (2001). Jejum Pré-abate em Frangos de Corte. *Revista Brasileira de Ciência Avícola*. vol. 3, no. 3. p. 199-209. Recuperado em 15 de outubro, 2007, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br
- Mesquita, R. G. (2005). *Perfil epidemiológico das trabalhadoras de uma agroindústria do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Saúde Coletiva. Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba - SC. Recuperado em 15 de outubro, 2007 de <http://www.unoescjba.rct-sc.br/>
- Miele, M., & Giroto, A. F. (2005). Análise da situação atual e perspectivas da avicultura de corte. *Ave World*, Paulínia, v. 14, (pp. 16-20), 25 fev. 2005.
- Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior [DEPLA]. (2008). Exportação Brasileira- Santa Catarina. *Principais Produtos Exportados*. Recuperado em 15 de outubro de 2008, de <http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/>
- Moraes, L. M., & Paula Junior, D. R. (2004). Avaliação da biodegradabilidade anaeróbia de resíduos da bovinocultura e da suinocultura. *Engenharia Agrícola*. Vol. 24, no. 2. (pp. 445-454). Recuperado em 25 de outubro, 2007, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br
- Moraes, M. S. V. et al (1997). Isolamento de esporos de equipamentos de abatedouros avícolas e avaliação de sua resistência a sanificantes químicos. *Ciência e Tecnologia de Alimentos*. vol. 17, no. 3. (pp. 325-329). Recuperado em 15 de outubro, 2007, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br
- Moreira, M. A. S. & Moraes, C.A. (2002). Resistência a antibióticos em bactérias Gram-negativas isoladas de carcaças de frangos. *Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.* Vol. 54, no. 1, Recuperado em 15 de outubro, 2007, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br
- Morin, E., Tonelli, M. J., & Pliopas, A. L. V. (2007). O trabalho e seus sentidos. *Psicologia e Sociedade*. (pp. 47-56). 19. Edição Especial 1.
- Mouchrek, E. (s.d.). Novos tempos para o licenciamento ambiental. *AVIMIG - Associação dos Avicultores de Minas Gerais*. Recuperado em 1 de dezembro, 2007, de http://www.avimig.com.br/index.php?Conteudo=meio_licenciamento
- Neli, M. A. (2006). *Reestruturação produtiva e saúde do trabalhador: um estudo com os trabalhadores de uma indústria avícola*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Medicina Social, Universidade de São Paulo/FMRP/USP, Ribeirão Preto.
- Ney, M. G. (2006). *Educação e desigualdade de renda no meio rural brasileiro*. Tese Doutorado, Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.
- Nicholson, L. (1987). Feminismo e Marx: integrando o parentesco com o econômico. Benhabib, S., & Cornell, D. (Orgs.). *Feminismo como crítica da modernidade*. (pp. 23-37). RJ: Rosa dos Ventos.
- Nogueira, D. P. (1984). Incorporação da saúde ocupacional à rede primária de saúde. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, v. 18, n. 6. Recuperado em 15 de outubro, 2007, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

- Normas básicas para instalação do S.I.E (2007). *Secretaria de Estado da Agricultura e desenvolvimento rural*, Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina. Diretoria Técnica Gerência de Inspeção de Produtos de Origem Animal. Recuperado em 16 de out. 2008, de www.cidasc.sc.gov.br
- Offe, C. (1989). *Trabalho e sociedade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Oliveira, S. de (2008). Doença do setor avícola tratada com seriedade. *Companhias Brasil*. Recuperado em 20 de novembro, 2000, de http://www.rel-uita.org/companias/cargill/enfermedad_sector_avicola-por.htm
- Parizzi, R. et al. (2007) Morfologia do ovário da ema (*Rhea americana*). *Pesq. Vet. Bras.* vol. 27, no. 3, (pp. 89-94). Recuperado em 15 de outubro, 2007, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br
- Paulilo, M. I. S. (1987a). *A Integração do Sul do Estado de Santa Catarina*. Tese de Doutorado, Instituto de Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Paulilo, M. I. S. (1987b). O peso do trabalho leve. *Ciência Hoje*. (pp. 64-70). Rio de Janeiro - RJ, v. 5, n. 28.
- Paulilo, M. I. S. (2004). Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. *Revista Estudos Feministas*, (pp. 229-252), Vol. 12, n.1 Florianópolis - SC: UFSC.
- Pegoretti, M. S. (2005). *Definição de um indicador para avaliar a acessibilidade dos alunos da zona rural às escolas urbanas*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP. Recuperado em 9 de jan, 2009, de <http://www.bdt.d.ufscar.br>.
- Perrelli, M. T. (2008). Mulheres em ocupações tradicionalmente masculinas: sentidos do trabalho. Em. M. C. S. Lago et al. *Gênero e pesquisa em psicologia social*. (pp. 261-271). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Perrot, M. (2007). *Minha história das mulheres*. Tradução: Ângela M. S. Córrea. São Paulo: Contexto.
- Ponsano, E. H. G., Lacava, P. M., & Pinto, M. F. (2003). Chemical composition of *Rhodocyclus gelatinosus* biomass produced in poultry slaughterhouse wastewater. *Braz. arch. biol. technol*, (pp. 143-147). Vol. 46, no. 2. Recuperado em 15 de outubro, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br
- Projeto de Lei 300 (2006). *Implementação de medidas preventivas à saúde dos trabalhadores em indústria de processamento avícola*. Estado de Santa Catarina. Recuperado em 20 de novembro, 2007, de http://www.rel-uita.org/salud/ler/ler_brasil/index.htm
- Roça, R. O. (2000). Abate de aves. *Artigo Técnico*. São Paulo. Botucatu: FCA-UNESP. Recuperado em 27 de setembro, 2008, de <http://dgta.fca.unesp.br/carnes/Artigos%20Tecnicos/Roca104.pdf>
- Ruiz, J. L. (1999). *Tendinite e tenossinovite em trabalhadores de abatedouro de aves*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, Curitiba- PR.

- Saffioti, H. I. B. (1976). *A mulher na sociedade de classes*. (pp. 23-133). Petrópolis: Vozes.
- Salvitti, A., Viegas, L. de S., Mortada, S. P., & Tavares, D. S. (1999). O trabalho do camelô: trajetória profissional e cotidiano. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, vol. 2, (pp. 1-23). Recuperado em 21 de julho, 2008, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br
- Santos, M. de F. de. (1990). *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: EPU.
- Sato, L. (2007). Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. *Psicologia & Sociedade*. (pp. 95-102) Porto Alegre, v. 19, número especial. Recuperado em 17 de outubro, 2008, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br
- Sato, L., & Lacaz, F. A. de C. (2000). Condições do trabalho e saúde dos trabalhadores (as) do ramo de alimentação. *Cadernos de Saúde do trabalhador*. Capítulo: O trabalho da mulher. (pp. 26-28). Recuperado em 29 de junho, 2008, de <http://normasregulamentadoras.files.wordpress.com/2008/06/alimentacao.pdf>
- Scott, J. (1998). Entrevista. *Revista de Estudos Feministas*, (pp. 114-124), vol. 6, n.1.
- Scott, J. (1999). Igualdade versus diferenças: os usos da teoria pós-estruturalista. *Debate Feminista* (Cidadania e Feminismo), (pp. 203-222), número especial.
- Silva, M. A. N. et al. (2007). Avaliação do estresse térmico em condição simulada de transporte de frangos de corte. *Revista Brasileira de Zootecnia*. v. 36, n. 4, supl. (pp. 1126-1130). Recuperado em 15 de outubro, 2007 da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br
- Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina (2005-2006). *Carne de frango*. (pp. 142-147). Recuperado em 22 de outubro, 2007 de http://cepa.epagri.sc.gov.br/Publicacoes/sintese_2006/frango_2006.pdf.
- Soares, D. H. P., Sestren, G. (2007). A trajetória sócio-profissional. In: *Orientação Profissional: Teoria e Técnica*. (pp. 81-96) São Paulo: Vetor/ABOP, v. 3.
- Sorj, B., Pompermayer, M. J., & Coradini, O. L. (2006). Camponeses e agroindústria transformação social e representação política na avicultura brasileira. *Centro Edelstein de Pesquisas Sociais*. Rio de Janeiro. Recuperado em 20 de novembro, 2007, de www.centroedelstein.org.br
- Sorj, B.; Fontes, A. & Machado, D. C. (2008). Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil, *Cadernos de Pesquisa*, (pp. 573-594). v. 37, n. 132.
- Souza-Lobo, E. (1991). *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Brasiliense.
- Spink, M. J. P., & Frezza, R. M. (2004). Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. In: Spink, M. J. P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. (3ª ed.). São Paulo: Cortez.

- Spink, M. J. P., & Lima, H. (2004). Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, M. J. P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. (3ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Spink, M. J. P., & Medrado, B. (2004). Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: Spink, M. J. P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. (3ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Spink, M. J. P., & Menegon, V. M. (2004). A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: Spink, M. J. P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. (3ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Spink, P. K. (2008). O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*. (pp. 70-77). v. 20, número especial.
- Stecher, A., Godoy, L., & Díaz, X. (2005). Relaciones de producción y relaciones de género en un mundo en transformación. In Scharstein, L., & Leopold, C. (Orgs.). *Trabajo y subjetividad: entre lo existente y lo necesario*. (pp. 71-111). Buenos Aires: Paidós.
- Stolf, M. C. (2007). *Os sentidos atribuídos por agricultores às tecnologias utilizadas em seu cotidiano de trabalho*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Stringhini, J. H. et al (2003). Avaliação do desempenho e rendimento de carcaça de quatro linhagens de frangos de corte criadas em Goiás. *Revista Brasileira de Zootecnia*, (pp. 183-190), vol. 32, nº 1. Recuperado em 15 de outubro, 2007, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br
- Stropasolas, V. L. (2004). Visões de mundo rural dos jovens: da invisibilidade social à busca da cidadania. In: Aued, B. W., & Paulilo, M. I (Orgs.). *Agricultura familiar*. (pp. 153-170). Florianópolis: Insular.
- Stropasolas, V. L. (2006). *O mundo rural no horizonte dos jovens*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Tavolaro, P. et al. (2007). Empowerment como forma de prevenção de problemas de saúde em trabalhadores de abatedouros. *Rev. Saúde Pública*. (pp. 307-312) São Paulo, v. 41, n. 2. Recuperado em 11 de maio, 2007, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br
- Tolfo, S. R., & Piccinini, V. C. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia e Sociedade*, (pp. 38-46). V. 19.
- Tolfo, S. R., Coutinho, M. C., Almeida, A. R., Baasch, D., & Cugnier, J. S. (2005). Revisitando abordagens sobre sentidos e significados do trabalho. In: Fórum CRITEOS, *Anais, Fórum Criteos*, 2. Porto Alegre, RS: UFRGS/EA; Quebec, Canadá: HEC.
- União Brasileira de Avicultura [UBA]. (2008). *Protocolo de boas práticas de produção de frangos*. Recuperado em 24 de setembro, 2008, de

http://www.uba.org.br/protocolo_de_boas_praticas_de_producao_de_frangos_14_07_08.pdf

Velho, G. (2003). *Projeto e Metarmofose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

Wanderley, M. de N. (2000). A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 15, outubro. (pp. 87-145). Recuperado em 27 de setembro, 2007, em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar>

Yin, R. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. (3ª ed.) Porto Alegre, RS: Bookman, 212 p, il. Tradução de: Case study reserch: design and meyhods.

Zago, N. (2003). A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: Zago, N, Carvalho, M. P., & Teixeira, R. A. (Orgs.). *Itinerários de pesquisa: Perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A.

Sites consultados:

Biblioteca Virtual da Mulher - <http://www.prossiga.br/bvmulher/cedim/>

Mulheres de Olho -http://www.mulheresdeolho.org.br/?page_id=15

Perdigão- <http://www.perdigao.com.br/historia.htm>

Sadia- http://www.sadia.com.br/br/empresa/historico_90.asp.

9 APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Laila Priscila Graf, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, e estou desenvolvendo a pesquisa **Os sentidos atribuídos ao trabalho por mulheres que atuam em um abatedouro avícola de médio porte**, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Chalfin Coutinho.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os sentidos atribuídos ao trabalho por mulheres que atuam em um abatedouro. Gostaria de convidá-la para esta pesquisa, que ocorrerá por meio de entrevista e pedir sua autorização para o uso do gravador. Sendo seu interesse, trarei o material transcrito para você ler e corrigir o que achar necessário. Esta pesquisa não traz riscos ou desconfortos, mas esperamos que possa melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores em agropecuárias, de forma a subsidiar projetos e planejamentos de políticas públicas, de saúde e educação.

De acordo com as leis e normas éticas que envolvem as pesquisas em nosso país, posso garantir que as informações fornecidas serão confidenciais, o resultado da pesquisa somente será divulgado com o objetivo científico, também manteremos a sua identidade em sigilo, tal como da instituição onde você trabalha.

Lembramos que a sua participação nesta pesquisa não é obrigatória e você pode manifestar a intenção de não continuar participando a qualquer momento, sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Se você tiver dúvidas em relação à pesquisa, ou não quiser mais seus dados utilizados, coloque-me disponível nos telefones (47) 9969-2990 ou (47) 3321-0525.

Assinaturas:

Pesquisadora: _____

Pesquisador responsável: _____

Eu, _____, fui esclarecida sobre a pesquisa **“Os sentidos atribuídos ao trabalho por mulheres que atuam em um abatedouro avícola de médio porte”** e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

(local e data)

Assinatura: _____

RG: _____

Apêndice B – Roteiro de Entrevista para as Trabalhadoras

Data:

Tempo de duração da entrevista:

1) Identificação

Nome (fictício): Data da Nascimento:

Escolaridade: Naturalidade:

Estado Civil:

Filhos: () Tem () Não Tem Quantos (idade): _____

Endereço para contato: _____

Telefone: _____

Atividade atual na empresa: _____

Tempo de permanência na empresa: _____

Situação empregatícia do cônjuge: _____

Quem é o principal responsável pelo sustento da casa? _____

2) Cotidiano de trabalho no abatedouro

Quando você começou a trabalhar no abatedouro?

Você antes conhecia um abatedouro?

Que funções você já teve nesta empresa?

Descreva o seu trabalho aqui no abatedouro.

Existe diferença entre o que os homens e as mulheres fazem aqui? Quais?

Como são as relações entre os trabalhadores neste estabelecimento?

Como são as oportunidades de trabalho nessa região?

O que mais gosta desse trabalho? E o que não gosta?

3) Trajetória de Trabalho

Como foi a sua trajetória de trabalho?

Quando (com que idade) você começou a trabalhar? Fazendo o que?

Por que você começou a trabalhar?

A sua família (pais e avós) trabalhavam em quê?

Quais outros trabalhos que você já teve? O que fazia?

Você gostaria de realizar outra atividade profissional?

Que atividades ainda pretende realizar?

O que espera do seu futuro profissional?

O que significa trabalho para você?

O que significa emprego para você?

4) Cotidiano de Trabalho na Vida Doméstica

Onde mora? (casa dos pais, própria, na cidade ou em propriedade rural)

Que atividades você realiza em casa?

O que faz em suas horas vagas?

Quem cuida das crianças (se tiver filhos)?

Você realiza outra atividade profissional além da atividade no abatedouro?

Na casa onde você reside, existem animais para produção de corte?

5) Fechamento da Entrevista

Você gostaria de comentar algo mais sobre esses assuntos?

Agradecer a participação e questionar a possibilidade de entrar em contato com o entrevistado se surgir necessidade de mais informações e sobre interesse em receber transcrições e/ou resultados da pesquisa

Apêndice C – Roteiro de Entrevista para o Encarregado

1) Identificação

Data de Nascimento:

Naturalidade:

Escolaridade:

Estado civil/ filhos:

Atividade atual na empresa:

2) Cotidiano do Trabalho e Características do Abatedouro

Como o Senhor chegou a este trabalho?

Quais foram as mudanças que ocorreram desde quando o Senhor assumiu como encarregado deste estabelecimento?

O Senhor já trabalhou na produção?

Quais as características da mão-de-obra deste estabelecimento?

Por que existem mais mulheres do que homens neste estabelecimento?

Quais as características do trabalho feminino aqui?

Como o senhor avalia as relações entre os trabalhadores?

Como é o processo de recrutamento e seleção dos funcionários?

Em outro dia, o Senhor me falou que algumas trabalhadoras vieram da Apae, como foi isto?

Por que a rotatividade dos funcionários?

Apêndice D – Roteiro de Entrevista para o Proprietário

Qual é a quantidade média de abate por dia?

Qual a quantidade de trabalhadores?

Quais são as outras empresas integradas no processo produtivo? Criação? Insumos?

Como é organizada a produção?

Percebemos que há divisões das atividades administrativas e produtivas, como é esta divisão? Cada pessoa é responsável por quê?

Como é processo de recrutamento e seleção dos funcionários?

Como é elaborada a remuneração para os trabalhadores? Quais seriam os critérios?

Dentro da produção, qual o cargo com remuneração mais alta? Qual o menor?

Como iniciou a atividade do estabelecimento?

Como foi sua fundação e como era?

Em algumas entrevistas soubemos que alguns funcionários moram em residência fornecida pela empresa, como funciona este processo?

Fechamento da Entrevista

Uma funcionária comentou que existem fotos antigas do estabelecimento e dos funcionários, gostaria de saber se é possível conhecê-las.

Agradeço a oportunidade em realizar esta pesquisa, vendo também a possibilidade de retornar caso haja dúvidas.

Também saber seu interesse na devolutiva dessa entrevista, com a transcrição da gravação, como na da pesquisa em geral para a empresa e para os funcionários participantes.

Perguntar sobre as tabelas.

10 ANEXO

Anexo A - Termo de Aprovação de Projeto no Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS - CEPESH
PARECER CONSUBSTANCIADO - PROJETO Nº 354/07

I - Identificação:

Título do Projeto: OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO TRABALHO POR MULHERES QUE ATUAM EM UM ABATEDOURO AVÍCOLA DE MÉDIO PORTE.

Área: Psicologia

Pesquisador Responsável: Profª Maria Chalfin Coutinho (Departamento de Psicologia)

Pesquisador Principal: Laila Priscila Graf (Mestranda em Psicologia)

Data Coleta dados: 04/02/08 a 30/05/08.

Instituição onde a pesquisa será conduzida:

Data de apresentação ao CEP: dez/07

II - Objetivos:

Geral: Investigar os sentidos atribuídos ao trabalho por mulheres que atuam em um abatedouro avícola de médio porte.

Específicos:

- Pesquisar as trajetórias profissionais, as relações de trabalho e perspectivas futuras dessas trabalhadoras;
- Caracterizar as especificidades do trabalho feminino nos discursos das mulheres investigadas;
- Compreender como as mulheres investigadas vivenciam o trabalho em um abatedouro.

III - Sumário do Projeto

Projeto de pesquisa qualitativa para dissertação de Mestrado em Psicologia em que serão realizadas entrevistas individuais com 10 trabalhadoras de um abatedouro avícola de médio porte além de observação pela pesquisadora principal. As entrevistas serão gravadas, transcritas e devolvidas as participantes para aprovação. A análise dos dados será feita por análise do discurso com 2 procedimentos do construcionismo social, segundo Spink e Lima (2004): árvores de associações para análise de fragmentos das falas e as linhas narrativas para análise do trajeto vivenciado pelo sujeito, descritos no projeto.

IV - Comentário

O projeto está bem elaborado e estruturado em referencial teórico e metodológico consistente. A revisão de literatura é adequada e o currículo das pesquisadoras atesta condições para o desenvolvimento do estudo.

Os riscos não foram previstos e os benefícios incluem ampliação da compreensão dos sentidos atribuídos ao trabalho pelas participantes, podendo nortear ações públicas, de saúde, de educação, ou seja, intervenções sociais a partir da realidade delas. Poderá constituir-se um modelo de trabalho em vista o exposto, somos de parecer favorável a aprovação do referido projeto.

*Informamos que o parecer dos relatores foi aprovado, em reunião deste Comitê na data de 17 de dezembro de 2007.



Prof. Washington Portela de Souza
Coordenador em Exercício da Comissão
de Ética em Pesquisa - CEPESH/UFSC.

Fonte: CONEP/ANVS - Resoluções 196/96 e 251/97 do CNS.